

Resiane Silveira (Org.)

# **Pensamentos e Influências em RELIGIÃO e TEOLOGIA**



**V.7**  
2023

  
Editora  
**UNIESMERO**

Resiane Silveira (Org.)

# **Pensamentos e Influências em RELIGIAO e TEOLOGIA**



**V.7**  
2023

  
Editora  
**UNIESMERO**

**2023 – Editora Uniesmero**

[www.uniesmero.com.br](http://www.uniesmero.com.br)

uniesmero@gmail.com

**Organizadora**

Resiane Paula da Silveira

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração e Arte:** Resiane Paula da Silveira

**Imagens, Arte e Capa:** Freepik/Uniesmero

**Revisão:** Respectivos autores dos artigos

**Conselho Editorial**

Dr. Jadilson Marinho da Silva, Secretaria de Educação de Pernambuco, SEPE

Dra. Claudia de Faria Barbosa, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Dr. Lucas Dias Soares Machado, Universidade Regional do Cariri, URCA

Dra. Rosilene Aparecida Froes Santos, Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES

Dr. Iran Rodrigues de Oliveira, Faculdade de Ciências e Tecnologia Professor Dirson Maciel de Barros, FADIMAB

Dra. Viviane Lima Martins, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, IFMG

Dra. Cristiana Barcelos da Silva, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, UENF

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587p Silveira, Resiane Paula da  
Pensamentos e Influências em Religião e Teologia - Volume 1 /  
Resiane Paula da Silveira (organizadora). – Formiga (MG): Editora  
Uniesmero, 2023. 126 p. : il.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-84599-99-4  
DOI: 10.5281/zenodo.7750592

1. Religião. 2. Teologia. 3. Pensamentos. 4. Influências. 5.  
Sociedade. I. Silveira, Resiane Paula da. II. Título.

CDD: 291  
CDU: 291

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero  
CNPJ: 35.335.163/0001-00  
Telefone: +55 (37) 99855-6001  
[www.uniesmero.com.br](http://www.uniesmero.com.br)  
[uniesmero@gmail.com](mailto:uniesmero@gmail.com)  
Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:  
<https://www.uniesmero.com.br/2023/03/pensamentos-e-influencias-em-religiao-e.html>



**AUTORES**

**ADRIANA FERNANDES BALBI  
ANDRELINA APARECIDA GONZAGA OLIVEIRA DOMBROWSKI  
ARTHUR AUGUSTO DE OLIVEIRA NOGUEIRA  
DEISE REGINA BADOTTI BASTOS  
DONATO FARINELLI DE SOUZA  
ELIAS WOLFF  
FELIPE DE LIMA FRANÇA  
JEAN MICHEL ALVES DAMASCENO  
JUNGLEY DE OLIVEIRA TORRES NETO  
LUCIMAR ROSA DIAS  
MARITANA DRESCHER DA CRUZ  
NAIARA FERRAZ BANDEIRA ALVES  
RENATO QUEZINI  
SEVERINO VICENTE DA SILVA  
TIAGO BORGES DE ALMEIDA**

## APRESENTAÇÃO

“A religião sempre esteve ligada ao ser humano, podemos dizer que está praticamente inerente ao mesmo. É criação humana, surge como primeira tentativa de explicar o mundo. O homem, ao se deparar com o mundo, se indaga sobre a sua existência, a partir do despertar e construção da sua consciência e, desta forma ao se confrontar com o mistério do mundo, encontra neste, uma sacralidade. Seu relacionamento com a natureza é direto, é sua fonte imediata de sobrevivência e de perigo” (Rohregger, Roberto. A influência da religião na sociedade, 2020).

A própria vida e morte são grande mistério, então, o homem primitivo passa a ressignificar o processo da vida através das perspectivas religiosas, e é isto que lhe dá sentido e direção” (Rohregger, Roberto. A influência da religião na sociedade, 2020).

O ser humano se constitui, enquanto pessoa do bem e para o mesmo, a partir de vários fatores importantes para a sua boa conduta, entre eles, a racionalidade, a linguagem e a espiritualidade. Nos deteremos mais, neste texto, sobre o aspecto da espiritualidade, por ser uma prática humana motivada pela religião.

A Teologia proporciona um aumento da sua bagagem sobre fé, religião e religiosidade. E possibilita uma base sólida para argumentar e responder as perguntas sobre Deus. Também permite que você utilize a razão para explicar os fenômenos religiosos, pautados pela ciência.

A obra apresenta trabalhos com a temática Pensamentos e Influências em Religião e Teologia, a interação do indivíduo com a sociedade, bem como nos traz reflexões para Professores, estudantes e a própria comunidade, pensando em diferentes formas de transformar e melhorar a nação.

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1</b> <b>MULHER NO CAMINHO DA SINODALIDADE</b> <i>Deise Regina Badotti Bastos; Elias Wolff</i>	<b>8</b>
<b>Capítulo 2</b> <b>UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL NA PERSPECTIVA DA COSMOVISÃO CRISTÃ</b> <i>Donato Farinelli de Souza</i>	<b>21</b>
<b>Capítulo 3</b> <b>O “PADRE DAS BÊNÇÃOS” UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DAS MISSAS DE CURA E LIBERTAÇÃO CELEBRADAS PELO PADRE MOACIR CARREIRO NA PARAÍBA</b> <i>Naiara Ferraz Bandeira Alves</i>	<b>31</b>
<b>Capítulo 4</b> <b>GRUPO DE ESTUDO FORMADORES EM AÇÃO: UMA POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DOS/DAS PROFESSORES/RAS DE ENSINO RELIGIOSO DO PARANÁ?</b> <i>Maritana Drescher da Cruz; Andrelina Aparecida Gonzaga Oliveira Dombrowski; Lucimar Rosa Dias</i>	<b>46</b>
<b>Capítulo 5</b> <b>PENTECOSTALISMO CÍVICO: TEOLOGIA, IDENTIDADE E MISSÃO</b> <i>Arthur Augusto de Oliveira Nogueira; Tiago Borges de Almeida</i>	<b>55</b>
<b>Capítulo 6</b> <b>A INICIAÇÃO CRISTÃ NO DOCUMENTO DE APARECIDA E OS MINISTÉRIOS ENVOLVIDOS</b> <i>Renato Quezini</i>	<b>66</b>
<b>Capítulo 7</b> <b>A SINODALIDADE, UM ITINERÁRIO ESTRATÉGICO DE PARTICIPAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS PROCESSOS PASTORAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA CONFSSIONAL</b> <i>Jean Michel Alves Damasceno</i>	<b>79</b>
<b>Capítulo 8</b> <b>SANTUÁRIO DA SERRA DA PIEDADE: ARTE SACRA PERSPECTIVA DA LINGUAGEM DO CULTO MARIANO</b> <i>Adriana Fernandes Balbi</i>	<b>85</b>
<b>Capítulo 9</b> <b>“DESPERTAR OS LEIGOS PARA UMA AÇÃO NO CAMPO”: UM GRITO NO NORDESTE POR DIREITOS (1967)</b> <i>Felipe de Lima França; Severino Vicente da Silva</i>	<b>93</b>
<b>Capítulo 10</b> <b>REFLEXÕES HERMENÊUTICAS E FILOSÓFICA À DECOLONIALIDADE: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES ÀS TEORIAS DA RELIGIÃO</b> <i>Jungley de Oliveira Torres Neto</i>	<b>107</b>
<b>AUTORES</b>	<b>123</b>

**Capítulo 1**  
**MULHER NO CAMINHO DA SINODALIDADE**  
*Deise Regina Badotti Bastos*  
*Elias Wolff*

# MULHER NO CAMINHO DA SINODALIDADE

**Deise Regina Badotti Bastos**

*Mestranda de Teologia do Programa de Pós-Graduação PUCPR. Bacharel em Teologia pela PUCPR. – E-mail: deiserbbastos@gmail.com*

**Elias Wolff**

*Doutor em Teologia, professor titular da PUCPR, docente do Programa de Pós-Graduação PUCPR. – E-mail: elias.wolff@pucpr.br*

## RESUMO

Esta proposta de trabalho tem como escopo discutir o papel da mulher no caminho da sinodalidade, no espaço cristão católico, identificando sobretudo, a diaconia, ou seja, serviço desenvolvidos por elas, no entanto, invisível. Tal abordagem se justifica na questão: onde a igreja de hoje estaria sem as mulheres. Uma vez que, prevalece a invisibilidade delas na ação evangelizadora que acontece no interior e fora do templo? Fato que, o catolicismo, passa por indagações, desafios e sobretudo, questionamento da invisibilidade feminina. Desse modo, o objetivo deste estudo é identificar, o dom e carisma feminino, entendendo as mulheres como protagonistas a serviço da evangelização e do bem comum na sociedade. O método do estudo é a análise qualitativa da bibliografia colida de publicações disponível que trabalham o tema proposto, como também procura apresentar, num breve ensaio bibliográfico, sobre o processo sinodal de 2021-2023 – “*Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação, missão*”. Em síntese a análise do estudo constatou que as mulheres cristãs são de profunda espiritualidade, verdadeiras testemunhas do Evangelho, que contribuem com seu dom e força, ajudando a igreja a manter-se em pé e enfrentar os desafios da missão no nosso tempo. Por fim, conclui que elas são as verdadeiras heroínas da igreja, sem deixar de lado seus traços e estilo feminino, seguem fielmente ao ensinamento de Jesus, Ser o serviço desinteressado para os outros.

**Palavras-chave:** Sinodalidade; Igreja; Mulher; Diaconia.

## ABSTRACT

His work propose is scoped to discuss the woman`s role in the synodality path, on the Christian catholic space, to identify mostly the service, or in other words, the work performed by them, nevertheless, invisible. This approach is justified at the question: where would be the Church today without women. Once, their invisibility remains in the evangelizing action that happens inside and outside the temple. Is a

fact that the Catholicism goes thru inquires, challenges and on top of that, is questioned about women invisibility. In this way, the study has the objective to identify the female gift and charisma, understanding women as protagonists serving the evangelization and the society common good. The study method is qualitative analysis of the collated bibliography of available publications working on the proposed theme, as well present, in a brief bibliographic essay, about the synodic process 2021-2023 – “For one Synodic Churches: communion, participation, mission”. In synthesis, the study analyses establishes that Cristian women have a deep spirituality, truly Gospel witness, who contribute with strength and gifts, to help the Church remains strong and face our time challenges. Last of all, concludes that woman are the real church heroes, without leave their figure and female style, faithfully following the teaching of Jesus. Being the disinterested service for the others.

**Keywords:** Synodality; Church; Woman: Service

## INTRODUÇÃO

O cristianismo é uma religião histórica, o catolicismo é parte integrante desta da história, visto que, a fé cristã está viva e enraizada na cultura dos povos. Todavia, pensando, e de certa forma sentimos e vivenciamos a Igreja Católica, como uma estrutura funcional predominante masculina, porém não uma realidade isolada, acabada e tampouco caduca. Aliás, o *Concílio Vaticano II* (1962-1965), não deixa dúvida, a Igreja realiza com esforço a atividade missionária em “reunir todas as forças dos fiéis para que o Povo de Deus, continuando a seguir pelo caminho estreito da cruz” (AG, n.1, p.432). À vista disso, não pode limitar-se a responsabilidade da atividade missionária de evangelização apenas aos seus dignitários, mas sim envolver todo o “Povo de Deus”, inclusive as mulheres.

Como consta em textos sagrados, as mulheres sempre fizeram parte, exerceram atividades, contribuíram de uma maneira ou outra, sustentaram com sua ternura e criatividade. E, ainda hoje são as protagonistas do tempo, discípulas missionárias, catequistas, voluntárias leigas que atuam de maneira significativa, no seguimento a Jesus Cristo, pela fé, partilha da vida, doam e conduzem o ensinamento à plenitude de vida em Cristo, no projeto caminhar juntos, unidos na esperança e o amor. Repletas de dons e carismas, esbanjam beleza, criatividade e serviço. Na carta aos Romanos (16,1ss), Paulo apresenta as mulheres protagonistas da comunidade de fé, dignas de respeito, merecedoras de recomendações e carinho por parte de

todos, fato que, exercem ministérios e funções importantes de diaconisa, colaboradora, trabalhadora, apóstola, batalhadoras. E, ainda como consta na carta aos Filipenses (4,3), “elas lutaram comigo pelo Evangelho”, Paulo se refere a liderança feminina, lutadoras ao lado dele na evangelização. Evidentemente a presença e a função delas, certamente, eram sinal visível de beleza e eficácia. Ademais, o Evangelista Mateus retrata a alegria e confiança das mulheres no mistério Pascal, as portadoras da Boa Nova.

Papa Francisco através do processo sinodal de 2021-2023 – “*Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação, missão*”, busca dar continuidade ao programa de reforma iniciado no Concílio Vaticano II, ao usar o termo “em saída”, deixa claro que deseja uma “Igreja com as portas abertas”, não mais aprisionada à própria referência, destaca ainda ao dizer que, “A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai” [...] e que “todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade” (EG 2013, p.40-41, n.46-47).

Diante disso, aprofundar este tema é deveras importante, para que saibamos reconhecer e acolher a indispensável contribuição feminina na Igreja e na sociedade. Vale notar que, é fundamental romper as ‘paredes’ ideológica da indiferença de gênero e machismo, e sim, fomentar a participação conjunta entre os homens e as mulheres. Enquanto essa perspectiva é aventada, subverte a moral vigente do tradicionalismo e até mesmo do fundamentalismo de cunho eminentemente patriarcal conduzidos somente por homens. Portanto, urge rever e renovar o exercício da conversão de uma Igreja que se inscreve no horizonte da fé e esperança, atenta aos desafios e possíveis mudanças futura para um caminhar juntos, e conseqüentemente uma escuta e discernir enfrentado pela diversidade de dons, carismas e vocações, presentes nos homens e mulheres.

## **1. HOMENS E MULHERES NO INTERIOR E FORA DOS TEMPLOS: vocação missionária na perspectiva do caminhar**

Na Igreja católica o Papa João XXIII, impulsionou a modernidade ao convocar o Concílio em 25 de janeiro de 1959, audacioso, desejava colocar a Igreja em um tempo novo, ou seja, atualizar e dialogar, através do *Concílio Ecumênico* (1962 a 1965), logo, queria um agir de dentro para fora da igreja, com a consciência que nos reúne em um patamar ecumênico com a criação. Dessa forma, propôs a aproximação

e mútua integração entre os indivíduos, fortalecendo-os socialmente na unidade, na ação em todos os campos. Como também, recomenda que todos e todas tenham uma melhor formação cultural e social, que “suscite homens e mulheres não apenas cultos, mas também de forte personalidade, tão urgente requeridos pelo nosso tempo” (GS, p.573, n.31).

E, ainda o Concílio, dirige-se aos fiéis leigos e leigas, reconhecendo-os, cujas funções, próprias e necessárias na missão eclesial, “o apostolado dos leigos, uma vez que dimana da sua própria vocação, jamais pode deixar de existir na Igreja” [...], o documento afirma que, “os leigos, tornados participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, realizam na Igreja e no mundo a parte que lhes cabe na missão” [...]. Prossegue, “eles próprios são chamados por Deus a exercerem aí o seu apostolado, à maneira de fermento, com entusiasmo e espírito cristão” (AA, p.370, n.1). Dessa forma, os cristãos leigos – homens e mulheres – são convidados a colocar-se no serviço da construção da comunidade eclesial e da sociedade em geral. Uma vez que, são verdadeiro sujeito eclesial, “aberto ao diálogo, à colaboração e a corresponsabilidade com os pastores. Como sujeito eclesial, assume seus direitos e deveres na Igreja [...]. Ser sujeito eclesial significa ser maduro na fé, testemunhar amor à Igreja, servir os irmãos e irmãs” (CNBB, Doc105, p.69, n.119). Assim, a missão tornou-se paradigma estruturante de todo existir e agir eclesial no mundo de hoje. Pois, os leigos e leigas, tornam parte da comunidade eclesial, conduzem a Igreja, colaboram com seus dons, carismas, funções e ministérios e, sobretudo evangelizam, ou seja, a unidade que se concretiza pela diversidade. À vista disso, o Concílio propõe união íntima entre Igreja e toda família humana, uma vez que, se prestam mútuo serviço, pois, todos “são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus” (GS, p.566, n.24). No entanto, reconhece que há variedade de forças, físicas, intelectuais e morais em cada pessoa. Porém, destaca a importância do não equiparar forças e capacidades de cada um, porque, “qualquer forma social ou cultural de discriminação, quanto aos direitos fundamentais da pessoa, por razão de sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião” (GS, p.571, n.29) é contrária a ação e vontade divina.

Entretanto, O *Documento de Santo Domingo* (1992), observa: “A maior parte dos batizados ainda não tomou plena consciência de sua pertença à Igreja. Sentem-se católicos, mas não Igreja. Poucos assumem os valores cristãos como elemento de sua identidade cultural.” (DSD 1992, p.104, n.96). Por consequência disso, no intuito de manter viva a Igreja, Papa Francisco impulsiona os discípulos e discipulas, faz um

vigoroso chamado para que todo o Povo de Deus seja missionário(a) da Boa Nova. Ou melhor, toda a Igreja é convidada a ir ao encontro do outro para o diálogo, escuta e oração. Resultado desse chamado, a Igreja católica coloca-se em nível global, com a maior escuta do Povo de Deus, no qual, propõe um caminhar junto, uma Igreja missionária aberta na reciprocidade e no diálogo, no encontro e no respeito, e sobretudo no discernir paciente. Visto que, a Igreja como discípula missionária “é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai”. [...], ou seja, “todos podem fazer parte da comunidade” (EG 2013 p.41, n.47). Papa Francisco, enfatiza do dever de uma Igreja missionária em “saída”, uma vez que, dessa forma, poderá oferecer a todos(as) uma vida em Cristo, pois prefere uma “Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 2013 p.43, n.49).

Não há dúvida, a sinodalidade eclesial é, uma dimensão constitutiva da igreja, dessa forma entende-se, essencialmente a constante busca de unidade, o ser comunhão, na qual, se realiza no caminhar juntos, com a participação de todas as pessoas batizadas no amor, e pela graça repleta de dons, carismas e vocação, na prática do exercício da missão evangelizadora para o bem da criação e, o cuidado da *Casa Comum*. Segundo o documento da *Comissão Teológica Internacional*, a sinodalidade eclesial é o “compromisso e a participação de todo povo de Deus na vida e missão da igreja”. (CTI, 2018, n.7).

A sinodalidade exprime o ser sujeito de toda Igreja e de todos na Igreja. Os fiéis são ouvidos, companheiros de caminho, chamados a ser sujeitos ativos enquanto participes do único sacerdócio de Cristo e destinatários dos diversos carismas comunicados pelo Espírito Santo em vista do bem comum. A vida sinodal testemunha uma Igreja constituída por sujeitos livres e diversos, unidos entre si em comunhão, que se manifesta de forma dinâmica como sujeito comunitário, o qual, apoiando-se sobre a pedra angular que é Cristo. (CTI, 2018, n.55)

A sinodalidade é posta para vivificar a vida e a missão evangelizadora no caminho comum. Conforme, Papa Francisco expõe em *Querida Amazônia*:

Tudo o que a Igreja oferece deve encarna-se de maneira original em cada lugar do mundo, de modo que a Esposa de Cristo adquira rostos multiformes que manifestem melhor a riqueza inesgotável da graça. Deve encarnar-se a pregação, deve encarnar-se a espiritualidade, devem encarnar-se as estruturas da Igreja. (QA, 2020, p.8, n.6)

Em suma, para a efetiva vivificação da Igreja, necessita na acrescida fidelidade à sua vocação, e ainda uma conversão e renovação, escuta e discernimento. Ou seja, contribuição e qualificação, no âmbito de competências, dos fiéis leigos engajados e entre estes, as mulheres. Assim, conversão, renovação, escuta e discernimento, exprimem a compreensão como elementos essenciais rumo ao processo de igualdade, no decidir juntos.

## 2. MULHER CRISTÃ LEIGA: Presença, Fecundidade e diaconia

O *Concílio Vaticano II* (1962 a 1965), representa um alvorecer na perspectiva feminina, na renovação com a modernidade, na luta pelos direitos humanos, ultrapassando todo tipo de discriminação ou exclusão. De fato, mais de meio século se passaram, e o Concílio, de forma alguma é um evento inválido ou tampouco, um projeto ultrapassado. Porém, convém ressaltar que, a recepção dessa renovação, não foi isenta de equívocos pastorais e de interpretações distorcida. Pela razão de que cinco décadas já passaram, e ainda esbarra na dificuldade de muitos católicos em robustecer sua visão do presente para mudanças futura, alguns desafios eclesiais exigem a necessidade de conversão, mudanças de mentalidade e atitudes. Visto que, é uma estrutura predominantemente masculina/patriarcal, ou seja, com centralidade de poder na figura do homem.

O *Documento de Puebla* (1979), expõe a fragilidade da Igreja em relação a figura feminina “a própria Igreja, tem havido por vezes uma valorização insuficiente da mulher e uma escassa participação da mesma em nível de iniciativas pastorais” (DPb, p.225, n.839). Prossegue, mas apesar de lento, é sinal positivo, a “crescente inclusão da mulher em tarefas da construção da sociedade, o ressurgimento de organizações femininas que trabalham por conseguir a promoção e incorporação da mulher em todos os âmbitos” (DPb, p.225, n.840). No entanto, o documento reconhece e faz uma reflexão da mulher que está em constante diaconia na Igreja, pois com suas aptidões poderá contribuir para a missão e planejamento pastoral, além disso, ela “deve estar presente nas realidades temporais, contribuindo com o seu ser próprio de mulher, para participar com o homem na transformação da sociedade” (DPb, p.227, n.848). Uma vez que, a Igreja é chamada a contribuir para a promoção humana das mulheres. Não obstante, um desses desafios enfrentados pela Igreja católica é o da invisibilidade da figura da mulher, que partilha vida, evangeliza, educa, voluntárias que atuam de

maneira expressiva dentro e fora do templo. Durante séculos elas mantiveram a Igreja erguida, guiadas pelo espírito da humanidade e compaixão no serviço ao outro, incansáveis no trabalho voluntário, constituem presença ativa e fecunda. O *Documento de Aparecida* (2007), destaca a importância de ater-se a “antropologia cristã, somos criados à imagem e semelhança de Deus, portanto igual identidade entre homem e mulher” e ainda, salienta “O mistério da Trindade nos convida a viver uma comunidade de iguais na diferença” (DAP, p.202, n.451). Para a fé cristã, Deus é Trindade, símbolo de comunhão e amor das três Pessoas divinas, Pai-Filho-Espírito Santo – tem seu modelo perfeito, sua motivação mais bela para a humanidade. O Deus-Sophia que corresponde a si próprio em fidelidade irrestrita e realidade suprema. Ação, operativa e pedagoga da Sagrada Sabedoria que está com e por todo ser humano, na essencial disposição de reciprocidade. Além disso, orienta para que todos, respeite-as e valorize-as, pois “As mulheres constituem, geralmente, a maioria de nossas comunidades. São as primeiras transmissoras da fé e colaboradores dos pastores, os quais devem atendê-las, valorizá-las e respeitá-las.” (DAP, p.204, n.455). Elas são corresponsáveis juntamente com outrem, pelo presente e futuro de sociedade humana. “Mulher forte que vale mais do que as pérolas” [...] que representa a sabedoria, empreendedora e dedicada, rompe preconceitos, traz felicidades, compreende e sabe “sorrir para o futuro” (Cf. Pr 31, 10-25).

Papa Francisco em entrevista a *Antônio Spadaro* (19/08/2013), endossa sobre a importância das mulheres dentro da Igreja, ao afirmar que “é necessário ampliar os espaços de uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Temos a solução do “machismo de saias”, porque, na verdade, a mulher tem uma estrutura diferente do homem”. [...]. Visto que, em sua percepção, “A Igreja não pode ser ela própria sem a mulher e o seu papel. A mulher, para a Igreja, é imprescindível. Continua, sua argumentando, dando como exemplo a importância do papel da Mãe de Deus, “Maria, uma mulher, é mais importante que os bispos”, uma vez que, “não se deve confundir a função com a dignidade.” Urge, pois, “aprofundar melhor a figura da mulher na Igreja. É preciso trabalhar mais para fazer uma teologia profunda da mulher. Só realizando esta etapa se poderá refletir melhor sobre a função da mulher no interior da Igreja.” Para o pontífice, o “gênio feminino é necessário nos lugares em que se tomam as decisões importantes.” Visto que, o grande desafio de hoje é exatamente esse: “refletir sobre o lugar específico da mulher, precisamente também onde se exerce a autoridade nos vários âmbitos da Igreja.” (FRANCISCO, 2013).

Dessa forma, é justo lembrar, Paulo VI, dirige-se diretamente “*Às mulheres*” em sua mensagem na conclusão do *Concílio Vaticano II*. “A Igreja orgulha-se, como sabeis, de ter dignificado e libertado a mulher, de ter feito brilhar durante os séculos, na diversidade de caracteres, a sua igualdade fundamental com o homem”. Enfatiza, pois “A hora vem, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire na cidade uma influência, um alcance, um poder jamais conseguidos até aqui”. E realça, “neste momento em que a humanidade sofre uma tão profunda transformação, as mulheres pregadas do espírito do Evangelho podem ajudar muito a humanidade a não decair” (PAULO VI, 1965).

Papa Francisco impulsionado com o programa de reforma da Igreja, reconhece o indispensável papel feminino dentro dos espaços eclesiais:

A Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares, que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens. [...] As reivindicações dos legítimos direitos das mulheres, a partir da firme convicção de que homens e mulheres têm a mesma dignidade, colocam à Igreja questões profundas que a desafiam e não se podem iludir superficialmente. (EG 2013, p.86-87, n.103-104)

Igreja é comunhão com a realidade, é constante renovação para a modernidade, como também, revelação divina. Cristo apresenta-se como Esposo da Igreja, esse diálogo entre o Esposo e a esposa deve unir e vivificar as comunidades.

Em *Querida Amazônia*, Papa Francisco (2020), exalta a força e do dom das mulheres que com sua beleza e fecundidade, souberam discernir e mantiveram a Igreja erguida em decênios, sem a presença de sacerdotes elas “batizaram, catequizaram, ensinaram a rezar, foram missionárias, certamente chamadas e impelidas pelo Espírito Santo”. As mulheres contribuem à Igreja com força e ternura da Mãe de Deus, logo, compreendemos por que, “sem as mulheres, ela se desmorona, como teriam caído aos pedaços muitas comunidades” [...]. “Isso mostra qual é o seu poder característico” [...] “Em uma Igreja sinodal, as mulheres, que de fato realizam um papel central nas comunidades.” (QA, 2020, p.50-52, n.99-103). Portanto, mulheres, filhas queridas de Cristo, no qual possuem profunda espiritualidade, são sábias, e verdadeiras testemunhas do Evangelho, que atuaram e assim mantiveram a Igreja em ‘pé’. Pois, carregam em sua essência, a mística e o dinamismo, como também o poder de dialogar e compreender, qualidades próprias delas, assim doam-se na íntegra no zelar do próximo.

### 3. Sagrado na expressão da Mulher

Papa João Paulo I (1978), afirmou em seu discurso na hora do *Angelus*, que Deus nos ama como um amor que não se apaga, um amor de ternura, acrescentou, “Ele é pai; mais ainda, é mãe”. Por isso e com essa sensibilidade que constituí a imagem do consolador divino visivelmente identificável na fé cristã, e decerto trará benefício para todo ser vivente do planeta, e ainda, poderá contribuir significativamente no sentido de tornar o ser humano sujeito da sua própria história, libertador, feminino, cultural, ecológico, étnico e ecumênica, ademais que seja valorizada de maneira consciente.

Na linguagem trinitária torna-se fundamental refletir sobre Deus misericordioso, de amor igualitário, que se mostra sobre todas as coisas, à luz da Palavra de Deus, que traduz em relações de mútuo cuidado – Deus-Sophia. Pois, é Ele que garante último da liberdade e da autonomia, que se posiciona conscientemente ao lado de todas as mulheres, “valorizando explicitamente a sua humanidade autêntica e, ao mesmo tempo, expondo e criticando a sua contínua violação através do sexismo, que é, em si mesmo, um paradigma onipresente de um relacionamento injusto” (JOHNSON, 1995, p.25).

É conveniente destacar que, segundo a história da salvação, a doutrina da Santíssima Trindade se desenvolve a partir de um Deus de coração, relacional, que faz aliança com seu povo, envia seu Filho revestido no poder do Espírito Santo e, ainda nos faz conhecer a este que é o mistério. É o ser Deus em relação com a humanidade, é o ser Deus em relação a Ele mesmo, que se comunica a si próprio. Portanto, a experiência concreta da salvação, se faz em um Deus libertador, misericordioso e próximo de seu povo – Deus Uno – três distinções, ligadas ao mesmo relacionamento, com uma natureza divina em três pessoas divinas, é o amor mútuo, relacional, no qual deseja expressar e salvaguardar a paz e a harmonia entre as três pessoas e a humanidade. “É a síntese do Deus-Sophia inefável e dinâmico, do amor envolvido na história de múltiplas formas” (JOHNSON, 1995, p.286). Logo, as mulheres vivem, valorizam e descobrem que são inspirados e arrebatados pelo sopro divino, o Espírito-*Ruah* de Deus para serem sábios e corajosos para divulgar a palavra e a mensagem de Deus e sobretudo ousados na ação. Esse agir apontam a um mistério vivo de relacionamento, puro que ama as pessoas, que está irreversivelmente envolvido na alegria e no sofrimento da história humana. Logo, é o Cristo ressuscitado

que assume o corpo de todas as mulheres e todos os homens. Isto é a Sabedoria Sagrada de Deus escondido em um mistério sagrado absoluto, voltado para o mundo. Em outras palavras é a Sagrada Sabedoria representado pela linguagem da graça divina que chega até nós como um dom feminino, pois é o Espírito vivificador que ampara e conduz. É o amor criador da Mãe-Sabedoria que abraça o mundo inteiro em benefício do bem-estar de todo ser vivente, comprometido com a verdade e justiça.

A partir dessas perspectivas salvíficas, entende-se o Deus-Sophia como Trindade de benevolência. É a Sagrada Sabedoria em profundo mistério relacional de reciprocidade no amor e na comunhão, que é própria essência de Deus. Essas aliás, é a imagem da mulher que procura ser autêntica e se comunica, além disso estabelece uma verdadeira e sincera amizade com humanidade, numa atitude que a todos envolve e demonstra uma solicitude para com o mundo – decerto é o Sagrado na expressão da mulher. Por fim, é através da genialidade feminina que sabe deixar-se guiar pela busca da justiça e verdade, que o Sagrado pode sim ser expressão da realidade feminina

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É oportuno salientar que a sinodalidade eclesial retrata a maneira de ser e agir da Igreja, que nasce do Evangelho e que é “chamada a encarnar-se hoje na história, em fidelidade criativa e Tradição”, no qual se compreende todo o povo de Deus unidos e reunidos a vivenciar a Palavra divina que é viva e eficaz, sobretudo é profunda e atual, pois “ilumina a mente, conforta à vontade e acende o amor de Deus no coração dos homens.” (DV p.364, n.23).

Conseqüentemente, essa pesquisa permite identificar a indispensável contribuição da mulher para com a sociedade humana, a importância das verdadeiras protagonistas no processo de evangelização, relatados nos textos sagrados e perpetuados até hoje no interior e fora do templo. Fato que, a história apresenta a relevância da presença delas na narrativa Pascal, entendido e interpretados no cotidiano feminino da atualidade. Força, dom e fé, características próprias das mulheres, na determinação de vivenciar o caminhar juntos em comunhão como povo de Deus, em prol do bem comum.

Por firme coragem e determinação, Papa Francisco, impulsiona a presença feminina “É preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na

Igreja” (EG 2013, p.86, n.103). Pois, “As mulheres reivindicam, onde ainda a não alcançaram, a paridade de direito e de fato com os homens” (GS p. 548, n.9)

Entretanto, para a efetiva concretização da sinodalidade, urge reconhecer à participação das mulheres, e, também a contribuição e vocação feminina na Igreja e na sociedade, pois enquanto não se concretizar o reconhecimento da dignidade cristã e cidadã dentro do templo, igualdade dos direitos e respeito aos diferentes modos de pensar – não há um caminhar juntos como irmãos e irmãs, portanto não haverá sinodalidade. Desse modo, faz necessário uma leitura do catolicismo do passado, uma vez que, não se pode negar o labor feminino, exposto através da criatividade, fecundidade e diaconia. Além disso, que questões de gênero não sejam fator determinante no reunir em torno da mesa da Palavra. Em razão de que, a atuação da mulher na Igreja foi legitimada pelo próprio Jesus Cristo, “não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só” (Gl 3,28), dessa forma, rompe-se divisões discriminatórias e machistas que subjugava a mulher, é o Espírito Santo em ação e sem gênero. Por fim, não basta apenas citar nos documentos ou falar das mulheres ou para as mulheres, é preciso incluí-las, dar cor a invisibilidade, rostos e voz em tons de igualdade com os homens.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Nova Bíblia Pastoral**. – Paulus. – São Paulo, 2014.

CELAM. **Documento de Puebla: Conclusões da IIIª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. Edições Paulinas. – São Paulo, 1979.

\_\_\_\_\_. **IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Conclusões de Santo Domingo**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Ed. Paulus. – São Paulo, 2007.

CNBB. Documento 105. **Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na sociedade**. Edições CNBB, 2016.

COMPÊNCIO. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. – Pontifício Conselho Justiça e Paz. [tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB]. – São Paulo: Paulinas, 2005

CONCÍLIO. **Concílio Vaticano II. Mensagens, discursos e documentos**. [Tradução: Francisco Catão]. – São Paulo: Paulinas, 1998.

CTI. Comissão Teológica Internacional. **A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. – 2018. – Disponível em:

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_20180302\\_sinodalita\\_po.html#O\\_Ensinamento\\_da\\_Escritura](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#O_Ensinamento_da_Escritura) – Acesso em 02 mar. 2022.

FRANCISCO, Papa. Entrevista a Antônio Spadaro. **Vatican News**, 2013. Disponível em:

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130921\\_intervista-spadaro.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html) – Acesso em 25 jan. 2023.

\_\_\_\_\_, Papa. **Evangelii Gaudium: A Alegria do Evangelho**. – São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

\_\_\_\_\_, Papa. **Querida Amazônia**. – São Paulo: Editora Paulus, 2020.

JOÃO PAULO I, Papa. **Angelus Domini**. Disponível em:

[https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/angelus/documents/hf\\_jp-i\\_ang\\_10091978.html#:~:text=Ele%20%C3%A9%20pap%C3%A1%3B%20mais%20ainda,que%20o%20Se](https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/angelus/documents/hf_jp-i_ang_10091978.html#:~:text=Ele%20%C3%A9%20pap%C3%A1%3B%20mais%20ainda,que%20o%20Se)

PAULO VI. Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II. **Às Mulheres**. – 08 de dezembro de 1965. Disponível em:

[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651208\\_epilogo-concilio-donne.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html) - Acesso em 06 jul. 2022.

**Capítulo 2**  
**UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA LIDERANÇA  
ECLESIÁSTICA PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL NA  
PERSPECTIVA DA COSMOVISÃO CRISTÃ**  
*Donato Farinelli de Souza*

# UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA LIDERANÇA ECLESIASTICA PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL NA PERSPECTIVA DA COSMOVISÃO CRISTÃ

**Donato Farinelli de Souza**

*Mestre em Teologia, linha de pesquisa releitura de textos e contextos bíblicos pela faculdade Batista do Paraná. Pós-graduado em Teologia Bíblica e Sistemática Pastoral pelo Seminário Batista do Sul do Brasil. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Sul Americana. Autor do livro Cosmovisão cristã: um estudo aplicado ao contexto eclesiástico sob a ótica de I Coríntios E-mail:*

*donato.farinelli@outlook.com*

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar o papel da liderança eclesiástica para a formação integral de líderes ministeriais na perspectiva da cosmovisão cristã em um contexto secularizado. Para tal, parte da seguinte problemática: como o impacto da perspectiva secularista na comunidade eclesiástica afeta a formação de novos líderes ministeriais quando não há aprofundamento, compreensão e fundamentação do líder cristão nos pilares basilares da cosmovisão cristã. Para responder tal inquietação elegem-se os seguintes objetivos específicos: analisar o papel e a influência da liderança eclesiástica à luz da cosmovisão cristã bíblica, descrever a aplicabilidade da perspectiva teorreferente na formação de novos líderes ministeriais. O artigo elege a pesquisa bibliográfica e descritiva, visto que se apoia tanto em aportes teóricos como na descrição do objeto eleito. Não se tem a pretensão de esgotar a discussão, mas apontar possibilidades de interferência da cosmovisão secularista na formação da liderança cristã, seus pressupostos e suas lentes de interpretação. Um líder ministerial é formado para exercer sua missão no contexto eclesiástico, mantendo um posicionamento cristocêntrico, mesmo diante dos desafios das perspectivas secularistas e de seus pressupostos.

**Palavras-chave:** contexto secularizado; liderança cristã; cosmovisão cristã.

## Introdução

Há muito tempo o tema da formação humana vem sendo discutido em diferentes campos do conhecimento, principalmente os associados às ciências humanas. Isso é importante ressaltar, visto o alcance e a importância atribuídos quer sejam às pesquisas, como às descobertas efetivadas, inclusive as mais recentes chamadas neurociência.

Assim, percebe-se que a tônica em desvendar a forma como o ser humano aprende, comporta-se e tece relações com objetos, e como se forma o conhecimento, é um desafio que se vislumbra com muito interesse pela área de educação. Nela está a intenção da prática e do trabalho educativo, principalmente quando se precisa pensar ou mesmo assegurar um processo educativo pautado na excelência.

A partir dessa perspectiva, ressalta-se a importância da excelência no âmbito educacional no contexto de comunidades eclesiais. Por não se tratar apenas de uma transmissão mecânica de conteúdos, mas um ensino vivencial de princípios abarcados pela verdade revelada, poderá proporcionar um alcance mais amplo na sua missão e na sua responsabilidade. Esse contexto requer do educador seu compromisso com a Fé na forma de transmitir o conhecimento. Afinal, não se vive o que não se crê, e a condição de viver está seguramente correlacionada a uma visão de mundo, a qual se atribui o nome de cosmovisão.

Uma cosmovisão pode ser definida como um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) sobre a formação básica do mundo, ou seja, ela expressa um sistema de crenças completo de uma pessoa, fornecendo as respostas a questões filosóficas básicas que perturbam e incitam o ser humano, e que influenciam como o ser humano deve viver, se mover e existir.

A cosmovisão pode ser representada a partir de uma complexa inter-relação da consciência humana com o mundo externo, o qual faz emergir um senso sofisticado de quem é o ser humano e da natureza que existe a sua volta. Somando-se a isso, ela pode conter, ainda, um senso de valores, pavimentando o caminho para uma ordem mais elevada do comportamento prático de cada pessoa e um plano mais abrangente de vida.

Reconhece-se, que o tema sobre a cosmovisão vem sendo discutido em diferentes campos teológicos, principalmente no associado à perspectiva cristã a ser

observada pela liderança ministerial, pelo grau de influência exercido no âmbito da comunidade eclesial, no que diz respeito aos pressupostos da fé defendidos e assumidos como estrutura básica da vida.

Dessa forma, a cosmovisão secularista<sup>1</sup> quando confrontada com questões essenciais são desestabilizadas pela cosmovisão cristã bíblica, visto que esta última é a única que responde com coerência e objetividade sobre o sentido de ser e existir no cosmos, na medida em que oferece evidências sobre o ponto inicial da vida, da moralidade, do mal e do conhecimento. A cosmovisão cristã bíblica alicerça o sentido de ser e existir do cosmos.

Diante disso, o presente artigo visa apresentar o valor da cosmovisão cristã bíblica na formação da liderança e sua aplicabilidade no contexto eclesial, à medida que discorre sobre o sentido de ser deste sistema de crença. Para tal, faz-se necessário conceituar o que se denomina cosmovisão, sua estrutura e finalidade. Elegem-se os seguintes objetivos específicos: analisar o papel e a influência da liderança eclesial à luz da cosmovisão cristã bíblica, descrever a aplicabilidade da perspectiva teorreferente na formação de novos líderes ministeriais.

Neste intento, a metodologia usada será uma pesquisa bibliográfica e descritiva, visto que se apoia tanto em aportes teóricos como na descrição do objeto eleito. No ato da elaboração do texto, faz-se necessário eleger a seguinte problemática: como o impacto da perspectiva secularista na comunidade eclesial afeta a formação de novos líderes ministeriais, quando não há aprofundamento, compreensão e fundamentação do líder cristão nos pilares basilares da cosmovisão cristã?

Um líder ministerial é formado para exercer sua missão no contexto eclesial, mantendo um posicionamento cristocêntrico, mesmo diante dos desafios das perspectivas secularistas e de seus pressupostos, que não podem ser impedimentos para que ele permaneça fundamentado na cosmovisão cristã e, principalmente, quando isso está direcionado à formação de novos líderes ministeriais.

---

<sup>1</sup> O termo secularista refere-se a base pós-moderna em que se encontra a sociedade contemporânea. Essa base pós-moderna defende conceitos como relatividade da verdade, hedonismo, subjetividade, perspectiva construtivista. Para conhecer mais sobre essa visão de mundo, consulte os trabalhos efetivados por Darrow Miller, Zygmund Bauman e Stanley J. Grenz.

## 2 Um olhar sobre o conceito de cosmovisão

A cosmovisão pode ser representada a partir de uma complexa inter-relação da consciência humana com o mundo externo, o qual faz emergir um senso sofisticado de quem é o ser humano e da natureza que existe a sua volta. Somando-se a isso, ela pode conter, ainda, um senso de valores, pavimentando o caminho para uma ordem mais elevada do comportamento prático de cada pessoa a um plano mais abrangente de vida. Naugle<sup>2</sup> fornece um resumo útil para uma compreensão mais ampla do conceito de cosmovisão, ao esclarecer que:

[...] a estrutura metafísica axiológica e moral de uma cosmovisão deriva dos constituintes da psique humana – intelecto, emoção, e vontade, respectivamente. As visões macrocósmicas, em sua composição e conteúdo, são intrinsicamente reflexivas da constituição interna dos seres humanos microcósmicos, enquanto eles tentam alumiar a escuridão do cosmo.

Assim, percebe-se a necessidade da compreensão da realidade e das estruturas que são inerentes a mente humana (mente, emoção e vontade), como uma estrutura modeladora da pessoa, podendo flutuar acrescentando ou subtraindo ideias, valores e ações consistentes ou inconsistentes e, que apesar dos seres humanos formularem suas perspectivas de vida na mente, nem sempre obtém o resultado esperado, pois a cosmovisão obtida em função da fé, precisa estar ancorada nas águas dinâmicas, as quais estão sempre fluindo dos rios da vida.

Segundo Domingues (2020), uma cosmovisão pode iniciar-se a partir de uma história contada ou de um conjunto de pressuposições de como os grupos sociais tecem leituras da realidade. Um ponto que define a cosmovisão é que ela parte do princípio de um raciocínio lógico, que contém premissas e que serão consideradas verdadeiras ou falsas, diante do resultado apresentado.

Os pressupostos são estruturados de maneira lógica, a fim de que possam ser validados ou não na realidade. Sua validação ocorre por intermédio do grupo social, ao encontrar correlações e correspondências entre as premissas levantadas. As premissas podem ser verdadeiras ou falsas, por isso que cabe analisá-las e confrontá-las com as conclusões desenvolvidas. Pode-se, ainda, entender o conceito de

---

<sup>2</sup> NAUGLE, 2017, p.128

cosmovisão por meio da ilustração de lentes que são utilizadas pelo ser humano para fazer interpretações sobre a realidade. Neste sentido, é possível dizer que:

Cosmovisão é o modo pelo qual a pessoa vê ou interpreta a realidade. A vida. Uma cosmovisão influencia muito a maneira em que a pessoa vê Deus, palavra *Weltanschauung*, que significa ‘um mundo e uma visão de vida’, ou um paradigma. É a estrutura por meio da qual a pessoa entende os dados das origens, mal, natureza humana, valores e destino (GEISLER, 2002, p. 188).

Assim, a partir do conceito exposto, pode-se compreender que a cosmovisão que permeia a vida da pessoa e que envolve aquilo que cada indivíduo é, o que ele defende, o que ele vive, está pautado nas razões e nos sentimentos que dão sentido às interpretações efetivadas. Sire desenvolve um conceito que vai mais além de leituras, visto que na sua percepção a cosmovisão não atinge apenas o esquema mental, mas alcança profundamente o coração, ou seja, aquilo que cada ser humano atribui valor para a existência. Ele defende que:

Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma narrativa ou como um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que nós sustentamos (consciente ou inconscientemente) sobre a constituição básica da realidade, e que provê o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos (SIRE, 2019, p. 179).

O conceito de Sire introduz o tema da narrativa, que se fundamenta em pressupostos, embora ressalte o desejo do coração, bem como o sentido da vida e das respostas essenciais. Ele defende que a cosmovisão a partir de uma história narrada e de um conjunto de pressupostos, possibilita aos grupos sociais se moverem, viverem e existirem, visto que elas pavimentam o caminho que sustentará o modo de pensar a realidade. A cosmovisão, então, faz parte da vida. É por tal motivo, que Pearcey assevera que:

A cosmovisão não é um conceito acadêmico e abstrato. O termo descreve nossa procura por respostas às questões intensamente pessoais com as quais todos temos de lutar – o clamor do coração do humano na busca de propósitos, significado e uma verdade grande o bastante pela qual viver. Ninguém pode viver sem um senso de propósito e direção, um senso de que a vida tem significado como parte da história cósmica (PEARCEY, 2012, p. 61).

Diante deste conceito, compreende-se que a cosmovisão não faz parte de teorias abstratas, visto que está envolvida com a necessidade de o ser humano em

encontrar e dar respostas a situações que incomodam e afetam as suas certezas, tendo em vista que a sua finalidade é obter significados para viver e continuar vivendo. A cosmovisão parte do princípio de que é necessário a utilização de lentes distintas de interpretação sobre a realidade, que buscam refletir o posicionamento de diferentes grupos sociais, os quais defendem seus pressupostos que ultrapassam defesas ideológicas.

Pearcey (2012, p. 45) afirma que “todo sistema de pensamento se inicia em algum princípio último. Se não começa em Deus, começa com uma dimensão da criação – o material”. Isso indica que não existe um sistema de pensamento único e nem mesmo uma resposta única, visto a presença de uma variedade de lentes na realidade social. Cada uma delas oportunizará respostas sobre as questões essenciais da vida, porém é preciso dizer que a lente advinda da perspectiva bíblica é aquela que oferecerá as respostas completas e significativas sobre o sentido do cosmos e da criação. A partir dessa afirmativa, pode-se dizer que a cosmovisão é contemplada por lentes de interpretação que asseguram uma visão de mundo e de como a sociedade se relaciona ou não com o atributo da soberania de Deus.

### **3 E por falar em liderança e perspectiva cosmovisional**

O distanciamento dos pilares de uma cosmovisão cristã pelo líder, impacta a comunidade eclesial de forma radical em dois sentidos: com a progressiva perda da objetividade, ou com a perda de realidade de definições cristocêntricas, de modo que a religião cristã se torna cada vez mais uma questão de livre escolha subjetiva, isto é, perde seu caráter obrigatório intersubjetivo. Por assim dizer, as afirmações religiosas tradicionais podem ser vistas como “símbolos”; o que elas supostamente “simbolizam”, normalmente vem a ser as realidades que se presumem existir nas “profundezas” da consciência humana.

A característica chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser “colocada no mercado”. Ela tem que ser “vendida” para uma clientela que não mais está obrigada a “comprar”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela as instituições religiosas tornam-se agências de mercado, e as tradições religiosas tornam-se

comodidades de consumo e, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica de mercado (BERGER, 1985, p. 180).

A comunidade eclesial, dependendo de como seja conduzida pelo seu líder, pode seguir o caminho de acomodar-se no pluralismo da livre empresa religiosa e resolver a plausibilidade, modificando o produto de acordo com a demanda do consumidor, ou até mesmo esconder-se atrás de estruturas sociorreligiosas, professando velhos objetivos. Assim, pavimentam a estrada para uma crise teológica e uma crise na igreja.

A fase inicial do século XX, trouxe através dos modernistas a desmitologização da Bíblia, que através de suas perspectivas secularistas buscavam influenciar as estruturas denominacionais e os seminários direcionados à formação teológica, com o propósito de tornar o Cristianismo agradável aos conceitos emergentes do novo século, a fim de orientar, por intermédio de suas lentes interpretativas, os cristãos sobre os métodos científicos e a secularização, visando descredenciar a crença em milagres e na revelação divina de um Deus invisível.

Com essa perspectiva, esse movimento provoca a condução da igreja cristã a deixar de preocupar-se com a salvação espiritual, para preocupar-se com os problemas concretos da sociedade. Percebe-se, então, que o principal pilar da Igreja, a centralidade em Cristo, é substituído por métodos e pressupostos científicos seculares, ou seja, sai a preocupação com a salvação e entra a preocupação em ajudar o indivíduo com a autorrealização. Assim como a secularização, para o fenômeno hipermoderno não existe a verdade absoluta, os valores morais são valores relativos, e dessa forma a compreensão que se tem é de que as verdades não são mais absolutas e o que assume o seu lugar é a vontade do ser humano sustentada por critérios racionais.

Veith Jr (1999, p.198) descreve que o cristão, seja ele um líder ou não, precisa estar voltado para a palavra revelada de Deus, a qual é a única fonte a orientá-lo, e deve refutar toda e qualquer teologia vazia de cristocentricidade, ou seja, o grito da reforma protestante de *Sola Scriptura*, *Sola Gracia*, *Solo Christus* e *Sola Fide* foi uma convocação para a volta à Bíblia Sagrada como a única regra de fé e prática (ROMEIRO, 1995, p. 23).

Todo esse movimento de esvaziamento da cristocentricidade contribui para que a liderança cristã opte por seguir um caminho divergente dos pilares basilares da

cosmovisão cristã bíblica, com isso conduzem suas comunidades eclesiais para um contexto em atender às necessidades particularizadas, numa linguagem simples significa atender ao gosto do “freguês”, limitando-se a uma pregação líquida e esvaziada da verdade bíblica (as pessoas não querem ouvir sobre inferno e nem pecado). O resultado disso, é um Cristianismo pregado como atividade meio e não atividade fim, pois o que importa é a quantidade de pessoas no rol de membros da Igreja e não um ensino pautado em uma cosmovisão cristã bíblica. Assim, de forma provocativa, produzem momentos, nos quais as pessoas são instigadas a decidir por Cristo por sua vontade e não pelo mover do Espírito.

O líder precisa ter sempre em mente o que a Bíblia ensina, que o obreiro precisa apresentar-se a Deus aprovado, o que requer um esforço constante e perseverante, o obreiro deve manusear corretamente a palavra da verdade e não ter do que se envergonhar (2 Tm 2.15), e apresentar a cada pessoa o que é o ser humano diante de Deus e a proposta de Deus sob a lente bíblica de salvação.

Para Baxter, o líder cristão precisa saber com clareza a distinção entre certezas e incertezas, entre questões fundamentais e explicações que não passam de teorias especulativas. Ainda, para ele, a lente do líder cristão precisa distinguir claramente entre os fundamentos da fé e as questões dos pressupostos secularistas e, assim, esse líder poderá proporcionar paz na sua igreja ao invés de divisão e afastamento da membresia.

#### **4 Considerações Finais**

Para firmar-se diante das adversidades do contexto de uma sociedade secularizada, de onde a todo momento emergem conceitos e pressupostos, o líder cristão precisa de um sólido conhecimento teológico bíblico e cristocêntrico. “A obra ministerial deve ser realizada exclusivamente para Deus e pela salvação do seu povo. Jamais poderá ser realizada visando algum lucro particular” (BAXTER, 2013, p. 41).

Dessa forma, mesmo em um contexto em que a lente secularista aponta para uma sociedade fragmentada, racionalizada e muitas vezes conduz o indivíduo ao individualismo, o líder em sua comunidade eclesial precisa manter a cosmovisão cristã bíblica e propagar a nova geração que o evangelho tem como um dos propósitos a vida em comunidade, a qual é alvo da lealdade de Deus.

## Referências

BAXTER, Richard. **O pastor aprovado: modelo de ministério e crescimento pessoal**. Tradução Odayr Olivetti: São Paulo, Publicações Evangélicas Seleccionadas-PES, 2013.224 p.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria da sociologia da religião**. Tradução José Carlos Barcelos: São Paulo, Paulus, 1985.

BÍBLIA, Português, **Bíblia de Estudo NVI**, organizador geral Kenneth Barker; coorganizadores Donald Burdick... [et al.]: São Paulo: Editora Vida, 2003

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Diretrizes para a Educação Cristã Bíblica: para onde vamos?** Curitiba: Editora Emanuel, 2018.

DOMINGUES, Gleyds Silva.. **Visão de mundo e a lente bíblica para ler a realidade**. 1ª Ed.: Curitiba, Discipular, 2020.

GEISLER, Norman L. **Enciclopédia de apologética: resposta aos críticos da fé cristã**. São Paulo: Editora Vida, 2002.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. Tradução Antivan Guimarães Mendes: São Paulo, Vida Nova, 2008.

J. M, Nouwen, Henri. **O perfil do líder cristão do século XXI**. Tradução Wilson Rosa Filho: Curitiba, Editora Atos, 2020. Edição do Kindle.

MILLER, Darrow. **Discipulando Nações**. Curitiba, PR: Fato é, 2003

PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta: libertando o Cristianismo de seu cativeiro cultural**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

NAUGLE, David K. **Cosmovisão: a história de um conceito**. Tradução Marcelo Heberts: Brasília, DF, Editora Monergismo, 2017. 488 p.

ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em crise: decadência doutrinária na igreja brasileira**: São Paulo, Mundo Cristão, 1995.

SIRE, James W. **Dando nome ao Elefante: cosmovisão como um conceito**. Tradução Paulo Zacharias e Marcelo Heberts. Brasília, DF, Editora Monergismo, 2019, 246 p.

VEITH, Grene Edward,Jr. **Tempos Pós-modernos: uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época**. Tradução Hope Gordon Silva: São Paulo, Cultura Cristã, 1999.

**Capítulo 3**  
**O “PADRE DAS BÊNÇÃOS” UM ESTUDO**  
**FENOMENOLÓGICO DAS MISSAS DE CURA E**  
**LIBERTAÇÃO CELEBRADAS PELO PADRE MOACIR**  
**CARREIRO NA PARAÍBA**  
*Naiara Ferraz Bandeira Alves*

# O “PADRE DAS BÊNÇÃOS” UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DAS MISSAS DE CURA E LIBERTAÇÃO CELEBRADAS PELO PADRE MOACIR CARREIRO NA PARAÍBA

**Naiara Ferraz Bandeira Alves<sup>3</sup>**

*Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões/UFPB.  
Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (2006) graduada em  
História pela mesma instituição no ano de 2003. É professora da Universidade  
Estadual da Paraíba, atuando na área de História Local com ênfase nos seguintes  
temas: Igreja Católica, Irmandades Negras, religião, religiosidades, sincretismos e  
identidades*

## **RESUMO**

O texto traz uma reflexão sobre a relação entre os estudos de fenomenologia (discurso sobre aquilo que se manifesta) e as ações do movimento denominado Renovação Carismática da Igreja Católica, na Paraíba. Através das análises de vídeos, depositados no Youtube, contendo missas e trechos de missas de “cura e libertação” celebradas pelo Padre Moacir Carreiro na paróquia São Francisco de Assis no bairro de Mangabeira no município de João Pessoa na Paraíba. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de fonte bibliográfica e documental com o aporte de teóricos como Bourdieu (1995) e sua perspectiva de poder simbólico, que aliada a possibilidades de liderança de um sacerdote o coloca em uma posição hierárquica de destaque em relação aos fiéis, Csordas (2008), em especial, suas reflexões sobre a ideia de cura espiritual a partir das crenças pessoais e da capacidade de performasse presente nos momentos de discurso do líder religioso, além do autor Oliveira (2003) que discute as formas de analisar as manifestações propostas a partir das quais desenvolvemos uma narrativa histórica e a análise de um fenômeno com a possibilidade de enxergar além do outro e suas práticas, mas através do olhar deste outro ser, por meio de uma pesquisa às ações e reações dos praticantes da religião cristã ocidental e da ideia de cura espiritual.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Renovação Carismática; Paraíba

## **ABSTRACT**

---

Mestre em História  
E-mail: [naiara.clio@gmail.com](mailto:naiara.clio@gmail.com)

The text brings a reflection on the relationship between phenomenology studies (speech about what manifests itself) and the actions of the movement called Charismatic Renewal of the Catholic Church, in Paraíba. Through the analysis of videos, deposited on Youtube, containing masses and excerpts from masses of "healing and liberation" celebrated by Father Moacir Carreiro in the parish of São Francisco de Assis in the neighborhood of Mangabeira in the municipality of João Pessoa in Paraíba. This is a qualitative research based on bibliographical and documentary sources with the contribution of theorists such as Bourdieu (1995) and his perspective of symbolic power, which, combined with the possibilities of leadership of a priest, places him in a prominent hierarchical position in relation to the faithful. , Csordas (2008), in particular, his reflections on the idea of spiritual healing based on personal beliefs and the ability to perform present in the religious leader's speech moments, in addition to the author Oliveira (2003) who discusses the ways of analyzing the proposed manifestations from which we developed a historical narrative and analysis of a phenomenon with the possibility of seeing beyond the other and their practices, but through the eyes of this other being, through a research into the actions and reactions of practitioners of the Christian religion Western culture and the idea of spiritual healing.

**Keywords:** Phenomenology; Charismatic Renewal.

## 1.Introdução

A fenomenologia<sup>4</sup> já tem as ações e práticas do Movimento da Renovação Carismática Católica - MRCC, como um de seus temas clássicos, sendo desta forma uma opção viável para o estudo das práticas presentes nas Missas de Cura e Libertação realizadas pelo Padre Moacir Carreiro na paróquia de São Francisco de Assis<sup>5</sup>, Arquidiocese da Paraíba. Neste sentido, um estudo fenomenológico do MRCC, será observado como um “discurso sobre aquilo que se manifesta” (LEEJW, 82. 638 *apud* HOCK, 2010, p.72), “onde a verdade não significa mais “coerência ou verificação, mas manifestação” (P. RICOEUR *apud* GEBARA, 2012, p.21). A partir

---

<sup>4</sup> Segundo Usarski (2006), para a fenomenologia “clássica” da Religião não é suficiente estudar as “meras” manifestações religiosas. Pelo contrário, é preciso que o pesquisador não se perca na complexidade dos fatos, mas abstraia-se do mundo empírico por ativar seu próprio *sensus numinis* e “treine” empatia com o sagrado para se deixar penetrar emocionalmente pelo numinoso e, assim, experienciá-lo. (p.34). Neste sentido, destacamos que, além de vídeos caseiros divulgados na plataforma You Tube, com trechos das Missas de Cura, celebradas pelo Padre Moacir, estive presente em algumas destas celebrações, no ano de 2011 e em outras Missas de Cura vinculadas à Renovação Carismática, celebradas por outros presbíteros como no caso do Padre João Andriola.

<sup>5</sup> Localizada no bairro de Mangabeira em João Pessoa na Paraíba.

destas interpretações, buscamos compreender alguns dos fenômenos e manifestações que ocorriam nestas missas, cujas práticas eram semelhantes a outros eventos do MRCC.

O autor Van der Leeuw (1963) citado por Oliveira (2003), desenvolveu o método fenomenológico por meio de um sistema, no qual, para ele, a noção de poder/força está na base de todo fenômeno religioso. É a partir desta noção que se estabelece o que é ou não religioso, pois é a ideia de poder que autentica, no sentido religioso, coisas e pessoas. Os objetos e as pessoas investidas de poder têm uma natureza específica, a que nós chamamos de “sagrada”.

De acordo com a autora Oliveira (2003), para além de uma perspectiva sistêmica dos estudos da religião, deve ser observada, também, a irredutibilidade do fenômeno religioso e, com essa finalidade, se refere ao texto de Eliade no qual destaca a aceitação da *epoché*, enquanto atitude investigativa:

Para ele, a irredutibilidade não era uma questão de juízo de valor do universo religioso, ou seja, não era necessário discutir, por exemplo, se o universo religioso é imaginário ou não, se é possível alcançar a realidade última ou não. A proposta era levar em conta a experiência do homem religioso tal como se manifesta e tal como era relatada. (OLIVEIRA, 2003, p. 47)

Não se pode negar o sagrado e simplesmente transformar o estudo de um fenômeno religioso em algo não religioso. Neste sentido, o pesquisador deve aceitar a manifestação como algo presente na vida dos líderes religiosos e de seus praticantes. Em especial, quando analisamos os ritos de uma determinada prática religiosa, a repetição dos movimentos, as etapas bem determinadas, são ações pedagógicas. Por conseguinte, o pesquisador deve, na medida do possível, vivenciar estes rituais para buscar a compreensão do fenômeno.

Os estudos sobre o MRCC são, de forma caracterizada, análises sobre mudanças nos rituais tradicionais da Igreja Católica. Quem assiste a missas em várias paróquias e pode comparar e perceber as diferenças, não necessariamente nas missas de Cura e Libertação, mas também nas missas do calendário litúrgico, pode constatar que, nessas celebrações ocorrem eventos de palmas, gritos mais entusiasmados e cânticos diferenciados e acompanhados de danças coreografadas. O fato é que os ritos não são imutáveis. Conforme as circunstâncias e as necessidades sociais, novos ritos podem ser criados ou recriados, como também podem desaparecer. Para Vilhena (2005), o rito situa-se na articulação entre a

tradição, a memória, a conservação e a transformação. E este é, em certa medida, um dos papéis do MRCC: alterar rituais para atender às necessidades de Católicos desejosos de ações presentes no movimento pentecostal.

Nas missas de Cura e Libertação promovidas pelos líderes da Renovação Carismática, o Espírito Santo se apresenta e realiza movimentos. Ao final do ritual, manifesta-se na forma de bênçãos e curas. Estudado por Csordas (2008), o ritual de cura carismático segue roteiros específicos observados pelo autor por meio do paradigma da corporeidade que traz consigo a aposta de que a experiência religiosa é um observatório privilegiado das relações entre corporeidade e significação.

A experiência de cura é uma experiência de totalidade até onde os processos endógenos ocorrem em níveis fisiológicos e intrapsíquicos, e a retórica age tanto no nível social de persuasão e influência interpessoal quanto no nível cultural de significados, símbolos e estilos de argumento. (CSORDAS, 2008, p.51)

Há uma performance a ser seguida, mas há uma retórica da prática de cura, um discurso, que segue uma espécie de roteiro, no qual são necessários não só a predisposição do fiel a ser curado, mas também o empoderamento do agente que irá promover a cura e a transformação (a cura propriamente dita). O Padre Moacir Carreiro segue bem esse percurso em suas missas, rituais de cura, nos quais a invocação do Espírito Santo decorre de um discurso de uma convocação e, durante suas falas, afirma ter sido escolhido por Deus / Espírito Santo a realizar as ações que denotam as manifestações, entre as que se destacam a glossolalia (orar em línguas) que é considerado um dom concedido pelo Espírito Santo, como instrumento para servir à comunidade e ao repouso do espírito (durante as orações os fiéis desmaiam).

A Renovação Carismática Católica- RCC foi analisada, sobretudo em seu princípio, como um movimento de fortalecimento do catolicismo frente ao avanço pentecostal. O autor Csordas (2008) coloca o movimento como uma reação direta ao pentecostalismo protestante. Na atualidade, esse movimento parece cumprir também novos sentidos: superar as barreiras institucionais entre o catolicismo e o pentecostalismo e fortalecer, por parte de membros de ambas as organizações religiosas, o sentimento de pertencimento a uma mesma identidade cristã. Ao mesmo tempo, a Renovação Carismática foi absorvida por uma ala mais conservadora da Igreja, no que se refere às orientações aos fiéis, centralizando as práticas da Igreja Católica romana em um conceito ortodoxo de família e sendo uma opção frente a

linhas revolucionárias como as da Teologia da Libertação.

### **Renovação Carismática no Brasil**

A RCC surgiu nos EUA em 1967, por meio de um grupo de jovens católicos e estudantes da Universidade de Duquesne. Tal movimento foi semelhante ao da igreja pentecostal protestante que surgiu entre universitários entre as décadas de 50 e 60 do século XX, atraindo muitos jovens. Segundo Prandi; Souza (1996), a RCC chega ao Brasil em 1972, particularmente, no interior de São Paulo, com padres jesuítas. Conquistou jovens leigos que, “apesar de inicialmente terem sido criticados, continuaram se autodenominando católicos e mantendo seus cultos carismáticos” (p.58). Chamou atenção do Clero secular a força dos líderes leigos, mesmo dentro da Igreja Católica. Neste contexto, a presença cuidadosa dos cleros se fez necessária. No âmbito da Igreja Católica, “o movimento abraçado pela linha conservadora da Igreja, é visto como uma ‘Renovação conservadora’, com ideias tradicionalistas, mas com formas de comunicação inovadoras”. (PRANDI; SOUZA: 1996, p.60).

Na visão de Silva (2000), o movimento atraiu fiéis em um momento em que as seitas pentecostais se proliferavam e o público católico diminuía:

Em ofensiva a essa realidade, o MRCC, com seu novo estilo celebrativo, tem conferido à religiosidade católica maior interiorização e vivência espiritual marcada pelas emoções. As pessoas vivenciam o Sagrado, num processo coletivo, mas de experiências individuais. Isso possibilita entrar em contato com o transcendental (o Espírito Santo), experimentá-lo, a partir das próprias emoções, o que, certamente, o rito carismático veio proporcionar, quando as antigas formas rituais, celebradas no rito tradicional católico, apresentavam-se, para muitos fiéis, algo sem sentido e enfadonho. Com efeito, gestos, orações em público e louvores em voz alta, o uso dos carismas e a leitura direta da Bíblia e sua interpretação contextualizada fizeram com que o movimento arrebanhasse um público muito fiel. O processo de conversão, participação ativa nas atividades de culto e o exercício dos carismas diferenciam o movimento, significativamente, dos leigos do catolicismo popular e o aproximam dos evangélicos pentecostais. (SILVA, 2000, p.62)

Os movimentos inicialmente coordenados por Leigos são uma constante no percurso da história da Igreja Católica e, apesar de acontecerem em épocas e espaços diferentes com diferentes legislações civis, acabam por serem cooptados pela Igreja e redefinidos como movimentos de participação popular, passando a ser coordenados por clérigos. Como no caso das irmandades (existentes desde o século

XVII até os dias atuais), entre os séculos XVI-XIX, a atenção maior recaía sobre os escravos (nos anos anteriores ao de 1889) e sobre as mulheres que eram bem vigiadas. Até os anos 70 do século XX, classes da sociedade não deveriam se agrupar sem a coordenação de um sacerdote, visto que, à época, a Igreja sabia de suas incapacidades de compreensão da liturgia católica. Este mesmo “cuidado” teve a Igreja Católica em relação ao MRCC. Um cuidado de direcionamento espiritual e, ao mesmo tempo, administrativo. A Igreja Católica precisava olhar suas ovelhas, o que a levou à absorção das manifestações populares, desde que fossem coordenadas por clérigos.

Por ser, um movimento eminentemente leigo, administrado por fiéis leigos, sem, necessariamente, precisar dos serviços ministeriais do sacerdote e sem se apresentar como contribuição a uma política de desclerificação, a igreja se desviava, significativamente, da forma sacralizada (efeito de consagração) administrada por essa instituição cujo ministro ordenado é quem preside a celebração. Nada mais natural que tais procedimentos chamassem a atenção, em especial, daqueles profissionais do culto<sup>6</sup> tradicional cujos movimentos só seriam aceitos se passassem a ser coordenados pelos clérigos.

Os clérigos eram, portanto, os “verdadeiros” intercessores, celibatários que poderiam direcionar o Espírito Santo, para a promoção das curas. Casos considerados mais simples e questões de relacionamento até acontecem em grupos de oração, sem a real presença do clérigo, contudo a libertação que se refere à expulsão de demônios, não poderia ser realizada por qualquer pessoa. Esta deveria estar habilitada e autorizada pela Igreja para realizar em “nome de Jesus” a expulsão do maligno.

As práticas do MRCC foram endossadas nos documentos produzidos durante o Concílio do Vaticano II, considerado um novo Pentecoste:

***O Espírito santificador e vivificador da Igreja***

4. Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cfr. Jo. 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cfr. Ef. 2,18). Ele é

---

<sup>6</sup> O autor O’Dea define culto como “reunião de gesto, palavra e meio simbólico de transmissão, que é o fenômeno religioso central”. O culto, para o autor, “tornou-se a representação da experiência religiosa e a maneira pela qual os crentes exprimiam sua relação com o sagrado” [...]. Dessa forma, [...] “o ato do culto é um ato social ou de reunião, em que o grupo restabelece sua relação com os objetos sagrados e, através destes, com o além, e, ao fazê-lo, reforça sua solidariedade e reafirma seus valores” (O’DEA, 1969, p. 60-61 ).

o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cfr. Jo. 4,14; 7, 38-39); por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cfr. Rom. 8, 10-11). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cfr. 1 Cor. 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (cfr. Gál. 4,6; Rom. 8, 15-16. 26). A Igreja, que Ele conduz à verdade total (cfr. Jo. 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cfr. Ef. 4, 11-12; 1 Cor. 12,4; Gál. 5,22). Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo (3). Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: «Vem» (cfr. Apoc. 22,17)! Assim a Igreja toda aparece como «um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (4).» ( *LUMEN GENTIUM*, 1964)

Há, por conseguinte, uma constatação do Vaticano sobre a presença do Espírito Santo e suas ações, como a doação de carismas, contanto que estes dons sejam utilizados para a promoção da fé e da Igreja Católica.

Entretanto, o movimento, em sua origem, e até mesmo, na atualidade, apesar do reconhecimento pelo alto clero da Igreja (os papas Paulo VI e João Paulo II e o respaldo de alguns documentos do Vaticano II cujo movimento se ampara), encontrou forte resistência pela ala clerical (a rejeição, a não-autorização e condenação, às vezes, pública do movimento), ao ponto de, em certas ocasiões, ocorrer a perda de líderes leigos e influentes para denominações evangélicas. Em 1994 a CNBB refletiu sobre as formas e as condutas que deveriam ser seguidas pela RCC:

O Documento 53 da CNBB, “Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”, publicado pelo Episcopado brasileiro, no ano de 1994 dirigido aos, e membros da RCC, para ser refletido e aprofundado. O texto pretende ser um ponto de referência para um diálogo dos pastores com fiéis que se identificam com a espiritualidade do movimento carismático. A reflexão do Documento parte de uma meditação sobre o Espírito Santo no mistério e na vida da Igreja. O Mistério da Igreja surge na história pela missão do Filho e do Espírito. O Espírito Santo é o intercessor que nos introduz na vida da Trindade, para realização do projeto de Deus. (SILVA, 2007, p.60)

De acordo com Silva (2007), à época da escrita do documento 53 da CNBB, existiam algumas dificuldades na utilização e nos exercícios e desenvolvimento do culto carismático. A preocupação de muitos bispos, párocos e padres das Igrejas era com as práticas rituais exercidas pelos grupos de oração carismáticos, mais especificamente, o uso dos carismas, a exemplo da oração em línguas e de alguns termos que se tornavam ambíguos como “batismo” no Espírito Santo, o “repouso no

Espírito” e a “Imposição das mãos”, algo estranhamente executado por um fiel-leigo até o final dos anos 50. (p.64)

O autor Silva (2007) destaca os principais pontos abordados pela CNBB. Entre muitas práticas, os bispos questionavam quem as realizava e não o procedimento, como no caso da imposição das mãos que, segundo os dogmas, só deveria ser utilizado para cura, ou libertação espiritual por ministros ordenados da Igreja. A RCC, deveria ter, portanto, uma assistência espiritual, na figura de um bispo, como garantia de que as orientações do Vaticano seriam seguidas. Como por exemplo, a não interrupção do ritual eucarístico,

não se interrompa a Oração Eucarística para momentos de louvor a Cristo presente na Eucaristia com aplausos, vivas, procissões, hinos de louvor eucarístico e outras manifestações que exaltem de tal maneira o sentido da presença real que acabem esvaziando as várias dimensões da celebração eucarística. (CNBB, 1994, p. 22)

Silva (2007) apresenta mais questões de ordem teológica destacadas no documento 53 da CNBB (1994), como as terminologias referentes ao “Batismo no Espírito Santo”, o que poderia confundir os fiéis, assim como o uso dos carismas deve ser feito com cautela e sob a vigilância dos bispos, o orar em línguas não deve ser confundido com o Dom da profecia e o exorcismo deve ser feito de acordo com o código canônico, não devendo ser praticado por leigos. Todas estas deliberações sobre a conduta que devem ter os líderes carismáticos são importantes, a ponto de serem observadas na conduta do Padre Moacir, visto que, diante das celebrações que presenciamos e dos vídeos que analisamos, o Padre acabava por incorrer em muitos destes equívocos, mesmo fazendo parte do clero.

### **Renovação Carismática na Paraíba: missas de cura e libertação coordenadas pelo padre Moacir Carreiro (o padre das “bênçãos”)**

Ao pensarmos em manifestação e fenômenos dentro da Igreja Católica, para além dos milagres que não acontecem com certa frequência, destacamos as Missas Carismáticas de cura e libertação, como um momento representativo da presença do fenômeno na Igreja Católica. O poder emanado pelos gestos, pelo líder, pelas pessoas faz com que ocorram curas (ou transformações) em pequenos espaços

muitas vezes superlotados de fiéis crentes de que estão no lugar certo para obterem uma bênção.

O Movimento da Renovação Carismática foi recebido na Paraíba (na segunda metade do século XX) pelo arcebispo Dom José Maria Pires<sup>7</sup>, que sempre seguiu as diretrizes do Vaticano, não fazendo objeção à atuação dos carismáticos nesta diocese. As práticas nas missas carismáticas, apesar de serem inovadoras em termos de rito<sup>8</sup> e culto, e de serem antagônicas no que diz respeito às performances efusivas, tinham bases teológicas conservadoras. Este conservadorismo está presente em muitos discursos proferidos por seus fundadores.

Nas primeiras décadas do século XXI, na cidade de João Pessoa, alguns padres carismáticos se destacaram, atraindo um grande número de fiéis. As missas de cura e libertação estavam sempre lotadas e, entre estes sacerdotes, destacamos a atuação do já referido Padre Moacir Carreiro (“Padre da Bênção”, o “Padre da Cura”). Este padre, em entrevista a um jornal local, destacou o quanto foi bem recebido em João Pessoa e ressaltou que tinha na pessoa de Dom José Maria Pires enorme respeito e admiração, destacando sua atuação como Teólogo da Libertação e sua opção pelos pobres. Já em 1996, estava sob as diretrizes do Arcebispo Dom Marcelo Carvalheira<sup>9</sup>,

Segundo entrevista concedida ao jornalista Clóvis Roberto, em maio de 2016, para o **Portal O Correio**, o Padre Moacir Carreiro iniciou as celebrações carismáticas de cura e libertação no ano de 1997 em Mamanguape. Ao ser transferido para João Pessoa, afirma ter “criado” a “Missa das Bênções” na Paróquia de São Francisco de Assis no Bairro de Mangabeira, sendo depois convidado para celebrar a mesma missa em outras paróquias. Rapidamente se tornou um líder carismático e atraiu multidões para suas celebrações, das quais os fiéis saíam convictos de terem sido curados de doenças ou de terem recebido suas graças e bênçãos.

Na fala do Padre Moacir Carreiro, o que chama a atenção é o seu protagonismo. Apesar de considerar a obra como fruto das ações do Espírito Santo na Terra, há, nas suas falas, o constante registro da primeira pessoa gramatical, seja

---

<sup>7</sup> Dom José Maria Pires: arcebispo da Paraíba entre os anos de 1966-1995, representante e importante líder espiritual vinculado à Teologia da Libertação.

<sup>8</sup> Segundo Vilhena (2005), os rituais vinculam-se ao imaginário expresso em linguagem simbólica. Rito é expressão e síntese do ethos cultural de um povo.

<sup>9</sup> Dom Marcelo Carvalheira: também teólogo da Libertação, trabalhou ao lado de Dom Hélder Câmara e veio para Paraíba como Bispo auxiliar em 1975, assumindo a recém criada Diocese de Guarabira em 1981, onde ficou até ser nomeado Arcebispo da Paraíba em novembro de 1995 até 2004.

em entrevistas formais, seja em vídeos que mostram partes de suas celebrações. O “eu fiz”, “eu faço” estão sempre presentes, configurando-se em mais uma das características de um líder carismático, a personificação do poder. O Espírito Santo realiza, mas através de sua intercessão. O religioso tem dons para invocá-lo, assim como para expulsar os demônios.

Padre Moacir explica que há dois tipos de exorcista: o de ofício, que é nomeado pelo bispo e tem uma preparação em Roma; e o de dom, quando o religioso recebe a graça de Deus para fazer o exorcismo. "Dizem que eu tenho esses dons. Eu agradeço ao Senhor Jesus que me deu esses dons e eu os coloco a serviço do povo", relata. (ROBERTO, 2016)

Ao afirmar ter recebido dons, tanto em suas falas ao público, quanto nas entrevistas que concedia, o Padre Moacir se apropriava de poderes e legitimava suas ações por meio de um chamado, de uma escolha divina. O cargo de padre de uma paróquia já lhe capacitava como um líder funcional deste espaço, mas a sua atuação e a forma como realiza os ritos o faz ser “ungido” e, talvez por essa razão, a quantidade de fiéis que se dirigia às suas “Missas de bênçãos” parecia ser bem superior ao número de paroquianos. Ônibus vinham de outras cidades, as pessoas lotavam os espaços como romeiros e se aglomeravam para participar das celebrações.

O poder investido pela hierarquia eclesial iria além das questões materiais que lhes dizia respeito, a batina por se só possui um “poder simbólico” como define Bourdieu (1989) que é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem, é a partir desta relação de poder entre o Pe. Moacir e seus fiéis que há uma brecha para a crença na capacidade do sacerdote em realizar curas.

Conforme a definição de Gardner (1996), podemos considerar o Padre Moacir como um líder auto unguado, devido à provável eficácia de suas ações. Estas, por sua vez, decorriam do domínio de recursos linguísticos e não linguísticos (performáticos), por conta de explicações, testemunhos, de apologias e visões que tiveram. Para Chauí (1985), na perspectiva fenomenológica, a percepção do líder é sempre uma experiência do indivíduo dotada de significação, isto é, tem um sentido vinculado a sua história de vida.

Em vídeos salvos no YouTube, podemos observar a forma como o Padre coordena a missa, destacando as suas ações como extremamente relevantes para o ato de cura, apesar da presença do Espírito Santo, em especial, materializado no

ostensório. O fiel que receberá a benção será o que o padre tocou, soprou, olhou nos olhos, abraçou, fez descansar o espírito. Ou seja, sem a sua intercessão direta, a concretização da cura seria mais demorada. O estudo dos procedimentos das missas de cura já foi explorado por outros autores. O que pode ser destacado no padre Moacir é justamente sua personificação da ação “mágica”, e a garantia da eficácia do evento, além de uma intensa divulgação de seus feitos. Entre as partes que podemos destacar está a do anúncio das curas que poderão ocorrer durante a missa: “aqui tem mães que buscam cura para os filhos, saiam sabendo que receberam esta bênção”; “os que estavam com carteira de trabalho nas mãos e que o padre soprou, estejam certos que encontrarão o emprego”; “uma mulher com câncer, retornará na próxima missa para testemunhar sua cura”. E assim, de forma profética, anuncia as curas que os fiéis alcançarão.

O fato é que estes fiéis recebem muitas das bênçãos, saem “curados” e aquietam suas aflições. E assim, a fama de padre das curas que curava mais do que o Espírito Santo se espalhava no imaginário popular a cada ano que passava. Esta cura, segundo Csordas (2008) pode ter três aspectos diferentes: a cura física da doença corporal, a cura interior da perturbação e da doença emocional, e a libertação dos efeitos adversos de demônios e espíritos malignos. Ao estudar o movimento Carismático Católico, o autor observou que as orações se encaminhavam nestas direções. A “cura pela fé pode trazer o alívio da doença, o sucesso do tratamento médico, a diminuição dos efeitos colaterais da medicação, ou a libertação do sofrimento através da morte”. (2008, p.33). Dessa forma, os fiéis saem das missas, curados, pois passam pelo que Csordas (2008) descreveu como sendo uma transformação. “Cura” significa um processo de transformação. O câncer ainda pode lhe matar, mas seu espírito está renovado, você se reencontrou com o Espírito Santo e aquela doença e o modo como você vai encará-la será outro, será transformado, a renovação de seu batismo e sua aliança com Deus lhe curou.

A imposição de mãos acompanhada de orações em alguns casos inaudíveis é utilizada nos rituais dos católicos pentecostais, assim como a oração em línguas. Esta, por sua vez, é uma “confirmação” da presença do Espírito Santo, “tal como em pentecostes”. As Missas comandadas pelo padre Moacir, diferentemente dos grupos de orações, possuíam “mais força”; a presença de grande quantidade de pessoas, em um local pequeno, promovia um aumento de temperatura no espaço (calor), tornando o ambiente inebriante; as pessoas se aglomeravam querendo tocar no ostensório, no

padre ou descansar o espírito; queriam receber o Espírito Santo e orar em línguas de tal forma que seus pedidos fossem atendidos com maior eficácia.

As músicas executadas com entusiasmo e as coreografias que delas decorrem são atraentes para os jovens que buscam por solução de problemas e também atraem as pessoas mais velhas. Nesse contexto, as Missas de Cura e Libertação se tornaram um sucesso. A paróquia e espaços físicos foram crescendo, assim como a fama do padre. As performances das Missas de Cura e Libertação ocorrem com palmas entusiasmadas que, segundo Manués (2000) integram diversos cantos, na forma de aplausos, acompanham uma pregação considerada como “muito ungida” e acontecem, também, quando alguém apresenta um “testemunho” de acontecimento pensado como extraordinário (especialmente de um “milagre”), quando se invoca o nome da Virgem Maria, ou seja, as manifestações ora são espontâneas, ora são pontuais ou convocadas, como faz o padre Moacir em suas cerimônias: “ Amén? Aplaudam? Viva ao Senhor...”. Por isso, as performances da RCC foram questionadas pela própria CNBB:

Em seu documento intitulado “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”, (...)“Não se introduzam elementos estranhos à tradição litúrgica da Igreja ou que estejam em desacordo com o que estabelece o Magistério ou aquilo que é exigido pela própria índole da celebração (...). Não [se saliente] de modo inadequado as palavras da Instituição, nem se interrompa a Oração Eucarística para momentos de louvor a Cristo (...), com aplausos, vivas, procissões, hinos de louvor (...) e outras manifestações que exaltem de tal maneira o sentido da presença real que acabem esvaziando as várias dimensões da celebração eucarística”<sup>7</sup> (CNBB, 1994 apud SILVA, 2007)

Para além das performances e danças praticadas, sobretudo quando são entoados os cânticos (movimentos reincorporados no ritual católico oficial através da RCC) que se fazem presentes, desde as reuniões dos Grupos de Oração, até, com ênfase especial, nas reuniões denominadas de “Renovai-vos” (ou “Carnaval com Cristo”), a atuação do padre Moacir chamava a atenção por sua personificação do poder. Suas ações levavam os leigos a considerarem as curas e as bênçãos ao simples fato do padre estar presente. Ele seria a pessoa capaz de realizar a intercessão interpretada como poderes particulares por muitos dos fiéis que participavam de suas celebrações.

Em 2017, Dom Aldo Pagotto, bispo da arquidiocese da Paraíba afastou o Padre Moacir da paróquia São Francisco de Assis para a “Obra de Maria”, uma Comunidade

Católica, onde deveria se manter em reclusão. No ano de 2019 assumiu uma paróquia no estado do Acre e no ano de 2020 retornou ao Nordeste, atuando na Igreja do Divino Espírito Santo, na cidade do Recife.

Concluindo, após discorrer sobre estes eventos envolvendo o “padre das bênçãos”, podemos resumir, em uma única afirmação, algumas das ideias que, de certa forma, perpassam as considerações críticas aqui apresentadas: a noção de poder/força divino(a) está não só na base de todo fenômeno religioso, mas também na força do poder administrativo bem como nas habilidades carismáticas de quem exerce tal poder que, nem sempre, é tão “sagrado” assim.

## REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995
- CSORDAS, Thomas J. **Corpo/ Significado/Cura**. Tradução José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas** : a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MAUÉS, R. H.. “Algumas técnicas corporais na Renovação Carismática Católica”. **Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais E Religião**, 2(2), 119–151. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-2650.2163>
- O’DEA, Thomas, **The sociology of religion**, Englewood Cliffs (NJ), Prentice-Hall, 1969.
- OLIVEIRA, Vitória Peres de. “A fenomenologia da Religião: Temas e Questões sob Debate”. In: DREHER, Luís H. org. **A Essência Manifesta**. A fenomenologia nos Estudos Interdisciplinares da Religião. Juiz de Fora, Editora da UFJF, 2003.
- ORO, Ari Pedro e ALVES, DANIEL. “Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo?” **Religião & Sociedade** Vol. 33 n.1. 2013, On-line version ISSN 1984-0438. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-85872013000100007>
- SILVA, Sécio de Souza . “Uma leitura interpretativa das “Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica à luz da teoria da religião” **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p.53-70, dez. 2007 Disponível em: In: <file:///C:/Users/Samsung/Downloads/DialnetUmaLeituraInterpretativaDasOrientacoesPastoraisSob-4740625.pdf>
- SOUZA, André Ricardo de; PRANDI, Reginaldo . A carismática despolitização da Igreja Católica. In: Antônio Flávio Pierucci; Reginaldo Prandi. (Org.). **A realidade**

**social das religiões no Brasil: religião, política e sociedade.** 1ed. São Paulo: Hucitec, 1996, v. 1.

VILHENA, Maria Angela. **Ritos: expressões e propriedades.** São Paulo: Paulinas, 2005

Documentos

CNBB; “**Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica à luz da teoria da religião**” Documento 53, 1994.

Constituição Dogmática. **LUMEN GENTIUM.** Sobre a Igreja. Papa João Paulo VI, 1964. In:

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html) ROBERTO , Clóvis. “Duas décadas servindo a Deus e atraindo multidões de fieis às missas” In: Portal Correio, 22 de maio de 2016. Disponível em: <https://correiodaparaiba.com.br/geral/paraiba-geral/duas-decadas-servindo-a-deus-e-atraindo-multidoes-de-fieis-as-missas/>

Vídeos

1. **Pe Moacir em Mangabeira** passagem do SANTÍSSIMO com Pe. Moacir em Mangabeira Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EPghfWPoOo>
2. **Consagração das Hóstias e Momento do Sopro – Pe. Moacir** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IPDX72tWKvo>
3. **Pe. Moacir Carreiro** Mulungu PB Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q7WRJyLxgDI>
4. **Padre Moacir carreiro missa de curá e libertação em Nazaré da Marta dia 14/12/2016 (1)** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=imLnWH57\\_s4](https://www.youtube.com/watch?v=imLnWH57_s4)
5. **Missa cura e libertação com padre Moacir carreiro (Mangabeira VII)** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=u5\\_zkrTjTA](https://www.youtube.com/watch?v=u5_zkrTjTA)
6. **Padre moacir em marí.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=BvZfvB\\_hGrQ](https://www.youtube.com/watch?v=BvZfvB_hGrQ)

**Capítulo 4**  
**GRUPO DE ESTUDO FORMADORES EM AÇÃO: UMA**  
**POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DOS/DAS**  
**PROFESSORES/RAS DE ENSINO RELIGIOSO DO**  
**PARANÁ?**

*Maritana Drescher da Cruz*  
*Andrelina Aparecida Gonzaga Oliveira Dombrowski*  
*Lucimar Rosa Dias*

# **GRUPO DE ESTUDO FORMADORES EM AÇÃO: UMA POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DOS/DAS PROFESSORES/RAS DE ENSINO RELIGIOSO DO PARANÁ?**

## **Maritana Drescher da Cruz**

*Doutoranda em educação pela UFPR. Professora da rede estadual do Paraná.*

*Contato: [maritana.historia@gmail.com](mailto:maritana.historia@gmail.com)*

## **Andreína Aparecida Gonzaga Oliveira Dombrowski**

*Especialista em metodologia do ensino da filosofia sociologia e em metodologia do*

*Ensino Religioso. Professora da rede estadual do Paraná. Contato:*

*[andrelinaagod@gmail.com](mailto:andrelinaagod@gmail.com)*

## **Lucimar Rosa Dias**

*Doutora em educação. Coordenadora do ErêYá- Grupo de Estudos em Educação  
para as Relações Étnico-Raciais. Membro do NEAB- Núcleo de Estudos Afro-*

*Brasileiro –UFPR - Programa de Pós-Graduação - PPGE/ UFPR – Linha*

*Diversidade, Diferença e Desigualdade Social, Departamento de Planejamento e  
Administração - DEPLAE/Setor Educação. Contato: [lucimardias1966@gmail.com](mailto:lucimardias1966@gmail.com)*

## **RESUMO**

Este trabalho desenvolveu uma investigação acerca do curso denominado “Formadores em ação” que é ofertado desde 2020 pela Secretaria de Estado e Educação do Paraná SEED-PR, para algumas disciplinas, porém para Ensino Religioso foi ofertado pela primeira vez neste ano de 2022. O curso é destinado a professores/as da rede, visando proporcionar uma formação para o uso de metodologias ativas. Perguntas emergem entre o diálogo entre professoras a partir de suas práticas pedagógicas durante a atuação nessa disciplina: como se formam professores/as para lecionar o Ensino Religioso? Quais as contribuições que o referido curso traz para a formação e para as práticas pedagógicas desses profissionais? Com uma abordagem qualitativa, foi escolhida a metodologia de pesquisa etnopesquisa-formação. A partir da teoria e prática consideramos que professores/as que lecionam o Ensino Religioso na rede estadual do Paraná não tem formação inicial específica para lecionar esse

componente curricular, pois suas formações iniciais são em disciplinas que compõem o campo das humanidades. Assim sendo os/as professores/as que a ministram se formam durante o percurso, na troca entre os pares ou com formações continuadas que ainda são esporádicas e com pouca oferta de vaga.

**Palavras-chave:** Formação de Professores; Ensino Religioso; Práticas pedagógicas

## 1.Introdução

Esse trabalho foi escrito por professoras unidas em um ideal de formação e práticas pedagógicas voltadas ao respeito às diversidades, e em especial a religiosa. Compreendemos a formação a partir da perspectiva de Marli André (2010) que a trata como um processo contínuo que se inicia no começo da vida escolar e se estende durante todo processo profissional da formação de um/a professor/a. Assim, a formação de professores/as tem que ser pensada como um aprendizado profissional ao longo da vida, como um *continuum*. Assim, no papel de professoras da educação básica que ministram o Ensino Religioso, ressaltamos a necessidade da formação continuada. Trazemos como objeto dessa pesquisa e centralidade deste trabalho, o curso de formação continuada, ofertado em formato de grupo de estudos, pela Secretaria de Estado de Educação SEED-PR intitulado “Formadores em ação”. Nos propomos analisar a proposição da mantenedora com o referido curso e como ele pode contribuir nos processos formativos.

Na primeira seção, trazemos o caminho metodológico traçado para composição deste trabalho. Na segunda, fazemos uma reflexão sobre a formação de professores/as, em especial os/as que lecionam o Ensino Religioso no Paraná. Na terceira, trabalhamos as práticas pedagógicas propostas pela SEED-PR no curso “Formadores em ação” à luz da etnopesquisa e, por fim, as considerações.

## 2.Caminhos metodológicos

Adotamos como metodologia da pesquisa a etnopesquisa-formação com uma perspectiva metodológica que critica epistemologias fechadas com convicção de que exista uma ciência imparcial e aposta na construção de saberes indexados ao vivido em contato com as realidades concretas, reconhecendo, nesta condição, a potência

investigativa e formativa que segundo Macedo (2010) funciona como um modo de pesquisar que exercita uma perspectiva interativa e relacional. Essa metodologia busca a criação de saberes implicada, ou seja, em que pesquisadores não estão distantes do seu objeto. Sendo assim, elegemos essa metodologia, visto que nós somos professoras do Ensino Religioso em formação, portanto implicadas nesse campo de pesquisa.

Utilizamos o instrumento da observação, um olhar atento e uma escuta afinada, para isso, inscrevemo-nos e cursamos a formação ofertada pela mantenedora para observar, pois para etnopesquisa, a experiência direta é, sem dúvida, o melhor “teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno antropossocial” (MACEDO, 2010, p. 91). Cursamos a primeira oferta do curso de março de 2022 até maio de 2022 e registramos o que vivenciamos em um diário de campo e para além de um registro meramente mecânico, buscamos no processo a apreensão de sentidos. Pautadas na etnometodologia, discutimos formação de professores/as para lecionar Ensino Religioso. Na próxima seção, buscamos trazer os processos formativos de professores/as de Ensino Religioso no Paraná.

### **3. Formação de professores de Ensino Religioso**

Dialogamos com o conceito de formação de professores/as, defendido pela professora Marli André (2010), que tem início no começo da vida escolar e acontece durante sua atuação profissional, sendo assim o contexto social influência de maneira direta os processos formativos. Concordamos com André (2012, p.58) ao afirmar que “ensino e pesquisa se articulam em vários sentidos”, pois é necessária uma articulação entre teoria e prática, assim como atribuir a professores/as um papel ativo no próprio processo de desenvolvimento profissional.

O convívio e a prática escolar fazem parte do processo de construção da identidade docente e da formação do/a professor/a dentro e fora de sala de aula. Mesmo em meio a tantos desafios encontrados ao longo da história na educação brasileira, o nosso conhecimento é construído através das experiências vividas no cotidiano escolar, possibilitando a construção de uma identidade profissional que nos faz refletir constantemente sobre o nosso papel de informar, ensinar e construir olhares críticos e reflexivos sobre a vida e a sociedade tão diversificada.

Selma Garrido Pimenta (1997) e Tardif (2006) explicam que o/a professor/a elabora o seu próprio conhecimento a luz de suas experiências vividas, resultando na construção da sua identidade profissional, não imutável e sim um processo de construção que pode ser modificado a cada dia, a cada aula ou a cada momento, o “ser” professor está ligado a uma revisão constante da sua construção de identidade.

Como professores/as de ER, essa construção pode ser definida como uma marcha diária, prática em ritmo ferrenho, pois nossa formação está atrelada a outras licenciaturas na área das Ciências Humanas, grande parte vinda por conta própria, nas trocas de experiências com colegas, na pesquisa ou na própria busca pelo conhecimento. Se levarmos em consideração todo o processo de consolidação da disciplina nos currículos escolares, podemos apontar outros paradoxos em relação ao material didático de apoio e a resistência encontrada em sala, não apenas por estudantes e responsáveis, mas pelos próprios colegas que desconhecem o conteúdo programático e a importância do ER na formação pedagógica voltada para os conteúdos formativos estabelecidos pelas Diretrizes da disciplina no Paraná.

Nesse contexto, o/a profissional quem quiser uma formação mais profunda para lecionar ER deve buscar fora da mantenedora, em cursos de graduação e pós-graduação na área, em instituições de ensino privadas que exigem um investimento financeiro ou realizar as visitas a campo ofertadas pela ASSINTEC. Dessa forma, consideramos que a formação voltada a essa disciplina não está sendo ofertada de maneira satisfatória. Para nossa momentânea satisfação, em março de 2022 iniciou-se a primeira oferta do curso de formadores e ação para esse componente curricular, mas que conforme trataremos em seguir não supriu as necessidades de professores/as que lecionam dessa área.

#### **4.Práticas pedagógicas no Ensino Religioso**

Entendemos como práticas pedagógicas o processo de ensino-aprendizagem que envolve desde o planejamento até o ensino de conteúdo. Para Maria Amélia do Rosário Franco (2016), a natureza das práticas docentes encontra-se avulsas, desconectadas de um todo, sem o fundamento das práticas pedagógicas que lhes conferem sentido e direção. Portanto, compreendemos que as práticas pedagógicas propostas pela mantenedora estão conectadas a uma intenção de precarização da educação camuflada de formação.

Segundo a SEED, as práticas propostas no curso têm o objetivo de ressignificar as práticas pedagógicas curriculares, buscando um processo contínuo de formação, fazendo uso de metodologias ativas para incentivar os estudantes a aprenderem de maneira autônoma e participativa, por meio de problemas e situações reais, realizando tarefas que estimulem os/as docentes a pensarem além, a terem iniciativa, a debaterem, tornando-se responsáveis pela construção de conhecimento. Neste modelo de ensino, o/a professor/a torna-se coadjuvante nos processos de ensino e aprendizagem, permitindo aos/as estudantes o protagonismo de seu aprendizado.

O/A professor/a formador/a realmente torna-se coadjuvante ao receber e reproduzir um material vindo da SEED, pronto e acabado que retira a autonomia docente. O material utilizado no curso é o mesmo que serve de apoio para estudantes e professores que foi disponibilizado no ano de 2020 continua sendo ofertado em 2021 via site Aula Paraná e em 2022 apenas para professores por meio do Registro de Classe Oficial (RCO). Chegando ao final do curso de formadores, a expectativa de ter nossa formação em Ensino Religioso adensada mostrou-se frustrada, a teoria da disciplina não foi abordada, permanecendo apenas na reprodução de slides que visam ensinar professores/as metodologias ativas e não a teoria e o conteúdo que poderiam ser abordados em sala de aula. O material vem pronto e acabado de modo que fica engessado para o professor/a aplicar aos estudantes. Disfarçado de facilidade ao professor/a, esses slides colocam-nos em uma situação cômoda, pois fica-se na reprodução automática sem muito buscar pesquisar na elaboração de aulas. Assim, elencamos que o curso esteve muito longe de formar para o exercício de lecionar o Ensino Religioso, pois percebeu-se que o conservadorismo se colocou desde o início até o final, corroboramos Wendy Brown (2020, p.2) “o conservadorismo a partir faz parte da arquitetura original do neoliberalismo”.

Durante o curso a vigilância e o engessamento foram evidenciados, pois o acesso deve ser feito através do e-mail institucional, podendo ser invalidado com falta caso o login seja através de outros e-mails. Essas condições impostas podem ser facilmente assemelhadas e identificadas nos três instrumentos da disciplinarização do poder segundo Foucault (2009) que são “o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (FOUCAULT, 2009, p.164).

As condições impostas para obter a certificação do curso ofertado pela mantenedora não levam em consideração o conhecimento obtido pelo professor ou

se o curso está realmente sendo significativo e satisfatório em relação ao aperfeiçoamento dos conteúdos. essa vigilância constante serve para o controle de presença, do número de acessos registrados e da validação através dos e-mails com @escola, típico de um “mercado” neoliberal em que docente, discente e escola se tornam apenas números em prateleiras de um grande comércio chamado educação. Assim presenciamos um movimento de desvalorização da educação e nas palavras de Brown:

Para o neoliberalismo, educação é formação para o trabalho; não o enxerga como uma formação que joga luz sobre a humanidade, o mundo, a natureza ou a cultura. Trata a educação simplesmente como forma de desenvolver o capital humano, e essa perspectiva foi concretizada por meio do desinvestimento na educação pública, especialmente no ensino superior, mas onde também as escolas foram afetadas e sua qualidade caiu drasticamente. (BROWN, 2020, p. 4)

Portanto, o referido curso bem como seu formato corroboram com práticas neoliberais camufladas de formação de professores. Pois a oferta de planejamento, materiais, slides e atividades prontas no RCO se tornam passíveis de uma docilização dos corpos docentes por meio de uma disciplina condicionada pelo sucateamento e desvalorização do profissional da educação, pois assim se torna mais fácil aceitar aquilo que vem pronto, disfarçado de maneira prática e simplista, sendo mascarado por um discurso de liberdade falsa para se modificar aquilo que já está pronto, ou seja, utilidade, produtividade e submissão, pois entendemos que “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. (FOUCAULT, 2009, p.29). Essa docilização torna professores/as cada vez mais consumidores daquilo que se é imposto de maneira hierarquizada, reproduzindo cada vez mais um conteúdo pautado em produção e metas, adestrando o docente e deixando de lado o conhecimento, a reflexão e a crítica fundamentais para uma formação significativa.

## **5.Considerações**

A partir das práticas adotadas pelo curso “formadores em ação de Ensino Religioso” sinalizamos implementação silenciosa de políticas neoliberais, disfarçadas de formação de professores/as, pois a mantenedora busca fazer dos professores/as meros reprodutores de algo que já vem pronto e acabado, retirando a autonomia e a criatividade e reproduzindo uma lógica neoliberal na educação pública. A precarização

do trabalho docente, através do sucateamento da educação, com turmas lotadas, diminuição da carga horária de hora atividade e transformação do professor/a em “máquina” disposta a cumprir metas estabelecidas e alcançar números mascarados por meio de sistemas, planilhas e softwares nos confirma a supervalorização de números em detrimento do conhecimento, ou seja, declínio constante do processo de ensino-aprendizagem significativo na escola.

As práticas cada vez mais características de um governo neoliberal nos fazem acreditar que o processo de formação está cada vez mais condicionado a um adestramento dos corpos docentes dentro do ambiente escolar, por meio da docilização do corpo e da institucionalização do poder constante de vigilância e punição impostas por um Estado e aceitas de forma cada vez mais passiva pelos professores/as.

## 6.Referências

ANDRÉ, Marli. A Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. *Revista Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010.* Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8075>. Acesso em: 23 maio de 2022.

ANDRÉ. Marli. Pesquisa, Formação e Prática Docente. *In. O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores.* Marli André (org). Campinas: Papirus, 2012)

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (DE 16 DE JULHO DE 1934). Nós, os representantes do povo brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático, que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social e econômico, decretamos e promulgamos a seguinte. Art. 153. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm). Acesso em: 30 de ago. de 2018.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.* Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003, p. 01. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 30 de ago. de 2018.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.* Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo

oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, mar. 2008.

BRASIL. *Ministério da Educação. Base nacional comum curricular*. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 23 de jul. de 2019.

BROWN, Wendy. E agora, que o neoliberalismo está em ruínas? Entrevista concedida à Verónica Gago. *Revista Mundo*. p. 1-8. dez. 2020.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Revista brasileira de Estudos pedagógicos, Brasília*, v. 97, n. 247, p. 534-551, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVSPzTq/abstract/?lang=pt>. Acesso em 24.abr.2022.

AQUINO, Maurício de. O Ensino Religioso no século XXI: religiosidade, laicidade e diversidade cultural. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 6, n. 17, p. 117-132, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/23549/12745>. Acesso em: 01 maio de 2022.

PARANÁ. *Diretrizes curriculares da educação básica*. Ensino Religioso. DCE, 2008. Disponível em: [www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_er.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_er.pdf). Acesso em: 01 maio de 2022.

PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de Professores: Saberes da docência e identidade do professor*. Revista Fac. Educ. São Paulo, v. 22, n. 22, p. 72-89, jul/dez 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33579>. Acesso em: 01 maio de 2022.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006

**Capítulo 5**  
**PENTECOSTALISMO CÍVICO: TEOLOGIA,  
IDENTIDADE E MISSÃO**

*Arthur Augusto de Oliveira Nogueira*  
*Tiago Borges de Almeida*

# PENTECOSTALISMO CÍVICO: TEOLOGIA, IDENTIDADE E MISSÃO

**Arthur Augusto de Oliveira Nogueira**

*Graduado em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória, pós-graduado em MBA em Gestão de Estratégia Empresarial. E-mail: Arthur.nogueira37@gmail.com.*

**Tiago Borges de Almeida**

*Graduado em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória, pós-graduado em Ciências das Religiões com Ênfase no Ensino Religioso, licenciando em História pela Faculdade Estácio de Sá, Mestrando em ciências das religiões pela FUV. E-mail: tiagoborges.icm@gmail.com.*

## **RESUMO**

O presente artigo trata-se da contribuição que o pentecostalismo tem dado à tradição cristã e a sociedade, a partir do resgate da pneumatologia que proporciona o empoderamento das identidades marginalizadas em seu papel nas mudanças das estruturas sociais. O objetivo da pesquisa é mostrar que o movimento pentecostal possui uma identidade teológica e que a igreja, sob o poder do Espírito, tem rompido limites paradigmáticos em sua práxis missionária. Quanto à metodologia, a pesquisa concentrou-se em dialogar teologia e experiência, igreja e sociedade, esclarecendo e aproximando a teologia pentecostal aos pentecostais, afim de que sejam melhor instrumentalizados.

**Palavras-chaves:** Pentecostalismo. Teologia. Identidade. Sociedade. Missão.

## **ABSTRACT**

This article deals with the contribution that Pentecostalism has given to Christian tradition and society, from the rescue of pneumatology that provides the empowerment of marginalized identities in their role in changing social structures. The objective of the research is to show that the Pentecostal movement has a theological identity and that the church under the power of the Spirit has broken paradigmatic limits in its missionary praxis. As for methodology, the research focused on dialoguing theology and experience, church and society, clarifying and bringing Pentecostal theology closer to Pentecostals, so that they are better equipped.

**Keywords:** Pentecostalism. Theology. Identity. Society. Mission.

## Introdução

Tendo em vista que o ponto de partida da teologia pentecostal é a doutrina da ação do Espírito Santo nos dias atuais assim como nos tempos apostólicos, é de suma importância que se contrarie as acusações de que o pentecostalismo não tem uma teologia concisa, nenhuma ligação com o protestantismo, e não ser parte da tradição cristã. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo mostrar que o movimento pentecostal tem uma identidade histórica, teológica, hermenêutica, e, sobretudo, está contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária a partir de sua práxis.

O movimento pentecostal, além de sua contribuição teológica, tem empregado grandes esforços em seu fazer missiológico, rompendo fronteiras resultantes de pecados estruturais e construindo pontes inovadoras e criativas proporcionadas pela dinâmica do Espírito. Apresentando uma cosmovisão que permite um diálogo entre a tradição e a experiência, libertando o fazer teológico de uma colonização europeia, cuja teologia encontra-se engessada por catecismos e dogmas que não respondem as demandas de um novo mundo.

O objetivo do artigo é dar um esclarecimento teológico sucinto através de sua história, prática e leitura. É, sobretudo, “apresentar a teologia pentecostal ao pentecostalismo”, de forma que os pentecostais conheçam a sua própria identidade, e os atos praticados sejam conscientes, aperfeiçoados, ampliados e, nesse sentido, o reino de Deus atinja todas as esferas da sociedade e as dimensões do ser-no-mundo. Portanto, o artigo divide-se em duas seções. Na primeira, será abordado o resgate da pneumatologia articulada com um novo olhar sob Lucas-Atos para a compreensão da teologia pentecostal. A segunda seção trata-se da relação entre o papel teológico-missionário-pentecostal na construção de uma sociedade igualitária, justa e solidária.

### **Teologia e experiência pentecostal: A importância do Espírito no fazer teológico**

O pentecostalismo já foi o “irmão mais novo” e dependeu muito de outras tradições cristãs, mas agora amadureceu e também tem algo a ensinar aos demais irmãos.”<sup>10</sup> Essa afirmação, revela a incumbência e a notoriedade teológica que o pentecostalismo tem apresentado a tradição cristã. Grandes teólogos pentecostais

---

<sup>10</sup> CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e pós modernidade: Quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, p. 19.

contribuíram e estão contribuindo para a compreensão da teologia, história e hermenêutica pentecostal, como por exemplo: Stanley M. Horton, Roger Stronstad, Anthony D. Palma, Donald Gee, William Menzies, Robert Menzies, Gordon D. Fee, Jon Ruthven, Rodman Williams, Kenneth J. Archer, Craig S. Keener, Amos Yong, Vinson Synan, Antônio Gilberto, Claiton Ivan Pommerening, Silas Daniel, Gutierrez F. Siqueira, César Moisés Carvalho, Kenner Terra, David Mesquiati, etc. Nas palavras de Carvalho: “Que fique claro que a proposta de uma produção teológica pentecostal, não está sugerindo uma reinvenção da roda, como se o pentecostal fosse desconsiderar a tradição cristã, comum a todas expressões do cristianismo ocidental.”<sup>11</sup> Assim como todos os cristãos, os pentecostais creem nas doutrinas basilares da fé cristã contida na Bíblia e sistematizada em poucas palavras no credo apostólico.

A teologia pentecostal está enraizada em outros movimentos que ocorreram ao longo da história, “é uma evolução do pensamento wesleyano, do movimento de santidade, da teologia dos avivamentos, etc”.<sup>12</sup> No entanto, o pentecostalismo não é uma mistura de teologias e pensamentos, mas é o resultado da ação do Espírito num longo processo histórico. Como afirma Hyatt, “o cristianismo pentecostal não está na periferia do cristianismo ortodoxo, mas está no âmago do cristianismo bíblico e histórico.”<sup>13</sup> O pentecostalismo é uma alternativa teológica plausível depois de uma luta travada entre o liberalismo e o fundamentalismo. Em um mundo onde o conhecimento racionalista é o portador da verdade, e ambos os grupos se valem de tal fonte argumentativa para defender seus pontos de vistas, o pentecostalismo com uma abordagem pneumatológica nasce como uma nova proposta dentro do cristianismo. De acordo com Albano,

A grande contribuição pentecostal ao se constituir a partir dos testemunhos de fé apoiados da experiência pessoal com o Espírito de Deus foi democratizar a fala sobre o divino. A narrativa com seu teor oral, emotivo e fomentadora de polos significantes foi capaz de expressar a religiosidade pentecostal (...) rica em expressividade e criação de sentidos que amparam a vida dos mais pobres da sociedade. Desta forma, surgiu dentro do protestantismo do século XX, um modo popular de articular a fé evangélica. Surgiram comunidades pentecostais que possibilitaram o protagonismo de

---

<sup>11</sup> CARVALHO, 2017, p. 345.

<sup>12</sup> SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. *Revestidos de poder: uma introdução a teologia pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 14.

<sup>13</sup> HYATT, Eddie. *2000 anos de cristianismo carismático*. Natal, RN: Carisma, 2018, p. 16.

pobres, negros e mulheres dentro de espaços pautados pela experiência democrática do Espírito.<sup>14</sup>

A experiência é algo crucial para a fé pentecostal. O Espírito Santo é a fonte da experiência cristã, pois é Ele quem guia após o novo nascimento e na leitura bíblica. O Espírito é aquele que penetra e interliga todas as coisas, é o gerador de comunhão, afinidades e relacionamentos. Ele é a mola propulsora que conduz o cristão a uma experiência transcendente, fazendo-o enxergar os textos bíblicos não como algo distante e obsoleto, de milhares de anos atrás, mas como verdade liberadora, que permeia por séculos, cumprindo a vontade de Deus no passado e no agora. O Espírito, com sua dinâmica, é capaz de provocar uma imanência, isto é, faz com que o cristão se sinta parte de algo maior, mobiliza-o a ler o texto de forma que os princípios ali contidos reflitam a glória de Deus em sua vida. A experiência sempre vai culminar para uma ação consciente no agora. Nesse sentido, ser pentecostal é agir em detrimento de um princípio bíblico adquirido pela leitura/experiência guiada pelo Espírito. Segundo Pommerening,

A experiência com o Espírito Santo deveria permear todo e qualquer fazer teológico pentecostal e neste sentido é mais importante que a própria teologia em si, caso contrário produzirá teólogos e alunos frios com uma teologia estéril que não satisfaz às demandas da vida e das próprias exigências do Espírito.<sup>15</sup>

O pentecostalismo é uma força evangélica e cristã cujo papel é o resgate da Pessoa do Espírito Santo na condução da igreja.”<sup>16</sup> Ao longo dos séculos a igreja cristã se preocupou com as questões relacionadas a cristologia, eclesiologia e soteriologia, porém, pouca coisa foi produzida acerca da pessoa do Espírito Santo.

Para conhecer a teologia pentecostal é necessário um olhar mais acurado nos textos lucanos. De acordo com Stronstad, Lucas não pode ser visto apenas como médico, deve ser visto, também, como historiador e teólogo, dessa forma, seu ponto de vista teológico levou-o a escrever a história.

Portanto, como Lucas é teólogo por direito próprio, os intérpretes devem examinar seus escritos com a mente aberta à possibilidade de que a perspectiva lucana sobre o Espírito Santo defira da de Paulo.

---

<sup>14</sup> ALBANO, Fernando. *A ação do Espírito no mundo: novas perspectivas sobre o profetismo pentecostal em diálogo com Paulo Tillich*. São Paulo: Recriar, 2018, p. 46.

<sup>15</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. *Fragmentos de uma teologia do Espírito para o pentecostalismo clássico*. In: Anais do congresso internacional da faculdade EST. São Leopoldo: EST, 2014. v.2, p.459-472 à p. 466.

<sup>16</sup> SIQUEIRA, 2018, p. 14.

Por conseguinte, assim como o reconhecimento de que Lucas é teólogo e historiador torna Lucas-Atos uma fonte legítima para a doutrina do Espírito Santo. Reconhecer os dois fatos é reabilitar Lucas como historiador-teólogo do Espírito Santo e permitir que ele faça uma contribuição significativa, única e independente para a doutrina do Espírito Santo.<sup>17</sup>

A pneumatologia de Lucas, não pode ser confundida com a pneumatologia de Paulo. Lucas descreve uma pneumatologia “missológica, escatológica e comunitária, onde a elocução profética é o sinal do enchimento do Espírito”.<sup>18</sup> O Espírito Santo na visão de Lucas é Aquele que reveste de poder para testemunhar até aos confins da terra. Já Paulo, enxerga o Espírito Santo como agente soteriológico que trabalha no processo de santificação e regeneração. Dito isto, a Bíblia não pode ser “lucanizada” pelos pentecostais e nem “paulinizada” pelos reformados (cuja ênfase concentra-se nos textos paulinos). Cada autor bíblico deve ser respeitado dentro de suas próprias teologias. Contudo, isso não significa uma divergência entre Paulo e Lucas, significa, porém, uma complementação entre os autores.<sup>19</sup>

Levando em consideração Lucas-Atos, percebe-se, entretanto, que a teologia pentecostal é uma teologia libertária, integradora, reformista carismática e pneumatológica. É um conjunto de doutrinas e experiências que iluminam o intelecto e aquecem o coração, iluminam para o conhecimento da Palavra de Deus e aquecem para que essa Palavra seja vivida hoje e futuramente, de modo que o anúncio verbal das boas novas seja encarnada na expansão do reino de Deus. A experiência no Espírito possui uma força vital que de alguma forma o universo bíblico se funde ao nosso universo, ao passo que lendo as narrativas de Lucas-Atos, estamos lendo as nossas próprias histórias.<sup>20</sup> A ênfase somente na experiência ou somente na teologia é perigosa para a fé, elas, portanto, devem permanecer casadas, tendo em vista os fracassos das polarizações e dualismos na história da igreja. O pentecostalismo se destaca na tradição cristã por resgatar uma pneumatologia lucana produzida com interesses teológicos estruturado em textos narrativos que se faz necessário em meio ao formalismo teológico que não descarta o sobrenatural contido nas narrativas de Atos, mas negam veementemente a sua contemporaneidade. De

---

<sup>17</sup> STRONSTAD, Roger. *A teologia carismática de Lucas: trajetórias do antigo testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 28.

<sup>18</sup> SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. *O Espírito e a Palavra: fundamentos, características e contribuições da hermenêutica pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p. 81.

<sup>19</sup> SIQUEIRA, 2019, p. 81.

<sup>20</sup> MENZIES, Robert. *Pentecostes essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 116.

acordo com Albano, “a experiência religiosa foi uma dimensão crucial desde as origens do movimento pentecostal, mas foi, vale ressaltar, a experiência guiada pela verdade teológica”.<sup>21</sup> Ou seja, para que o pentecostalismo continue contribuindo com a tradição cristã não deve haver um divórcio entre experiência e teologia, cada qual deve ter seus próprios limites e atuações.

### **Contribuições teológicas pentecostais na construção de uma estrutura social igualitária.**

Desigualdade e injustiça. Dois fundamentos sob os quais as estruturas sociais brasileira vêm sendo construídas ao longo de seus mais que 500 anos, proporcionando pobreza aos pobres e riqueza aos ricos, distanciando e desnivelando numa velocidade absurda e mordaz os limites sociais, onde os recursos disponíveis, sejam eles, econômicos, naturais, políticos, tecnológicos, culturais ou religiosos, estão ficando a cada dia que se passa, mais escassos àqueles que já participam apenas de suas sobras, e cada vez mais abundantes nas mãos dos que assim desfrutam, sob a influência e o controle desumano do consumo desequilibrado.

Leonardo Boff, em seu livro *A saudade de Deus*, cita um estudo intitulado *Premiar o trabalho, não a riqueza*, feito em 2019, que diz:

Em 2018, o número de pessoas cujas fortunas superam 1 bilhão alcançou seu máximo histórico, com um novo bilionário a cada dois dias. Neste momento, em 2019, há 2.043 bilionários (em dólares) em todo o mundo. Além disso, 82% do crescimento da riqueza mundial, durante o ano de 2018, foi parar nas mãos de 1% mais rico, ao passo que a dos 50% mais pobres da população mundial não aumentou sequer o mínimo. [...] A riqueza do 1% da população mundial é maior que a dos 99% restantes. A riqueza de apenas 42 pessoas é a mesma que a dos 3,7 bilhões mais pobres.<sup>22</sup>

“Sob a astúcia e devastadora corrupção, foi instaurado neste solo sangrento, um modelo social inspirado na farsa da meritocracia, onde o ponto de partida desigual de cada indivíduo, na corrida para superar suas barreiras históricas não é considerado”.<sup>23</sup> É neste contexto de desequilíbrio e caos social (em todas as suas esferas e dimensões) que a identidade teológico-pentecostal vem sendo construída e

---

<sup>21</sup> ALBANO, 2018, p. 47.

<sup>22</sup> BOFF, Leonardo. *A saudade de Deus, a força dos pequenos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2020, p. 80.

<sup>23</sup> JoGzz; MC, César; DK47; *Do alto do morro*. Pineapple Stormtv. 2020.

definida. Moisés Martins, mesmo considerando a variedade de públicos em que o pentecostalismo está presente, afirma:

O pentecostalismo não é mais, exclusivamente, uma ideologia religiosa de gueto cultural. Embora sua presença mais atuante explicita dados sociológicos bem concretos: periferia dos centros urbanos; agrupamentos sociais de níveis claros de pobreza; baixa escolaridade predominante; significativo contingente de negros e mestiço.<sup>24</sup>

Considerar questões vitais para a existência, como justiça, paz, liberdade, igualdade, dignificação do ser e cumprimento dos direitos humanos para todos como iguais, estão também na essência e na pauta do fazer teológico pentecostal e na construção de sua autêntica identidade, proporcionando e contribuindo com uma hermenêutica e prática missiológica que estão para além do êxtase como chave interpretativa, tornando a implementação do reino de Deus concreta e palpável na resolução dos encontros existenciais encontrados no solo onde essa identidade está sendo construída.

Partindo do pressuposto que repensar o que já foi estabelecido é um princípio básico para a evolução, é necessário dizer que o caráter missiológico-pentecostal não está reduzido ao “batismo com o Espírito Santo”, mas na construção e implementação de uma estrutura social igualitária, de modo que, assim como é visto o derramar do Espírito Santo parte fundamental da história da Igreja, também o “ter tudo em comum” (At 2.44), é parte essencial da *práxis* missionária, e um elemento constitutivo da comunidade de fé. Nesse sentido, é necessário compreender o empoderamento dado pelo Espírito como capacitação na construção de uma nova sociedade, onde a hierarquização, baseada em preceitos desiguais e corruptos seja substituída por uma comunidade onde em Cristo já não haja maior ou menor, favorecidos e não favorecidos, de modo que as injustiças sociais sejam banidas pela igualdade, fazendo com que todos, em consonância com o Reino de Deus, sejam apenas um, estabelecendo sob o senhorio de Cristo, a igualdade, liberdade e a paz.<sup>25</sup>

Júlio Zabatiero, trabalhando o conceito da missão que integra todas as dimensões humanas, no contexto da carta aos Colossenses, afirma que:

É parte integrante da compreensão paulina da salvação o rompimento das barreiras estabelecidas entre os seres humanos pelo pecado, e a

---

<sup>24</sup> MARTINS, Moisés. *Pentecostalismo e Teologia pública*. São Paulo: Recriar, 2020, p. 38

criação de uma nova humanidade em Cristo. Se essa é a *missio Christi*, também deve ser a *missio Ecclesiae*: viver de tal forma que, em seu testemunho e missão, possa ser um instrumento de Deus para a construção de relações humanas justas, fraternas, sem discriminações, preconceitos, divisões étnicas, econômicas, sociais ou religiosas. Em um mundo totalmente dividido e fragmentado pelo pecado, a igreja é a comunidade da unidade em comunhão, na qual Cristo é tudo em todos. Onde nenhum outro valor é mais desejado, apreciado, e buscado, do que a harmonia.<sup>26</sup>

A missão pentecostal, em sua produção teológica e construção de identidade, tem em sua essência constitutiva a superação do assistencialismo barato, (infelizmente praticado sob pretextos incabíveis por uma parte considerável das expressões evangélicas), empenhando-se diligentemente na construção de estruturas justas e humanas, sob o empoderamento do Espírito, combatendo com a autoridade que lhe foi dada, os sistemas vigentes que sangram e matam em prol do lucro e do poder, e tendo como modelo o reino em que o seu Rei vê pessoas e não instrumentos temporariamente válidos, diminuindo a pobreza, a desigualdade, a corrupção e tudo que foi proporcionado pelo pecado, exercendo o ministério da reconciliação, entregue por Cristo à sua Igreja.

## Conclusão

O movimento pentecostal deixou de ser objeto de estudo somente dos teólogos, dada suas implicações na sociedade como um todo, tornando-se fonte de pesquisa para sociólogos, historiadores e cientistas da religião, assim como, possibilitando o diálogo com a teologia pública, produzida no contexto da América latina. Contudo, esse movimento, devido suas múltiplas matrizes, está passando por uma forte crise de identidade. Sendo necessário rever o que de fato é ser pentecostal, por meio de sua história, teologia e tradição, simultaneamente propondo e construindo novas perspectivas em face de um novo mundo e de um novo tempo. Diante do resgate que o pentecostalismo fez da pneumatologia, percebeu-se um engajamento na liderança eclesiástica por parte de leigos, fato este, que em outras tradições cristãs não ocorre com frequência. Esse engajamento e empoderamento através do batismo no Espírito não só concedeu uma ousadia e democracia profética para atuar dentro

---

<sup>26</sup> ZABATIERO, Júlio. *Fundamentos da Teologia Prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 114

do contexto religioso, mas também trabalhando pela transformação das estruturas sociais.

O fazer teológico pentecostal tem como responsabilidade aproximar a comunidade de fé de sua teologia, promovendo uma conscientização comunitária do fazer-missiológico-empoderado, para que, dessa forma, o anúncio verbal das boas novas seja encarnado na expansão do reino de Deus, que consiste em justiça, paz e alegria (Rm 14.17). “Sejamos menos polemistas e mais teólogos em plena diaconia. O mundo reclama exemplo e não discurso, prática e não filosofia que não tem aplicabilidade alguma na realidade cruel.”<sup>27</sup>

## Referências

- ALBANO, Fernando. ***A ação do Espírito no mundo: novas perspectivas sobre o profetismo pentecostal em diálogo com Paulo Tillich***. São Paulo: Recriar, 2018.
- BOFF, Leonardo. ***A saudade de Deus, a força dos pequenos***. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.
- CARVALHO, César Moisés. ***Pentecostalismo e pós modernidade: Quando a experiência sobrepõe-se à teologia***. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- HYATT, Eddie. ***2000 anos de cristianismo carismático***. Natal, RN: Carisma, 2018.
- JoGzz; MC, César; DK47; Pineapple Stormtv. ***Do alto do morro***. 2020
- MARTINS, Moisés. ***Pentecostalismo e Teologia pública***. São Paulo: Recriar, 2020.
- MENZIES, Robert. ***Pentecostes essa história é a nossa história***. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- POMMERENING, Claiton Ivan. ***Fragmentos de uma teologia do Espírito para o pentecostalismo clássico***. In: Anais do congresso internacional da faculdade EST. São Leopoldo: EST, 2014.
- SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. ***O Espírito e a Palavra: fundamentos, características e contribuições da hermenêutica pentecostal***. Rio de Janeiro: CPAD, 2019
- SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. ***Revestidos de poder: uma introdução a teologia pentecostal***. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

---

<sup>27</sup> CARVALHO, 2017, p. 409.

STRONSTAD, Roger. ***A teologia carismática de Lucas: trajetórias do antigo testamento a Lucas-Atos***. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

ZABATIERO, Júlio. ***Fundamentos da Teologia Prática***. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

**Capítulo 6**  
**A INICIAÇÃO CRISTÃ NO DOCUMENTO DE**  
**APARECIDA E OS MINISTÉRIOS ENVOLVIDOS**  
*Renato Quezini*

# A INICIAÇÃO CRISTÃ NO DOCUMENTO DE APARECIDA E OS MINISTÉRIOS ENVOLVIDOS

**Renato Quezini**

*Presbítero da Arquidiocese de Maringá. Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), bolsista CAPES. Especialista em liturgia (UNISAL), espiritualidade cristã e orientação espiritual (FAJE) e counseling (FAV), bacharel em filosofia (IFAMA) e teologia (PUC-PR). rquezini@yahoo.com.br*

## **RESUMO**

O presente artigo, a partir de pesquisa bibliográfica, tem como objetivo refletir sobre o tema da Iniciação cristã a partir das reflexões propostas no Documento de Aparecida. Este processo de formação proposto por Aparecida se desenvolve a partir de alguns aspectos fundamentais (conversão, discipulado, comunhão eclesial, e a missão) que, em outras palavras, seria como que implantar os elementos centrais da formação dos catecúmenos de acordo com o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos para a formação de todos os discípulos missionários de Jesus. Tal documento parte do encontro pessoal com Jesus Cristo vivo, pela ação do Espírito Santo, que se realiza na fé vivida e recebida da Igreja, tendo o Querigma como “fio condutor” do processo evangelizador. Abordaremos também nesse artigo todos os agentes envolvidos no processo iniciático (comunidades, introdutores, catequistas, bispos, presbíteros, diáconos e famílias). Todos precisam se envolver nesse processo em vista de propiciar uma formação integral e processual do discípulo: que responda ao tempo que se vive a partir de uma expressão de fé adulta e comprometida. A Igreja, portanto, precisa de catequese evangelizadora e de inspiração catecumenal, com o objetivo de formar: discípulos e missionários de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, comprometidos com a vida e o dinamismo da Igreja e engajados generosamente na construção do Reino de Deus na história.

**Palavras-chave:** Iniciação Cristã. Aparecida. Discipulado. Ministérios. Evangelização.

## **Introdução**

O tema da iniciação à vida cristã é central na vida da Igreja. Neste sentido, os padres conciliares num desejo de renovação da Igreja, no tocante a esse assunto,

clamam por uma restauração do catecumenato antigo, tendo em vista a conexão e a unidade dos três sacramentos da iniciação cristã como um processo unitário, no qual o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia pudessem conduzir o cristão a plena participação no Mistério Pascal de Cristo.

O presente texto tem como objetivo apresentar num primeiro momento a proposta que a Igreja tem através do Documento de Aparecida (DAp) para a formação de Discípulos-Missionários de Jesus Cristo. Veremos uma íntima conexão entre a proposta de Aparecida com o processo catecumenal inspirado no Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA). Na segunda parte do trabalho seguindo a linha proposta por Aparecida de renovação das estruturas da Igreja para melhor desempenhar seu papel na sociedade e no mundo, abordaremos os agentes pastorais que necessitam se envolver para que o processo catecumenal seja eficaz.

## **1. A formação do discípulo missionário segundo o Documento de Aparecida**

Referindo-se ao tema da iniciação cristã, a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada entre os dias 13 e 31 de maio de 2007, no Santuário Nacional de Aparecida – Brasil, através do Documento de Aparecida, apresenta uma reflexão que reconhece a importância da iniciação cristã como um itinerário para a formação dos discípulos-missionários.

Esta nova etapa da renovação da catequese através da aplicação do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos não depende apenas das pessoas e organizações, diretamente comprometidas com a catequese propriamente dita, mas de todos os membros da Igreja. É a igreja toda que deve ter como prioridade: “formar discípulos missionários de Jesus Cristo para que nele os povos e o planeta terra tenham vida em abundância” (DAp. n. 1). Prosseguindo, o mesmo documento nos diz que:

A iniciação cristã que inclui o querigma, é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado. Dá-nos, também oportunidade de fortalecer a unidade dos três sacramentos da iniciação, e aprofundar o rico sentido deles. A iniciação cristã, propriamente falando, refere-se à primeira iniciação nos mistérios da fé, seja na forma de catecumenato batismal para os não batizados, seja na forma de catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequisados (DAp. n. 288).

Neste sentido, o processo de formação, segundo o Documento de Aparecida, parte do encontro pessoal com Jesus Cristo vivo, pela ação do Espírito Santo, que se realiza na fé vivida e recebida da Igreja (DAp n. 246), tendo o Querigma como “fio condutor” (DAp. n. 278a) do processo evangelizador que é o ponto de partida para: a conversão, o discipulado, a comunhão eclesial, e a missão. Ou seja, que culmine na maturidade cristã.

O caminho de formação do seguidor de Jesus lança suas raízes na natureza dinâmica da pessoa e no convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e estes o seguem porque conhecem sua voz. O Senhor despertava as aspirações profundas de seus discípulos e os atraía a si maravilhados. O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena (DAp. 277).

Este processo de formação proposto por Aparecida se desenvolve a partir de alguns aspectos fundamentais (conversão, discipulado, comunhão eclesial, e a missão) que, em outras palavras, seria como que implantar os elementos centrais da formação dos catecúmenos de acordo com o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (anunciar, aprofundar, iluminar, saborear) são os verbos utilizados pelo (RICA n. 9) para a formação de todos os discípulos missionários de Jesus.

Sendo assim, a etapa do pré catecumenato destinado aos simpatizantes como o primeiro contato com o Senhor, torna-se essencial agora na formação do discípulo-missionário através do Querigma, que conduz a conversão do coração onde através do encontro pessoal com Jesus Cristo, a pessoa dá início à caminhada eclesial.

O catecumenato, tempo de maior preparação do catecúmeno, pode ser entendido na formação do discípulo-missionário, como processo formativo que abarque todos os ciclos da vida humana. Neste sentido a formação não pode ser ocasional ou reduzida a um mero cursinho de doutrina, é preciso que seja, orgânica, progressiva, vivencial e comprometedora.

Para esse passo são de fundamental importância a catequese permanente e a vida sacramental, que fortalecem a conversão inicial e permitem que os discípulos missionários possam perseverar na vida cristã e na missão em meio ao mundo que os desafia (DAp. n. 278c).

O tempo da iluminação é um tempo de purificação interior, onde o candidato tendo feito um caminho se prepara espiritualmente para a recepção dos sacramentos. Transpondo para a formação do discípulo-missionário seria como que o desfecho de

um processo formativo querigmático e catequético conduzido pela experiência comunitária, pela leitura orante da Palavra de Deus, que resultará em conversão e seguimento a Jesus Cristo, inserção em uma comunidade eclesial, vivência dos sacramentos, e engajamento de transformação da sociedade.

Por fim a etapa mistagógica, seria como que um caminho que conduziria à inserção no mistério da fé, proporcionando assim, a educação dos gestos e dos símbolos empregados na liturgia, que levaria a valorização do significado do rito celebrado. Conforme o Documento:

A eucaristia é o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo. Com este sacramento, Jesus nos atrai para si e nos faz entrar em seu dinamismo em relação a Deus e ao próximo. Existe estreito vínculo entre as três dimensões da vocação cristã: crer, celebrar e viver o mistério de Jesus Cristo, de tal modo que a existência cristã adquira verdadeiramente forma eucarística (DAp. 251).

A Conferência de Aparecida, na linha dos documentos pós-conciliares, deixa-nos a mensagem de que a catequese precisa ser de inspiração catecumenal, possuindo algumas características iniciáticas tais como o “cultivo da amizade com Cristo na oração, o apreço pela celebração litúrgica, a experiência comunitária, o compromisso apostólico mediante um serviço aos demais” (DAp. n. 299).

Com raras exceções, os adultos, hoje necessitam sobretudo: do primeiro anúncio (querigma), de um primeiro passo para a conversão, de um encaminhamento ao discipulado de engajamento na Igreja e na construção do Reino.

A Igreja, portanto, precisa de catequese evangelizadora e de inspiração catecumenal, com o objetivo de formar: discípulos e missionários de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, Mestre e Pontífice; membros comprometidos com a vida e o dinamismo da Igreja e engajados generosamente na construção do Reino de Deus na história. Por isso a insistência de propiciar “uma formação integral e processual do discípulo: que responda ao tempo que se vive a partir de uma expressão de fé adulta e comprometida” (CELAM, 2008, p. 21).

## **2. Agentes comprometidos com o processo de Iniciação à vida Cristã**

A conversão pastoral de que tanto fala Aparecida, passa por essa consciência iniciática. Conversão pastoral à iniciação à vida cristã significa repensar não somente o “como” da iniciação, mas o “quem”, e nesse sentido o “quem” da iniciação deve ser

assumido como dimensão transversal da pastoralidade (REINERT, 2018, p. 128). Ao longo do nosso trabalho estamos amadurecendo a compreensão da iniciação à vida cristã a luz dos elementos propostos pelo Rito do catecumenato em etapas.

Em relação aos sacramentos da iniciação cristã, a recepção por parte das Conferências Episcopais foi muito boa, porém, nem todas as regiões desenvolveram o catecumenato com o mesmo dinamismo (PARANHOS, 2022, p. 175). O não desenvolvimento se deu pela falta de pessoas preparadas para essa missão. Queremos agora avançar nossa reflexão apontando alguns elementos que tornem mais acessíveis as orientações pastorais e as sugestões litúrgicas do RICA. Conforme Domingos Ormonde:

Com boa vontade, confiança e 'jeitinho brasileiro', qualquer comunidade pode adotar o modelo catecumenal. A própria comunidade é o principal ponto de partida para organizar um catecumenato. Não importa se grande ou pequena, rural ou urbana. O Espírito Santo realiza a iniciação através da comunidade, a 'Mãe Igreja', como é chamada (ORMONDE, 2001, p. 27).

## 2.1 O Ministério da Comunidade

Tornar-se um cristão verdadeiramente comprometido exige da parte da pessoa muito mais que uma adesão pessoal, ela precisa, logo no início do seu caminhar, da ajuda da comunidade eclesial, formada por pessoas comprometidas, que dão testemunho de sua vivência cristã, anunciando com palavras e com a vida a mensagem de Cristo e difundindo a fé nas várias circunstâncias da vida cotidiana.

Neste sentido o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos considera a comunidade como o primeiro ministério do catecumenato, pois o mesmo estará sempre unido organicamente a uma comunidade de fé, através de seus encontros fraternos, vida litúrgica de oração, vivência da fraternidade. "A comunidade é a referência concreta da Igreja de Jesus para os que fazem o caminho de fé" (ORMONDE, 2001, p. 27).

Relatos pastorais tem mostrado que o ingresso e a permanência numa comunidade eclesial foram determinados pela acolhida lá recebida. Por outro lado, não são poucas as desistências da igreja motivadas pela anemia nas relações fraternas (REINERT, 2018, p. 109).

O RICA propõe ainda uma participação ativa dos membros da comunidade na dinâmica do catecumenato através da participação nas celebrações, dos ritos,

colaborando na avaliação individual da caminhada da pessoa, demonstrando na Quaresma a renovação do espírito de penitência, fé e caridade, renovando as promessas batismais na Vigília Pascal, enfim, cercando-os de carinho e afeição para que se sintam felizes e acolhidos na comunidade cristã (RICA n, 41).

Para que este ministério aconteça é preciso que a comunidade tome consciência de que “a iniciação cristã dos catecúmenos incumbe a toda comunidade dos fiéis” (*Ad Gentes* n. 14). A convivência comunitária influenciará o crescimento do catecúmeno e o estimulará na prática das boas obras. Neste sentido, o processo de iniciação é benéfico e educativo para a comunidade inteira.

Numa comunidade concreta, cada vez mais inserida no Mistério Pascal de Cristo, todas as pessoas envolvidas no processo, conduzidas pelo Espírito, se tornarão testemunhas do Evangelho por palavras e ações no ambiente da família, da escola e do trabalho, bem como em sua comunidade e na sociedade civil. A pessoa é levada a interpretar os sinais dos tempos e a atuar como profeta na libertação e transformação do mundo, segundo os desígnios de Deus. Assim sendo, a pessoa depois de iniciada plenamente é chamada a seguir uma vocação determinada dentro da comunidade.

## **2.2 O Ministério dos Introdutores**

Por mais que seja um ministério específico da iniciação cristã dos adultos, pouco se fala sobre o papel dos introdutores. É função dos mesmos, como membros da comunidade, acompanhar e conhecer os que pedem para serem iniciados. “O candidato que solicita por sua admissão entre os catecúmenos é acompanhado por um introdutor, homem ou mulher que o conhece, ajuda e é testemunha de seus costumes, fé e desejo” (RICA n. 42).

O introdutor prepara o candidato para acolher na liberdade o dom da fé, o anúncio da Boa Nova e assumir o encontro pessoal com o Senhor e as condições para a conversão e a fidelidade. Sem um introdutor dedicado e competente, não é possível começar o processo de iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal. “É o introdutor que coloca as bases para o segundo tempo, o Catecumenato propriamente dito, no qual atuam os catequistas” (ESTUDO 97 CNBB, n. 127).

No momento da celebração de entrada no catecumenato, cada simpatizante já possui um introdutor, que juntamente com os ministros ordenados, catequistas,

avaliaram sobre as reais disposições do candidato (RICA n. 16). Nessa celebração quem preside pergunta aos introdutores e à comunidade se “estão dispostos a ajudá-los a encontrar e seguir o Cristo” (RICA n. 77).

Este ministério é muito importante e não se limita apenas aos momentos rituais. Trata-se verdadeiramente de um ministério de ajuda, semelhante ao dos padrinhos, ou do diretor espiritual. Com efeito, o próprio Ritual parece dar preferência que o introdutor venha a ser o padrinho (RICA n. 42). Conforme Domingos Ormonde:

Sugerimos à nossa realidade: dar a esse ministério as funções que o ritual atribui aos padrinhos. No acompanhamento de uma pessoa caberia ao introdutor então: ‘ensinar familiarmente como praticar o evangelho em sua vida particular e social, auxiliá-la nas dúvidas e inquietações, dar-lhe testemunho cristão’ e, depois da celebração dos sacramentos, ‘velar pelo progresso de sua vida batismal’ (ORMONDE, 2001, p. 28).

Diante da importância deste ministério, exige-se ou ao menos supõe-se que tais introdutores sejam: “pessoas de fé, já iniciadas, constantes na vida litúrgica da comunidade e na comunhão eucarística, orantes, atentas à palavra de Deus, amigas, solidárias com os mais pobres e simples no relacionamento pessoal” (ORMONDE, 2001, p. 28).

### **2.3 O Ministério dos Catequistas**

Assim como o ministério dos introdutores, o dos catequistas é muito valioso para a comunidade cristã. O RICA diz que os catequistas são importantes para o progresso dos que fazem o caminho da fé, e colaboram para o desenvolvimento da comunidade (RICA n. 48). Neste sentido, a iniciação cristã deve ser acolhida como dom de Deus para a comunidade que ao gerar novos filhos e filhas para o Senhor, é chamada a renovar e aprofundar na fé a compreensão do mistério pascal. Diz o Ritual aos catequistas:

“Cuidem de que a catequese seja penetrada do espírito evangélico, em harmonia com os ritos e o calendário litúrgicos, adaptada aos catecúmenos e, na medida do possível, enriquecida pelas tradições locais” (RICA n. 48). Diz isso, para ficar muito claro que o catequista não é professor, mas alguém mais adiantado no caminho, e por isso, pode ajudar outros a também atingirem a maturidade cristã. A

catequese também não deve ser vista como aula, mas como um encontro de amigos que desejam caminhar rumo a Deus.

Os catequistas ainda segundo o RICA têm uma atuação litúrgica significativa. Podem presidir as celebrações da Palavra próprias do catecumenato (RICA n. 106). Participam ativamente dos ritos da iniciação cristã, mesmo quando presididos pelos ministros ordenados (RICA n. 48). Intercedem pelos que fazem o caminho da fé com orações e bênçãos, de forma comunitária e pessoal (RICA n. 102 e 119). E com a designação do bispo podem fazer exorcismos (CERIMONIAL DOS BISPOS, 1988, p. 129-130), ou seja, as orações de fortalecimento no caminho do Senhor.

O catequista é um mediador que ajuda os catecúmenos a acolherem, com todo o seu ser, a gradual e progressiva revelação do Deus amor e de seu Projeto salvífico. Ele os encaminha para que cada um realize seu encontro pessoal com o Senhor, mediante Jesus Cristo, o filho de Deus ressuscitado, que nos leva, com o Espírito Santo, à comunhão com o Pai (ESTUDO 97 CNBB, n. 141).

Devido a importância de sua função ministerial os critérios utilizados para a escolha dos catequistas são os mesmos utilizados para os introdutores, com o acréscimo de que tenham facilidade de trabalhar em equipe compreendendo assim, a catequese como uma escola da vida cristã onde todos aprendem.

#### **2.4 O Ministério do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos**

O Bispo como pastor da Igreja Particular é o primeiro dos ministros “a encarregar-se pela iniciação cristã dos adultos” (CERIMONIAL DOS BISPOS, 1988, p. 129). Segundo a *Catechesi Tradendae* “O Bispo é catequista por excelência e deve ter a catequese como a prioridade das prioridades” (*Catechesi Tradendae*. n. 63.). Lembra-nos também o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos e o Cerimonial dos Bispos que na medida do possível, ele é quem deve presidir a celebração da eleição e administrar os sacramentos da iniciação cristã aos adultos na noite da Vigília Pascal (RICA n. 44 e CERIMONIAL DOS BISPOS, 1988, p. 129). Tudo isso por ser considerado o principal responsável pela aplicação e desenvolvimento do catecumenato em sua diocese.

É fundamental que o bispo não apenas aprove esta modalidade do processo catecumenal, mas efetivamente a assuma com zelo e incentive, reconhecendo que a

catequese de adultos é uma dimensão essencial da Igreja principalmente nos dias atuais.

Os presbíteros, por sua vez, pelo sacramento da Ordem são os cooperados dos Bispos e recebem a missão de construir e edificar como ministros de Cristo cabeça todo seu corpo que é a Igreja (*Presbyterorum Ordinis* n. 12). Sendo assim, eles concretizam na comunidade a função de motivar os membros para o testemunho da fé e para o acolhimento dos que são despertados, os “simpatizantes”. Diz também o Ritual, que cabe a ele prestar assistência pastoral e pessoal aos que fazem o caminho da fé, “interessando-se sobretudo pelos que se mostram mais hesitantes e inquietos” (RICA n. 45).

É dever do ministro ordenado acompanhar ao longo do processo os introdutores e catequistas dando-lhes uma atenção especial e espiritual, para que juntos diante dos conflitos que possam surgir, ao longo do caminho possam se ajudar mutuamente e trabalhar em harmonia. Ainda se referindo aos ministros ordenados, diz o RICA que a multiplicação de diáconos permanentes permitiria uma presença efetiva deles na vida dos catecúmenos (RICA n. 47).

### **3.3.5 O Papel da Família na Iniciação Cristã**

Constata-se que a instituição familiar passa por um momento de crise, isso é o resultado de diversos fatores que influenciam a família, tais como, excesso de atividades profissionais que acabam provocando o distanciamento dos membros, a ausência dos pais que gera a desorientação dos filhos, os meios de comunicação que substituem o diálogo, a informática com seus riscos e potencialidades provoca uma ruptura com tradições valiosas gerando uma crise de valores nas pessoas em geral. Conforme os Bispos do Brasil:

A estrutura da estabilidade e da fidelidade da família está abalada, em decorrência da perda do sentido do amor, pela facilidade com que a lei favorece as separações e novas uniões, pela crise social e tantos outros fatores. Há novos padrões sociais para a sexualidade e a família, muito diferentes dos ensinados pela Igreja (Diretório Nacional de Catequese, n. 95).

Uma catequese de inspiração catecumenal, chamada a lidar com estas questões diante de um pluralismo religioso e cultural, precisa estabelecer as bases da convivência e fortalecer a consciência de uma vida comunitária. Para tal, é necessário

um acompanhamento personalizado dos jovens que se preparam para o Matrimônio. E os que já constituíram famílias, poderiam contar com o auxílio de pastorais e movimentos para acompanhá-los diante de algumas das dificuldades apontadas acima.

Neste sentido, foi publicado recentemente em 15 de junho de 2022, a pedido do Papa Francisco que almeja um catecumenato matrimonial, o documento: Itinerários catecumenais para a vida matrimonial - Orientações pastorais para as Igrejas particulares. O Dicastério para os leigos, a família e a vida elaborou este documento que visa oferecer aos pastores, esposos e quantos trabalham na pastoral familiar, uma visão e metodologia renovadas da preparação para o sacramento do matrimônio e de toda a vida conjugal que inclua todas as etapas do caminho sacramental: os tempos de preparação para o matrimônio, da sua celebração e dos anos seguintes<sup>28</sup>.

Muitas famílias tomam a iniciação cristã unicamente como preparação aos sacramentos, com pouca consciência de compromisso e coerência de vida, gerando assim, superficialidade na formação. Nos processos catequéticos para as famílias é necessário que seja destacada a “intima interação entre espaço familiar, ambiente social e comunidade cristã, ajudando a resgatar seu papel de ser a primeira educadora da fé em consonância com a comunidade eclesial” (LIMA, 2006, p. 48).

Neste sentido a família como patrimônio da humanidade, lugar e escola da comunhão, pequena Igreja doméstica é chamada a ser lugar de catequese através do testemunho de vida cristã para a formação dos discípulos missionários de Jesus Cristo. Tamanha é sua importância que deve ser considerada “um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora da Igreja” (Dap. n. 435).

## Conclusão

De acordo como o que vimos no presente texto, a iniciação cristã revela-se como um tema importante, pois implica refletir sobre o ser cristão no mundo de hoje, por isso é válida e deve ser assumida como eixo da evangelização, que leva a uma redescoberta consciente e adulta da fé, da Boa Nova de Jesus Cristo e ao

---

<sup>28</sup> DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. Itinerários catecumenais para a vida matrimonial - Orientações pastorais para as Igrejas particulares. 2022. Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2022-06/por-025/itinerarios-catecumenais-para-a-vida-matrimonial.html> Acesso em: 14 de set. 2022

discernimento da presença atuante do Espírito no mundo, na Igreja e na própria vida da pessoa. Sem prejuízo da doutrina esta metodologia catecumenal deverá situar-se numa linha vivencial que conduza o catecúmeno ao compromisso de fé, que o faça experimentar, na comunidade, a vida no Espírito.

O contexto moderno em que estamos inseridos é pleno de realidades que são contrárias ao plano salvífico de Deus. Isto gera mudanças e acaba acarretando em muitas pessoas a insegurança, que por sua vez “leva ao sentimentalismo e ao fundamentalismo religioso” (LELO, 2004, p. 15). Nesse contexto eclesial brasileiro a tradição religiosa não é mais transmitida com tranquilidade e segurança pelas famílias, muito menos, pela sociedade. Por isso a fé deve ser comunicada por um trabalho consciente de iniciação e educação cristã.

A iniciação à vida cristã é um "desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, pois é tarefa irrenunciável" (DAp. n. 287). É processo permanente, gradual, envolvendo toda a comunidade. Exige a conversão pessoal e estrutural. E é também oportunidade de um novo estilo evangelizador.

## Referências

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção documentos da CNBB 84).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida Cristã*. Estudo 97 da CNBB. Brasília: CNBB, 2009.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB, São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. (CELAM). *A Caminho de um novo paradigma para a catequese. III Semana Latino-Americana de catequese*. Brasília: CNBB, 2008.

DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. *Itinerários catecumenais para a vida matrimonial - Orientações pastorais para as Igrejas particulares*. 2022. Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2022-06/por-025/itinerarios-catecumenais-para-a-vida-matrimonial.html> Acesso em: 14 de set. 2022

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae* (sobre a Catequese no nosso tempo). 15ª.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

JOÃO PAULO II. *Cerimonial Dos Bispos. Cerimonial da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1988.

LELO, Antonio, Francisco. *Aplicação no Brasil do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*. in: Revista de Catequese. n. 108. out/dez 2004.

LIMA, Luiz Alves de. *Discípulos e missionário de Jesus Cristo. Síntese dos temas da III Semana Latino-Americana de Catequese*. In Revista de catequese. n. 114. abr/jun de 2006.

ORMONDE, Domingos. *Pontos de partida para um catecumenato em etapas*. In: Revista de Liturgia. n.164. mar/abr 2001.

PARANHOS, Washington. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*. São Paulo: Paulus. 2022. (Coleção academia litúrgica).

REINERT, João Fernandes. *Inspiração catecumenal e conversão pastoral*. São Paulo: Paulus. 2018. (Coleção biblioteca do catequista).

VATICANO II. *Decreto Ad gentes sobre a atividade missionária da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998.

VATICANO II. *Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida sacerdotal*. São Paulo: Paulinas, 1998.

**Capítulo 7**  
**A SINODALIDADE, UM ITINERÁRIO ESTRATÉGICO  
DE PARTICIPAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS  
PROCESSOS PASTORAIS NO COTIDIANO DA  
ESCOLA CONFSSIONAL**  
*Jean Michel Alves Damasceno*

# A SINODALIDADE, UM ITINERÁRIO ESTRATÉGICO DE PARTICIPAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS PROCESSOS PASTORAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA CONFSSIONAL

**Jean Michel Alves Damasceno**

*Educador e Pastoralista. Trabalhou como Assessor de Missão nas Escolas Confessionais do Marista Centro Norte. Estudante do curso de Pedagogia pela Rede Claretiano e atua na Escola Padre Pedro Arrupe pela Rede Jesuita de Educação.*

## **Introdução**

A escola confessional católica é um ambiente propício para articular e implementar ações que fomentem a dimensão evangelizadora. O Papa Francisco salienta o impacto deste espaço educativo para construir um processo formativo dos valores cristãos que instigam a reiterar o compromisso em promover uma educação integral diante dos anseios da atualidade.

A escola é, sem dúvida, uma plataforma para nos aproximarmos das crianças e dos jovens. Trata-se de um lugar privilegiado de promoção da pessoa e, por isso, a comunidade cristã sempre lhe dedicou grande atenção, quer formando professores e diretores, quer instituindo escolas próprias, de todo o gênero e grau. (GE, n.8)

O cotidiano escolar precisa estar atento neste processo de colaborar com as novas estratégias e propostas pedagógicas que possam ampliar perspectivas de uma educação mais emancipatória e humanizadora. Este espaço formativo exige a capacidade de formar caminhos, cujo objetivo é o estimular a participação crítica e questionadora da comunidade educativa no comprometimento de uma educação transformadora.

Com isso, frisamos em mapear nos processos educativos e no planejamento da escola confessional católica, práticas que visavam desenvolver caminhos que potencializavam a dimensão sinodal nas estratégias de evangelização, por meio de espaços sistematizados para o desenvolvimento do trabalho coletivo, o planejamento confluentes com as equipes pedagógicas e com os articuladores das

iniciativas pastorais, a elaboração dos registros das ações pastorais como princípio do diálogo sinodal e o protagonismo de pensar juntos a escola em pastoral.

Estes caminhos percorridos ficam compreendido que a escola confessional católica pensa a evangelização de uma forma sistematizada e contextualizada, trazendo elementos relevantes de sinodalidade na construção deste processo de uma escola em pastoral. Através uma escuta acompanhada aberta e cuidadosa para desenvolver mais engajamento e participação de todos no compromisso de evangelizar.

### **1. Espaços estratégicos e potencializadores da dimensão sinodal na comunidade educativa.**

A escola pastoral precisa ser pensada e rezada dizia-nos Agenor Brighenti. Isso interpela em toda comunidade educativa a pensar no cotidiano das suas ações, um processo de participação efetiva e protagonista com a dimensão pastoral.

Todos os espaços sistemáticos e estratégicos da escola devem olhar o processo pastoral como prioridade em suas ações. Precisam potencializar mais essa consciência pastoral em todas as propostas pedagógicas, para não fazer da pastoral um processo coadjuvante de suas demandas. Assim, evitando uma pastoral sem espaço e sem foco nas organizações diárias da comunidade educativa.

Na escola confessional católica, existem espaços que são favoráveis para planejar, discutir e decidir a dinâmica da escola e que podem ser importantes para o desdobramento da identidade pastoral. Por vezes existe uma ideia perigosa de que as ações pastorais são apenas discutidas e planejadas em um ambiente restrito aos articuladores da pastoral, e outros espaços que são propícios e estratégicos para fomentar a participação de todos, acabam sendo recipientes de uma construção sem a colaboração e compromisso de toda a comunidade educativa.

Importante desconstruir que a dimensão pastoral não é um espaço fora da dinâmica escolar. Também não pode ser limitada a uma tarefa que já é específica da sua atuação. Pois não adianta ter apenas a consciência pastoral se os ambientes são reduzidos para sua atuação. É precisa ampliar e consolidar os espaços para um processo participativo da escola em pastoral.

Uma forma para criar participação de todos no compromisso pastoral de uma escola confessional são estes espaços sistemáticos. Quais são os espaços

estratégicos e sistemáticos que podem construir essa dimensão sinodal? A formação continuada com os docentes, as reuniões com as áreas do conhecimento, reunião com as equipes pedagógicas, reuniões formativas com os demais colaboradores e a participação no diálogo em reuniões de pais. Para que estes lugares não sejam apenas recipientes das ações pastorais, mas potencializadores no compromisso coletivo e na participação efetiva na construção do processo pastoral.

## **2. O planejamento dos processos como instrumento de uma ação sinodal.**

Observando a colaboração destes espaços sistemáticos na construção de um processo pastoral atuante e participante da comunidade educativa. Tem como aspecto positivo, a prioridade do planejamento na rotina das articulações pastorais. Sem planejamento é inviável concretizar uma pastoral contextualizada e capaz de dialogar com os desafios atuais.

Na rotina pastoral, a equipe articuladora pelas iniciativas de evangelização precisa planejar um mapa de ações, que ajudam a vislumbrar a organização de atividades que sejam compatíveis aos espaços de sua atuação. Aqui, é importante salientar que o planejamento deve ser processual em qualquer proposta de colaboração da equipe articuladora das ações pastorais, para que as atividades evangelizadoras não sejam organizadas de maneira improvisada e amadora.

Fica perceptível que os excessos de demandas da escola provocam uma inviabilização no planejamento coletivo. Não adianta ter um espaço pastoral focado na administração de rotina e de tempo e que outros espaços da escola tem dificuldade de priorizar esta organização a partir de suas especificidades de atuações. Uma forma de alinhar esse percurso são as equipes terem claro uma rotina planejada e um espaço para construção coletiva, isso não é um processo fácil, talvez as estruturas dificultem estes espaços e precisam ser repensadas para facilitar o diálogo coletivo e formativo.

Quando o planejamento é um instrumento prioritários nos processos pastorais, fica notório perceber que toda a ação evangelizadora tem uma clara intencionalidade sistemática, isso porque o percurso planejado favorece o espaço de intercâmbio e de colaboração mútua da comunidade escolar. O planejamento só é um instrumento de uma ação sinodal se todos participarem da sua proposta construtiva, não adianta apenas uma equipe específica da escola organizar tudo, para depois levar a um

espaço de explanação e distribuir as suas ações. Essa postura de processo descaracteriza a contribuição coletiva e sinodal.

Assim, o planejamento dos processos pastorais é um tempo fértil para estimular a participação de todos. Como dizia Agenor brighenti, privilegiar o processo significa privilegiar a participação.

### **3. O registro dos processos pastorais é uma ferramenta para formação sinodal.**

“Registro é memória, é história, sem ele vive-se apenas de lembranças, que se esvaem, perdem-se, pois podem ser esquecidas. Já a memória e a observação quando registradas, tornam-se patrimônio. Registro é construção, apuramento do pensar reflexivo.”  
(Madalena Freire)

O ato do registro é uma proposta que facilita a participação coletiva em torno da ação evangelizadora na escola confessional. Esse recurso instiga a pensar caminho que promova uma reflexão colegiada para estimular as múltiplas observações nesta etapa do planejamento cotidiano.

Uma pastoral escolar que desvaloriza o tempo do planejamento conjunto está transformando as suas ações desconexas das realidades desafiada no seu contexto de participação. Com isso, o registro é essa modalidade que possibilita a progredir nas avaliações dos processos, da inovação de propostas pedagógicas e suscitando temáticas de reflexão para uma sistematização de uma formação permanente da comunidade educativa. Isso, faz com que a pastoral por meio dos registros compreenda melhor a sua contribuição nos processos evangelizadores.

Os impactos dos registros das ações pastorais na comunidade educativa são significativos para se ter uma evangelização escolar mais inovadora, dinâmica e atual. Porque esse caminho favorece um olhar reflexivo e crítico, a participação conjunta das equipes articuladoras, a relação de consciência com a sua responsabilidade na atividade, o foco em estabelecer uma intenção sobre determinada proposta evangelizadora desenvolvida no ambiente escolar.

Por isso, o registro não é uma apenas um norteador de como proceder no objetivo estabelecido, mas, é um processo sinodal e de colaboração, delineado pela observação, a escuta e a compreensão da comunidade sobre a realidade da ação planejada. Assim, confirmando que o caminho do registro são oportunidades para

construir práticas coletivas e sinodais e de trabalho que valoriza o envolvimento de todos nas corresponsabilidades da missão evangelizadora.

## REFERÊNCIAS

BRIGHENTI, Agenor. Teologia Pastoral: inteligência reflexa da ação evangelizadora. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. p. 224.

WEFFORT, Madalena Freire (Org.). Observação, registro, reflexão. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.p. 16.

Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Vaticano: 2013. In: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).

**Capítulo 8**  
**SANTUÁRIO DA SERRA DA PIEDADE: ARTE SACRA**  
**PERSPECTIVA DA LINGUAGEM DO CULTO**  
**MARIANO**

*Adriana Fernandes Balbi*

# SANTUÁRIO DA SERRA DA PIEDADE: ARTE SACRA PERSPECTIVA DA LINGUAGEM DO CULTO MARIANO

**Adriana Fernandes Balbi**

*Bacharel em Teologia (CESJF); Pós Graduada em Complementação Pedagógica (IBRA); Pós Graduada em Ciências da Religião (IBRA); Mestranda em Ciências da Religião PUC Minas; bolsista FAPEMIG. Email: adrianaf.balbi@gmail.com*

## **RESUMO**

Esta comunicação é fruto das pesquisas iniciais do percurso da dissertação de mestrado que pretende na área de Linguagem Religiosa analisar a narrativa do culto mariano. Desse modo, lançando um olhar sobre a peregrinação, nos levantamentos de invocações à padroeira de Minas Gerais no Santuário da Serra da Piedade, o presente estudo tende analisar a arte sacra na imagem da Pietá. Lentava-se a seguinte pergunta: Qual o processo de leitura da imagem da Pietá na perspectiva da arte como uma proximidade de representação do sagrado? Através de revisão bibliográfica de autores que dialoguem com a temática pretende-se analisar a influência mútua da arte com a religião. Na trajetória histórica das peregrinações e seus enigmas, ao contemplar uma imagem, o devoto torna-se um artesão que retira representações do sagrado, esculpindo a expressão simbólica da imagem de Nossa Senhora sob o título da Piedade. A partir desses contextos, as relações entre arte e religião se estreitam, permitindo compreender ambas como formas de representação da narrativa de interpretações nas camadas de leituras do fenômeno contemplativo.

Palavras-Chaves: Peregrinação. Arte Sacra. Culto Mariano.

## **Introdução**

A devoção à pessoa de Maria está presente em manifestações do fenômeno religioso, aborda de forma direta ou indireta estruturas de linguagem. Nosso intuito não é esgotar o assunto sobre arte sacra, mas observar os aspectos que perpassam o entrelaçamento da arte religiosa no movimento de peregrinação instaurado no culto mariano. Os estudos das relações entre linguagem e religião perpassam o tempo e a história. Dentre entre os quais a peregrinação é um sistema embrionário; para o

devoto Maria está inserida nesse processo. O Santuário da Serra da Piedade é fonte nessa pesquisa de observação: às narrativas da linguagem cultural mariana no percurso de peregrinação. Neste movimento, os símbolos subjetivos das artes nos remetem a abordar a religião como narrativa do ser humano na tendência natural de buscar o sagrado. A natureza do culto mariano, dos espaços e práticas devocionais são demonstrações de fatos que acenam à transformação destes lugares em locais especiais de devoção e culto. Pretende-se com esse estudo, partindo da revisão bibliográfica, buscar autores que dialoguem com a temática para analisar a influência mútua da arte com a religião. Porém, no decorrer das investigações aqui levantadas pretende-se ir a campo como forma de análise empírica, pois a mesma visa observar o peregrino e a narrativa de sua experiência neste santuário mariano. Dessa forma, a luz da Linguagem Religiosa pode expressar sua vertente mais empírica, ou seja, ir a campo na avaliação, um estudo com o qual pode ser apreendido o fenômeno religioso, contribuindo para o campo da Ciência da Religião, sendo este o objetivo principal deste percurso de mestrado.

## **1. O Movimento de Peregrinação e seus enigmas**

As peregrinações religiosas assumem particular destaque nos santuários, enquanto marcadores simbólicos rumo ao sobrenatural no percurso das peregrinações católicas. O movimento de peregrinação, perpassado entre turismo e devoção, remete os espaços dos santuários a lugares intermediários, onde religião e turismo misturam-se. No santuário mariano da Serra da Piedade, a complexidade do percurso de peregrinação se entrelaça ao turístico religioso, sendo um aspecto considerado no discurso do culto mariano. As peregrinações estão presentes no cristianismo, de modo que para os católicos devoções e visitas aos santuários marianos constituem narrativas que refletem imagem devocional.

O fenômeno das peregrinações está presente nas religiões em geral, no cristianismo, em especial, acena para o discipulado cristão. O aspecto antropológico do peregrinar, do caminhar humano, usado como metáfora para a vida, remete a uma forma de se relacionar. A ritualização do peregrinar, do estar a caminho, manifesta-se como um componente da experiência social, assim como suscita e reforça elementos indenitários, conduzindo a níveis de sacralidade de espaços, de tempos e de protagonistas.

A devoção à Maria, na Igreja Católica, presente na peregrinação e seus enigmas perpassa o desvendamento no encontro do devoto com nas possibilidades de leituras em paradigmas da fé. Entretanto, o peregrino transita entre aspectos da devoção e lazer que caminham juntos. O número de pessoas que visitam e peregrinam influencia a economia, fomentando outra forma de movimento entorno da figura sagrada: o turismo religioso, assim sendo:

Seria o turismo uma forma de peregrinação? Sem dúvida, peregrinações têm muito de turismo e o turismo absorveu muito das peregrinações. Agências de viagem organizam peregrinações e viagens com promessas de ruptura com cotidiano, descanso, diversão, convivência, contato com o outro, com o diferente, com uma nova experiência, etc. Alguns desses elementos também pertencem ao campo do sagrado e do religioso (ADAM 2018 p.17).

O ser humano é um ser em movimento, a caminho, está em busca de um lugar ou algo que lhes falta. O movimento de caminhar tem caráter simbólico, mas também caráter religioso. As peregrinações representando o sentido de saída de lugares experienciais têm um sentido maior, amplo e complexo, que extrapola o caminhar em si. O caminhar e a peregrinação tornam-se, assim, metáforas da busca humana por lugares. As pessoas se colocam a caminho, seja em peregrinações, seja no turismo, ambos atravessados pela experiência mística do encontro.

## **2. Arte Sacra: aspectos da imagem da Pietá**

A leitura da sacralidade, contida na imagem da Pietá da Serra da Piedade, acena uma proximidade de representação do sagrado no percurso da peregrinação. A linguagem da arte sacra, expressa na imagem da Pietá mineira, está constituída no imaginário simbólico do povo católico. Trata-se de escultura reconhecida e consagrada pela arte brasileira, a obra: “atribuída a Aleijadinho apresenta uma beleza expressiva, como uma obra viva que através de seus elementos simbólicos e a expressão impressa na unidade plástica da imagem nos diz algo, transmite uma mensagem” (DIAS; KIRCHNER. 2019. p.684). A leitura da imagem da Pietá no caminho da Serra remete o peregrino a uma narrativa subjetiva, pois:

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas – atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar

histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável (MANGUEL.2001.p.24).

As primeiras formas de expressão ritual estavam associadas à produção de imagens. Na linguagem das imagens, nas experiências, o devoto busca abarcar a proximidade com o sagrado. Na observação da obra religiosa, no reconhecer da experiência, a imagem dá origem à história, que emana sua imagem. No processo de peregrinar é possível observar, na imagem da Pietá, uma leitura devocional ou apenas a beleza estética. A mística do olhar contemplativo interpretativo tece a experiência mediante o simbolismo da narrativa entre aquele que cria e o observador, pois o processo de leitura da imagem abarca um mundo de possibilidades, de modo que:

Nesta concepção, que une os dois termos das dimensões subjetiva e objetiva da beleza na contemplação, uma não anula a outra, mas existem e se alimentam na relação do espectador que contempla com a obra de arte formada pelo artista. A forma da obra de arte apresenta objetivamente sua beleza para ser contemplada, mas ao mesmo tempo a contemplação como ápice do processo de interpretação figura imagens a partir da imagem dada, sendo a conciliação entre a forma dada e a imagem construída para a compreensão deste processo (DIAS. 2018. p. 51).

Segundo MANGUEL (2001), no procedimento de leitura das imagens, a linguagem de uma obra de arte se expande mediante inumeráveis camadas de leituras. O leitor assume o papel de escultor, pois entalha essas camadas, adentrando assim na simbologia estética na via experiencial da beleza. O universo envolve o ser humano em mundo de símbolos. Sinais, mensagens e alegorias emanam da contemplação artística e as imagens, assim, como as palavras, constituem a matéria do observador. Assim sendo, a arte, com toda a sua subjetividade, representa inúmeros aspectos do humano, indo de abstrações individuais, desconfortos existenciais, até a busca do sentido de experiência com o sagrado. No percurso das peregrinações católicas, praticadas na devoção popular, é possível observar o fator social da religião, ou seja, construtora de sentido e que se manifesta na arte, fatos históricos e culturais diversos, sobre a dimensão ritualística da religiosidade.

### **3. Culto Mariano no Santuário da Serra da Piedade**

O culto mariano, uma das manifestações da religiosidade popular mais difundida em território mineiro, remonta ao período colonial. A devoção à Maria teve

seu início com os desbravadores do sertão, que seguiam com o pequeno oratório à procura de ouro e permanece até os dias atuais, embora sendo o “ouro” uma figuração da riqueza que os homens de algum modo ainda buscam. A expressão religiosa cultural à Maria, na religiosidade popular, estrutura-se nos aspectos, doutrinal e devocional. No Santuário da Serra da Piedade, o subir a montanha é um percurso de invocações à padroeira mineira, que ganha projeções na fé e nas artes.

A devoção à nossa Senhora da Piedade em Minas Gerais já estava estabelecida no período de 1750, período que correspondia ao auge da mineração local. Esta devoção específica, surgida na região de Caeté (MG), é construída no imaginário simbólico do povo daquela região, ocorreu devido à influência da devoção mariana trazida pelos portugueses, na qual o título de Nossa Senhora da Piedade se fez presente, e pela propagação do relato de uma menina que dizia ver a imagem de uma mulher com o filho nos braços que se assemelhavam à imagem de Nossa Senhora da Piedade (DIAS, 2018, p.34).

A piedade Mariana na Igreja Católica, presente na devoção popular, entrelaça do passado ao futuro, por meio da narrativa cultural que permite abrigar símbolos dos fenômenos religiosos. O espaço do Santuário, iniciado por dois momentos distintos: a influência portuguesa e o relato de uma aparição permite a observação da tríade: Arte Sacra na imagem da Pietá; a Peregrinação e culto Mariano. Esse acontecimento histórico fundante permanece apontando caminhos, num peregrinar como forma intrínseca do existencial humano, pois:

O caráter festivo marca, de modo particular, o catolicismo brasileiro, em que o lazer faz parte essencial de toda festividade religiosa. Ao mesmo tempo em que fazem ou cumprem suas promessas, os romeiros se divertem. É o que faz da festa um evento religioso e profano ao mesmo tempo. Ao lado das missas solenes e das procissões mais compenetradas, não faltam barraquinhas, música, danças, fogos de artifício e gritos dos populares (BOFF, 2014, p. 437).

A vivência do sagrado na figura de Maria, para o cristão católico assume uma experiência singular na linguagem cultural. Para o fiel a interseção de Maria, na proximidade com o divino está inserida na cultura como aquela que esboça uma sólida espiritualidade de Cristã. A narrativa do culto como forma da percepção e experiência está presente na estrutura do campo religioso, e a religiosidade, na perspectiva mariana, avança à realidade devocional, pois no conjunto de fenômenos religiosos:

O cristão é ao mesmo tempo, o oleiro e a argila na devoção. Recebe a herança de pessoas e comunidades e molda as formas de se relacionar com Jesus e Maria, conforme seu contexto. Cada devoção

popular a Maria tem uma história. Começou em um determinado momento para expressar uma experiência religiosa pessoal e eclesial (MURAD. 2016 p. 210).

O arquétipo do culto mariano para o devoto possui um qualitativo fortemente afetivo. A mística da expressão religiosa da figura de Maria é subjetiva, composta de ações de tempo e espaço. A estrutura do percurso das representações de Maria, na religião cristã católica, na qual ela é venerada, possui elementos constitutivos transcendentais. Imbuídos dessa crença o devoto no ato de cultuá-la, expressa valores da experiência do sagrado.

## **Conclusão**

Os aspectos da arte sacra, na perspectiva da linguagem do culto mariano, no Santuário da Serra da Piedade, aqui analisados, possuem expressividade na imagem da Pietá e no processo de peregrinação. As primeiras formas de expressão ritual estavam associadas à produção de imagens. Na sacralidade da imagem da Pietá, buscou-se tecer um comentário, partindo do desvelamento no encontro do devoto peregrino com os paradigmas da fé cristã. Nessa perspectiva, na conclusão dessa tríade: arte, religião e peregrinação percebe-se um dialogo cultural. Analisamos que o movimento de peregrinação trilha dois caminhos: devoção e turismo. Surgem em ambos os caminhos, experiências subjetivas, mesmo observadas, não abarcam misticamente todo o arcabouço experiencial.

A peregrinação tem sido apontada por diversos autores como uma jornada do individuo moderno em busca do contato com o sagrado ou que em parte é imbuído desse encontro. Desta forma, as pessoas se colocam a caminho, seja em peregrinações, seja no turismo sendo levadas pela experiência do encontro. Procurou-se entender a religiosidade, enquanto fator social, antropológico, e material que se materializa nas artes nos livros sagrados, nos artefatos, de modo que a análise sobre a linguagem do culto mariano, em sua dimensão simbólica perpassa a experiência com o sagrado.

O universo religioso é histórico e diverso, perceber a religião na realidade humana aponta à observação empírica. Para o aprofundamento da Linguagem Religiosa na possibilidade do discurso do culto mariano, ir a campo ressalta um

processo de investigação da narrativa do culto mariano na via de peregrinação que pode trazer novidades à pesquisa.

## Referências

ADAM, Júlio César. Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares. Dossiê Santuários e Turismo Religioso, **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 66-87, jan./abr. 2018.

BOFF, Clodovis M. **Mariologia Social: o significado da Virgem Maria para a sociedade**. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

DIAS, Michele dos Santos. **A beleza em sua expressão religiosa: uma análise da Pietá de Aleijadinho**. 2018. Dissertação (Mestrado Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.

DIAS, Michele dos Santos; KIRCHNER, Renato. Uma Pietá Brasileira: A Escultura de Nossa Senhora da Piedade em Caeté, Minas Gerais. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 669-687, maio./ago. 2019.

MANGUEL, Alberto . **Lendo imagens: Uma História de amor e odio**. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PEDROSA, Aziz José de Oliveira. **A Basílica Ermida de Nossa Senhora da Piedade: memórias de um processo de reconfiguração arquitetônica Universidade Estadual Paulista (UNESP) – câmpus de Assis Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) Assis, SP, v. 15, n. 1, p. 408-432, janeiro-junho de 2019.**

MURAD, Afonso Tadeu. **Maria Toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia**. 1. ed. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2016.

**Capítulo 9**  
**“DESPERTAR OS LEIGOS PARA UMA AÇÃO NO**  
**CAMPO”: UM GRITO NO NORDESTE POR DIREITOS**  
**(1967)**

*Felipe de Lima França*  
*Severino Vicente da Silva*

## **“DESPERTAR OS LEIGOS PARA UMA AÇÃO NO CAMPO”: UM GRITO NO NORDESTE POR DIREITOS (1967)**

**Felipe de Lima França**

*Graduando em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: felipefranca@gmail.com*

**Severino Vicente da Silva**

*Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Atualmente é professor Associado do Departamento de História da mesma universidade, membro do Instituto Histórico de Olinda, Membro da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina – CEHILA. E-mail: severino.vicente@gmail.com. ORCID 00000189111409*

### **RESUMO**

O presente trabalho analisa a missão da Ação Católica Rural (ACR) iniciada no ano de 1965 no nordeste brasileiro, utilizando como fonte de pesquisas o jornal O Grito do Nordeste, no recorte temporal de 1967. Encontrando os leigos num sono profundo acerca da própria realidade e conformados com a vida de miséria, este movimento católico teve a missão de conscientizar as pessoas sobre os seus próprios direitos, divinos e humanos, como elementos indispensáveis na evangelização rural e formação das lideranças religiosas no campo. Invisíveis e anônimos, é como se a ressurreição de Jesus não fosse experimentada pelos camponeses, precisando ser anunciada e assumida por meio de um “grito” que denunciasse as formas de injustiças que prevaleciam sobre eles. Dessa forma, é possível identificar os elementos que fazem essa mediação entre fé e cidadania, teologias e leis, vida e morte, dignidade e miséria, pecado e salvação, prisão e liberdade. Todas essas palavras ganham um novo sentido na vida prática das pessoas ligadas a ACR possibilitando um movimento rural de resistência e luta em pleno contexto do golpe militar no pós 1964.

**Palavras-chave:** Ação Católica Rural; ACR; Igreja Católica; Ditadura Militar.

## Introdução

Hoje é possível encontrar o termo cidadania popularizado entre todas as esferas do Brasil, entretanto, corre-se o risco de esquecer que pouco tempo atrás o uso dessa palavra não era tão popular entre todas as camadas sociais, principalmente entre as camadas mais pobres. Esse cenário começou a mudar com a Constituição Federal de 1988 que de acordo com Schwarcz (2018, p. 488) ficou conhecida como a constituição cidadã pelo fato de contemplar em seu texto uma sensibilidade aos direitos sociais e preocupação com os direitos trabalhistas, constitucionalizando essas questões pela via da política pública, democratizando a conscientização de que todos os brasileiros são cidadãos, sem distinção e privilégios entre as classes sociais.

Entretanto, embora a constituição seja um marco importantíssimo na história da República Federativa do Brasil, sendo ela a sexta constituição republicana, não é a partir dela que iniciam os movimentos de reivindicações por direitos nas diversas áreas de atuações liderados por agentes apagados, silenciados e marginalizados. Muitos desses movimentos se associaram a espaços que puderam acolher suas pautas, legitimando-as e reforçando-as de alguma forma, tais como a politização por meio de partidos políticos, artistas e escritores, educação, Ligas Camponesas e sindicalizações, ideologias e também à segmentos religiosos que assumiram uma espécie de co-responsabilidade na medida que ingressaram nesses movimentos.

A Ação Católica Rural - ACR - é um exemplo dentre muitos desses movimentos que, se levamos em consideração uma interpretação pós constituição de 1988, anteciparam a importância de conscientizar e formar as pessoas vulneráveis na luta por seus próprios direitos sem usar, nesse período, termos como cidadania e/ou cidadão. A Secretaria de Justiça, Família e Trabalho do Estado do Paraná define o conceito de cidadania da seguinte forma

Juridicamente, cidadão é o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado. Em um conceito mais amplo, cidadania quer dizer a qualidade de ser cidadão, e conseqüentemente sujeito de direitos e deveres. Mas nem tudo depende apenas do Estado. O conceito de cidadania vai muito além, pois ser cidadão significa também tomar parte da vida em sociedade, tendo uma participação ativa no que diz respeito aos problemas da comunidade. Colocar o bem comum em primeiro lugar e atuar sempre que possível para promovê-lo é dever de todo cidadão responsável. A cidadania deve ser entendida, nesse sentido, como processo contínuo, uma

construção coletiva que almeja a realização gradativa dos Direitos Humanos e de uma sociedade mais justa e solidária.<sup>29</sup>

Essa definição contempla palavras formais e cultas, parece ser destinada à pessoas que não precisam lutar e reivindicar por esses direitos que compõe o texto, entretanto, mesmo sem usar palavras tão formais, a ação da ACR no nordeste e muitos outros movimentos que precederam à Constituição de 1988 ou a redefinição do conceito de cidadania nos dicionários após essa data, usaram de seus métodos e atividades para chegar a objetivos e finalidades semelhantes, diferenciando apenas que antes da promulgação da sexta constituição, essa pauta não era política pública.

A Ação Católica Rural inicia em Recife no ano de 1965 e logo se espalha pelo nordeste, encontrando 70% da população vivendo na zona rural de forma estática (SERVAT, 1967, p. 8)<sup>30</sup>, inconsciente de seus direitos e deveres, oprimida por uma classe de senhores e patrões mais preocupados em manter seus privilégios e lucros. É nessa realidade que surge a necessidade de despertar os leigos para uma ação no campo, sendo o boletim *Grito do Nordeste*, mais um instrumento nessa ação, com publicações a partir de 1967. Por isso, delimitamos nosso trabalho na análise dos quatro primeiros números do jornal, contemplando todo o primeiro ano de publicação.

É importante destacar que embora esse movimento tenha sido idealizado e pensado desde dentro da Igreja Católica, isso não quer dizer que de forma generalizante ela tenha atuado apenas dessa forma. A partir de Silva na sua obra *Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites do progressismo na Arquidiocese de Olinda e Recife - 1950-1990* (2006) podemos citar exemplos com motivações divergentes ou que caminharam por um lado oposto, tais como o Integralismo (p. 163-164), o movimento romano-restaurador no século XIX reforçado pela romanização do início do século XX, (p. 170) e a encíclica *Fidei Donum* (p. 170-171).

A Arquidiocese de Olinda e Recife (AOR) também está dentro desse contexto até a chegada de Dom Hélder Câmara, sendo o sexto arcebispo com pastoreio de 1964 a 1985. Por ter participação destacada no Concílio Vaticano II (1961-1965) o bispo foi um dos principais conciliares, fazendo contato com outros diversos bispos e padres fora do Brasil, o que favoreceu o interesse de muitos padres em trabalhar nessa arquidiocese. Essas questões atreladas ao seu trabalho pastoral deram origem

---

<sup>29</sup> Disponível em <https://www.justica.pr.gov.br/Pagina/O-que-e-Cidadania>. Acesso em 09 de novembro de 2022.

<sup>30</sup> Jornal Grito no Nordeste. Ano I, no I: Jan/Mar 1967.

a expressão “igreja dos sonhos” justificando a passagem de muitos religiosos estrangeiros, um deles é padre Servat, de nacionalidade francesa, que a pedido de Dom Hélder chega ao Recife com a missão de iniciar a Ação Católica Rural (SILVA, 2006, p. 162, 167, 171).

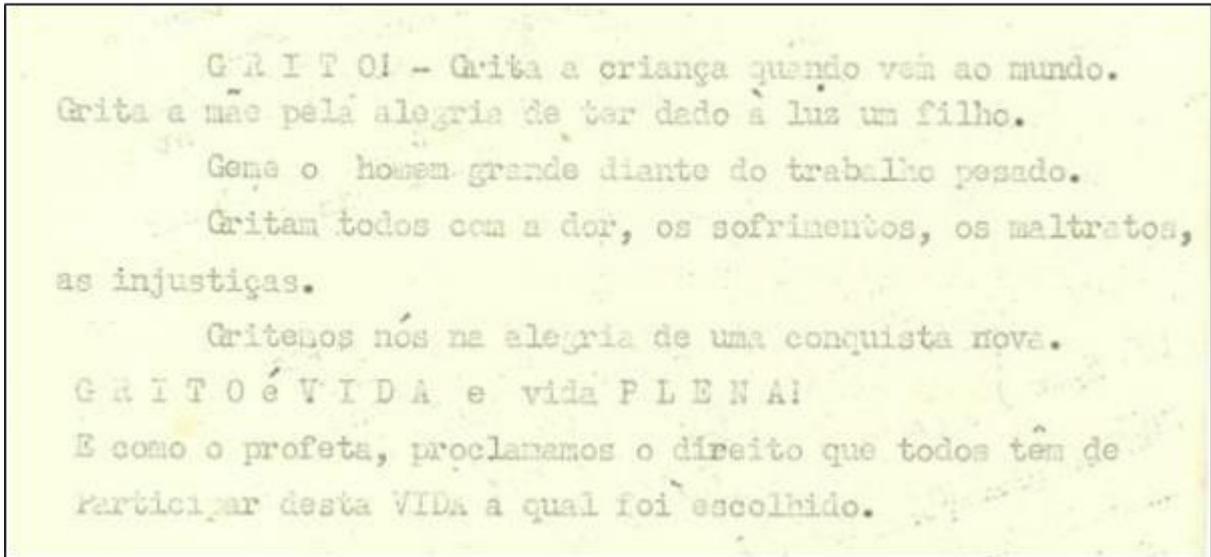
### **Despertar os leigos**

Como já dissemos, a Ação Católica Rural surgiu em Recife a convite de Dom Hélder ao padre Joseph Servat, logo após que assumiu o pastoreio da Arquidiocese de Olinda e Recife. De acordo com Abreu e Lima, talvez ACR não seja muito conhecida no meio acadêmico pelo seu foco ser o meio rural, centrando basicamente no Nordeste do Brasil (2019, p. 90).

Esse movimento tinha sede na própria cidade de Recife, inicialmente na rua Rua dos Coelhos, n. 270.. Rapidamente se espalha pelos estados do nordeste de acordo com as informações fornecidas no primeiro número publicado no boletim Grito do Nordeste em 1967. De periodicidade trimestral e fruto da experiência do próprio movimento, esse jornal se transformou num instrumento necessário de comunicação entre os membros, informando do nascimento à morte, as conquistas e desafios, formações e novidades.

O contexto desse jornal é inspirado numa linguagem teológica e versículos bíblicos, mas sem assumir um tom clerical de difícil acesso para as pessoas da zona rural, que eram as principais destinatárias, levando em consideração todos os perfis, dos alfabetizados e letrados até os que não sabiam ler, mas sabiam olhar um desenho e entender a principal mensagem.

Embora o nome “Grito” faça referência ao profeta do antigo testamento que grita no deserto e ao profeta do novo testamento João Batista que materializa em si essa referência, a motivação não é reviver personagens bíblicos de forma mítica ou propor a memorização de conteúdos e personagens teológicos. O “grito” é assumido no tempo presente sem se deixar apreender numa única vez. Gritar em várias circunstância e em vários motivos, como é possível encontrar no início do primeiro número do boletim.



**Fragmento 1: Epígrafe<sup>31</sup>**

O grito não se torna apenas uma reação negativa e de sofrimento, mas de vida e “vida plena” como menciona no fragmento. Entretanto, todos nós sabemos que gritar sem a possibilidade de ser ouvido cria uma condição de desespero e impotência. O jornal se soma aos gritos de tantas pessoas “maltratadas e injustiçadas”, invisíveis e marginalizadas que gritavam “com a dor, os sofrimentos”. A partir dessa realidade que o Grito do Nordeste assume a missão de “proclamar o direito que todos têm” atualizando a figura de um profeta.

A condição de invisibilidade das pessoas na realidade que a ACR encontrou, isentou o Estado Brasileiro de assumir o interesse em atuar com prioridade num programa em favor delas, visto que invisíveis não sofriam, não trabalhavam formalmente, não viviam, não existiam. Como já dissemos, só após a Constituição de 1988 que se assumiu essas questões de forma constitucional.

Um dos primeiros frutos das atividades desse movimento foi identificar os invisíveis tirando-os da invisibilidade a partir do próprio nome, mesmo que fossem os mais comuns, como “João, Severino e Maria”, dando-os voz e história, anseios e sofrimentos. Dessa forma, foi possível identificar que a maioria não viviam uma vida digna, conforme os planos de Deus.

O primeiro número do Grito do Nordeste, correspondente de janeiro a março de 1967, é marcado pela ocasião da Páscoa e a mensagem de ressurreição de Jesus, acontecimento considerado central para a Igreja Católica. Entretanto, todas as atividades que antecederam essa primeira publicação questionaram um discurso

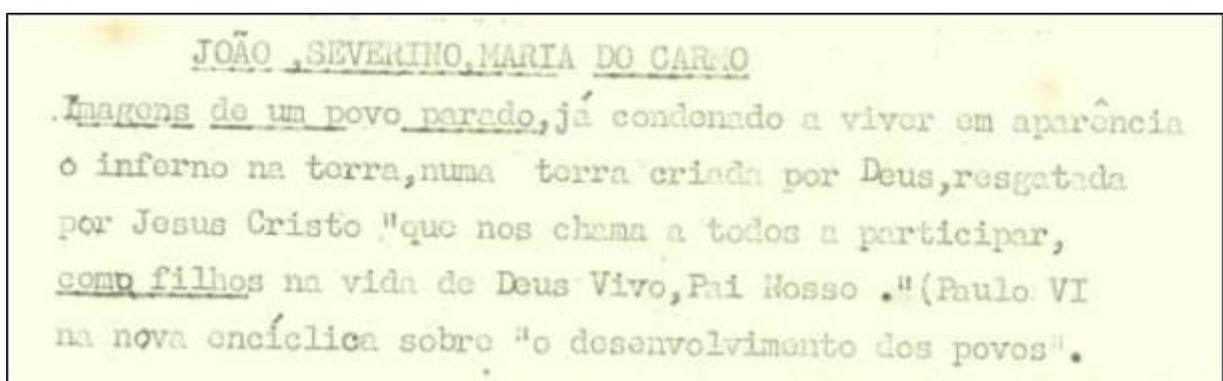
<sup>31</sup> *Op. Cit*, p. 5.

puramente teológico acerca da própria ressurreição, por causa da forma de vida que essas pessoas viviam, sem dignidade de filhos de Deus.

A teologia que a ACR assumiu não é apenas doutrina teórica sem compromisso com as necessidades dos ouvintes ou preocupada apenas na quantidade de fiéis. Pelo contrário, a inspiração teológica que o movimento apresentou se comprometeu com as necessidades das pessoas pelo fato de que aconteceu a ressurreição, e por serem filhos de Deus, todos têm o direito de participar e participar dessa vida plena, principalmente os pobres.

Vale ressaltar que conceber essa forma diferente de se comprometer com os pobres estava mais ligada ao que foi chamado de Teologia da Libertação, da América Latina, depois perseguida e combatida pela ala mais conservadora da própria Igreja Católica. Como afirmou o próprio Gutiérrez, considerado um dos fundadores/iniciadores dessa teologia, se fazia necessário aproximar a teologia da vida real das comunidades eclesiais situando-a no tempo histórico presente e no espaço geográfico, passando do discurso puro para serviço à comunidade de fiéis a partir de uma práxis libertadora (2014, p. 32-35).

“Severino, João e Maria”, por exemplo, saíram da invisibilidade, mas não deixaram de ser pobres, injustiçados e oprimidos. A missão da ACR não se resumiu apenas a descobrir seus nomes, mas a ter consciência da condição de vida que cada um se encontrava e a lutar pela participação dos seus direitos sem se alienar da própria história pessoal. O mesmo na esfera teológica, como filhos de Deus, também tinham direitos de participar dos direitos divinos a partir de uma vida conforme o plano do Senhor. O fragmento a seguir apresenta essas pessoas depois de falar um pouco da história de cada um.



**Fragmento 2:** Ressurreição<sup>32</sup>

<sup>32</sup> Op. Cit, p. 6.

Desse ponto de vista teológico, a forma como essas pessoas viviam, paradas e estáticas, já as condenavam a viver “o inferno” aqui na terra. Ao se deparar com essa situação, a ACR se comprometeu em despertar os leigos do que considerava um sono profundo, propondo uma nova forma de olhar para a igreja, chegando até a ser chamada de “igreja nova” de acordo com depoimentos enviados para publicação no jornal.

São esses depoimentos, já como frutos de uma caminhada formativa, que os próprios leigos vão nomeando as experiências e os resultados dessa ação no campo. É possível identificar a mudança de mentalidade para além da questão religiosa católica, passando a se referir à igreja como “igreja nova” não como uma ruptura ou separação, mas à uma nova forma de atuar e assumir a missão de cristão batizado.

Essa missão não isolou as pessoas no individualismo ou indiferença, mas criou e estimulou uma noção de identidade e pertença a uma determinada comunidade que tem em comum histórias, lutas e demandas. Para assumir a missão de cristão, foi preciso redescobrir que todos são irmãos porque são filhos do mesmo Pai, que é Deus, e por isso irmãos de Jesus Cristo. Se essa teologia não se encarna e materializa na ação e na prática dos membros, nada se difere da concepção de uma igreja onde eles são agentes passivos diante de uma estrutura formalizada.

A evangelização rural assumida pela ACR teve o objetivo de despertar os leigos desse sono profundo, da falta de uma consciência primeira dos direitos divinos por serem filhos de Deus e irmãos de Jesus, que deu a vida e ressuscitou por eles. Com essa linguagem e pedagogia, foi possível iniciar também uma conscientização acerca dos direitos humanos que lhes eram negligenciados pelos seus senhores e patrões.

Quando dissemos que o movimento assumiu a missão, não quer dizer que eles assumiram a iniciativa e “a vez” dos que deveriam fazer. Essa atitude era também um dos frutos esperados, a partir do momento que a evangelização rural apresentou a realidade a partir de um método que ficou conhecido e usado posteriormente fora do próprio movimento, o Ver, Julgar e Agir (PACHECO, 2012, 143).

De acordo com Ferreira, a origem desse método remonta a ação do padre Cardjin (1882 - 1967), de nacionalidade belga, e que posteriormente se tornou cardeal (2016, p. 217); aqui no Brasil, foi utilizado anteriormente à ACR pela Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC), mas tornou-se popular após 1964. Ainda segundo Ferreira, esse procedimento continua sendo usado

por pessoas e movimentos, e até mesmo pelo Papa Francisco ao fazer referência nas exortações apostólicas *Evangelii Gaudium* (2013) e *Amoris Laetitia* (2016), e na encíclica *Laudato Si* (2015) como um meio eficaz de discernimento.

Na ação pelo nordeste, um fato era escolhido para que todos pudessem aplicar essa chave de leitura. A primeira etapa era ligada aos olhos, à visão, mas para ver bem, assim como o corpo, às vezes se precisa de instrumentos como óculos ou lupa, ou até mesmo boas condições como iluminação e um ângulo possível. Os diversos encontros estimulavam essas ferramentas para que as pessoas passassem a enxergar os fatos antes mal vistos ou até então situações anteriormente opacas e transparentes.

A segunda etapa é chamada de julgar, referindo-se à consciência e a capacidade de emitir juízos de valores. Essa consciência foi alcançada também a partir de encontros e partilhas, levando em consideração formações religiosas para que não esquecessem de que eram filhos de Deus com direitos divinos inegociáveis, como uma vida digna e conforme a vontade de Deus. Não fazia parte dos seus planos que os filhos sofressem nas mais diversas formas de opressão e maus tratos.

Por fim, todo esse processo conduzia a pessoa a ter consciência de que precisa do outro que também é filho de Deus e seu irmão. O sentido de comunidade e coletividade ganha se torna necessário para juntar forças e somar na ação. Para agir, é preciso não ir sozinho e ter acesso aos instrumentos necessários, a começar pelo despertar da consciência da realidade como é e, como deveria ser.

O conformismo foi um dos males que contribuiu para manter a realidade de “sono profundo” do povo nordestino, visto que acreditavam que o sofrimento fazia parte da vontade de Deus e que por isso deviam aceitar a vida que viviam, se conformando com a miséria, com a fome, com a pobreza, com a opressão, com a falta de dignidade. Combater esse mal tão presente no campo foi fundamental para que a evangelização rural conseguisse atingir seu objetivo de despertar e acordar para a vida, para a ação.

No fragmento a seguir, é possível ter contato com uma parte desses depoimentos e encontrar no de Manoel Aureliano da Silva uma fala importante revelando o seu amadurecimento cristão, disponível no segundo número do Grito do Nordeste, correspondente de abril a junho de 1967.

Eu, vendo a situação do nosso povo vivendo dese-  
vangelizado e todos sem entender bem a palavra evangélica,  
 resolvi fazer um estudo de um dia com meus companheiros  
 com os quais já trabalhava como amigos e convidei o  
 Padre José Servat, Hermínio e meus vizinhos para fazer um  
 dia de estudos.

Hoje já estou vendo que meus vizinhos são irmãos  
 em Jesus Cristo. Despertamos um pouquinho daquele sono em  
 que vivíamos eles e eu. Sofríamos e dizíamos que era Deus  
 que queria, mas devemos saber que Deus não quer que nin-  
 guém passe uma vida de miséria. Mesmo que eu seja um ho-  
 mem pecador, não quero ver meus filhos passando fome.

**Fragmento 3:** *Um pedaço de História*, assinado por Manoel Aureliano da Silva<sup>33</sup>

Sabendo ser possível identificar problemas e dificuldades em formas específicas em cada estado, a ACR tinha cautela em propor soluções pensadas desde fora, sendo a miséria e a fome questões presentes em todo o nordeste. Se esses problemas não surgiram da vontade de Deus, também foi preciso conscientizá-los de que não era um problema criado pelos próprios pobres, visto a tentativa da parte de algumas discussões políticas atribuírem aos nordestinos vulneráveis a própria origem de sua miséria, sendo as mulheres um fator principal pelo fato de terem muitos filhos.

Essa mediação que a Ação Católica Rural fez por meio de uma evangelização rural foi importante para despertar os leigos dando-lhes meios de formação não só no âmbito religioso, mas também civil. Permanecer com a realidade na qual se encontravam, de miséria e fome, sem terra para trabalhar e sem condições dignas de vida se tornou insustentável. A luta pelos seus próprios direitos por meio de greves e sindicalizações começou a ganhar ainda mais força quando atrelada às próprias ações do movimento.

No boletim de número 3, correspondente de junho a agosto do mesmo ano, se encontra um outro depoimento do sindicalista Antônio Almeida ao informar que lutar por seus direitos e condenar as injustiças na zona rural resultaram na acusação de

<sup>33</sup> Jornal Grito no Nordeste. Ano I, no II: Abr/Jun 1967, p. 3.

subversivos por parte dos senhores de engenho e patrões, desqualificando e criminalizando as reivindicações dos trabalhadores. Parte do próprio depoimento do sindicalista pode ser conferido no fragmento a seguir.

Fala um sindicalista ...  
(Antonio Almeida)

Quando nós começamos a desempenhar um trabalho pela conquista dos nossos direitos, sem esquecer os nossos deveres; quando nós condenamos as injustiças praticadas aos pobres trabalhadores que tanto lutam no meio rural a serviço dos que possuem terras e só querem moradores enquanto estes podem derramar suor em quantidade, chamamos subversivos. Mas o salário que estes ganham não dá para o sustento da pobre família, que muitas vezes come uma vez por dia. E assim estas famílias vivem uma vida de miséria. Por isso somos tratados de

**Fragmento 4:** Fala um sindicalista... (Antonio Almeida)<sup>34</sup>

Além desse depoimento também é possível encontrar poemas, artigos extraído de jornais escritos para um público restrito e urbano, relatórios de encontros realizados, relatos das visitas do padre Servat pelos estados do nordeste, notícias de outros movimentos que também atuavam no campo tais como a Juventude Agrária Católica - JAC e acontecimentos analisados no método Ver, Julgar e Agir.

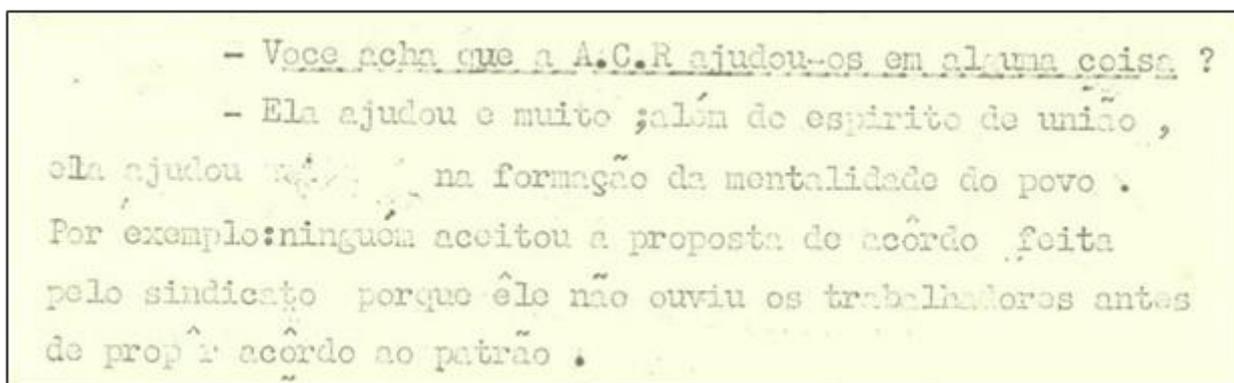
Aos poucos, os camponeses iam se inserindo nas atividades e se comprometendo com a causa proposta pela ACR quando despertados para essa ação. Representações antes escanteadas passaram a ter espaço tais como as crianças, as mulheres, os analfabetos, as pessoas que moravam na zona rural em si. Muitos nomes próprios completos aparecem com voz e vez, do Maranhão à Bahia, criando uma espécie de comunicação em rede, da qual a luta por seus direitos aparecia como uma unidade coesiva.

Outro exemplo sobre como essa ação conseguiu despertar os leigos é encontrada no primeiro número, quando é feita uma entrevista a Pedro Cícero, delegado sindical em um engenho de nome Garapú. Para ele, a ACR foi fundamental na formação de mentalidade das pessoas e no espírito de união e responsabilidade, onde juntos reivindicaram 130 atrasados de 1964 a 1966, o pagamento de feriados

<sup>34</sup> Jornal Grito no Nordeste. Ano I, no III: Jun/Ago 1967, p. 2.

trabalhados e não pagos, o pagamento de um salário justo já combinado entre eles e o patrão, a diminuição da jornada de trabalho que extrapolou o contrato e, férias vencidas.

No fragmento a seguir é possível perceber todas essas questões na fala de Pedro.



**Fragmento 5:** Entrevista<sup>35</sup>

O quarto e último número que este trabalho contempla, correspondente de setembro a dezembro<sup>36</sup>, encerra com uma provocação inspirada no Natal, outra data importante para os católicos, anima todos os membros a assim como Jesus Cristo que se encarnou para assumir uma missão, todos devem ter consciência da missão do cristão, que é continuar o que Jesus começou, proclamando o direito e a justiça, lutando contra o mal que escraviza para atingir o bem que é a libertação.

### **Considerações finais**

A Ação Católica Rural foi um movimento importante de atuação no nordeste brasileiro, e mais especificamente na zona rural, onde encontrava 70% da população na primeira metade da década de 60 como já citamos, de acordo com o próprio padre Servat no primeiro número do boletim. Como movimento, atuou em uma das periferias existenciais que na época não havia muito interesse do Estado em criar políticas públicas para essas pessoas que viviam no campo.

Enquanto fonte de pesquisa, a ACR oferece vários instrumentos úteis tirando do anonimato pessoas que não tinham nome, vez e voz, formando-as a partir de uma

<sup>35</sup> Jornal Grito no Nordeste. Ano I, no I: Jan/Mar 1967, p. 12.

<sup>36</sup> Jornal Grito no Nordeste. Ano I, no IV: Set/Dez 1967.

concepção de igreja fundamentada numa teologia mais próxima de suas vidas práticas, tomando consciência de que como filhos e filhas de Deus, são antes de tudo pessoas com direitos divinos.

Ter consciência de que é filho de Deus é a primeira boa notícia dessa evangelização rural que tinha como finalidade o despertar dos leigos a partir de uma conscientização de que o direito divino à vida não era compatível com miséria, fome, exploração e todo mecanismo injusto de exploração. Essa consciência foi capaz de comprometer os leigos em lutas e reivindicações sobre seus direitos, humanos e divinos, não só, mas unidos em comunidade e coletividade.

A mediação que a Ação Católica Rural desempenhou contribuiu na formação de lideranças no campo que assumissem todas essas lutas a partir de uma interpretação cristã da realidade, da vida, dos fatos e do ideal cristão aplicado na prática. Esses que antes eram invisíveis e escanteados puderam participar desse movimento em busca por direitos muito antes do conceito de cidadania ser popularizado após a Constituição de 1988.

## Referências

ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **A Ação Católica Rural: mudanças e desafios políticos de 1978 a 1985.** *Revista Crítica Histórica*, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 89–118, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/5597>. Acesso em: 1 out. 2022.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. **Papa Francisco, e o método? Considerações sobre o método Ver-Julgar-Agir utilizado pelo papa Francisco.** *Pensar - Revista Eletrônica da FAJE*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 215-228, 2016. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3649>. Acesso em: 7 dez. 2022.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação.** São Paulo: Paulinas, 2014.

SCHWARCZ, Lília Moritz, **Brasil: uma bibliografia.** 2a ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Pedro Henrique Pacheco da. **Ação Católica Rural: um compromisso libertador em Pernambuco.** 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites do progressismo na Arquidiocese de Olinda e Recife (1950-1990)**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

**Capítulo 10**  
**REFLEXÕES HERMENÊUTICAS E FILOSÓFICA À**  
**DECOLONIALIDADE: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES**  
**ÀS TEORIAS DA RELIGIÃO**  
*Jungley de Oliveira Torres Neto*

# REFLEXÕES HERMENÊUTICAS E FILOSÓFICA À DECOLONIALIDADE: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES ÀS TEORIAS DA RELIGIÃO

**Jungley de Oliveira Torres Neto**

*Doutorando na área de Filosofia da Religião pelo PPCIR, mestre em Filosofia e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora - MG.*

## RESUMO

Apontar-se-á no presente trabalho à crítica de Heidegger da modernidade e ao método de Descartes, visto que ao inaugurar a Filosofia Moderna Descartes não trouxe luz ao sentido do 'ser', que continuou encoberto como já o fizera a tradição: a 'entificação' do ser, o ôntico em detrimento do ontológico. Neste percurso, investigar-se-á o fato de que Descartes não só omite a questão do ser como também dispensa a questão sobre o sentido do ser do cogito, pois se o "cogito, ergo sum", isto é, o "penso, logo existo", aponta que o "ser" do cogito pensante não precisa do mundo, decorre a questão: como pode ele, então, existir? Descartes pensa o ser humano e sua existência sem o enraizamento histórico, apoiando-se em sua 'certeza indubitável,' que encontra no sujeito o seu próprio fundamento. A repercussão da crítica de Heidegger à modernidade e à Descartes abre pressupostos para Gadamer pensar em seu projeto hermenêutico filosófico e na concepção de que a hermenêutica não se resume apenas no resultado de um procedimento técnico ou metodológico, mas torna-se o fio condutor no tratamento da questão ontológica/ da compreensão, abrindo-se às perspectivas de abordagens decoloniais, mais precisamente, de pensar a modernidade além de um projeto eurocêntrico.

**Palavras-chave:** Decolonialidade. Hermenêutica. Modernidade. Religião.

Heidegger foi o primeiro a abrir-nos os olhos para o fato de que neste assunto nós temos que o abordar relativamente ao conceito de Ser. [...] desse modo fez do compreender um existencial, isto é, uma determinação categorial básica de nosso ser-no-mundo. (Gadamer *apud* Dutt, 1998, pp. 26-27).



## Introdução

Nascido em Messkirch em 1889, o filósofo Heidegger passa grande parte de sua vida na Floresta Negra em Friburgo e por isso designaremos o ponto de partida do presente trabalho no *locus* da Floresta Negra. À guisa de introdução, será válido contextualizar a crítica de Heidegger à modernidade instaurada por Descartes na obra *Caminhos da Floresta* e retomada na obra *Ser e Tempo*, que se abre à abordagem pelo sentido do ser, o que o faz desenvolver uma analítica existencial do ser-aí (*Dasein*) visionando alcançar uma ontologia fundamental que, enquanto tal, distingue-se fundamentalmente de toda e qualquer ciência positiva. Para situar a experiência originária da “*vida humana*”, Heidegger passa a empregar o conceito de *hermenêutico da facticidade* e, de modo decisivo, abre horizontes no campo da fenomenologia e hermenêutica.

Será analisada, posteriormente, a apropriação e impulsos recebidos por Gadamer de seu mestre Heidegger e o desenvolvimento de sua hermenêutica filosófica em direção à ontologia na obra *Verdade e Método*. Será apontado a hermenêutica como modo fundamental humano de ser diante das coisas no processo de realização da compreensão (*Verstehen*). Será abordada a noção de que há hermenêutica porque o homem é hermenêutico, isto é, finito e histórico. Apontar-se-á, outrossim, para o giro hermenêutico, à perspectiva de hermenêutica enquanto via de acesso ao tratamento da questão ontológica e, por conseguinte, da compreensão. Essa guinada na história da hermenêutica diz respeito, inicialmente, pela retomada da pergunta pelo sentido do ser, cuja iniciativa rebe-se de Heidegger, na própria compreensão do *Dasein* que compreende e interpreta, não de modo esporádico, mas em seu próprio modo fundamental de ser e isso, de forma peremptória, irá abrir pressupostos para o desenvolvimento hermenêutico de Gadamer.

Neste sentido, a interpretação e/ ou compreensão humana de mundo é contínua, é um “eterno projetar-se”, isto é, o ato de compreender não é esporádico, mas sim originalmente um ato contínuo e dinâmico que diz respeito ao próprio modo de ser-no-mundo. E, por isso, a experiência de “verdade” não se limita a padrões metódicos, mas é uma atitude reflexiva, ponderada e propriamente dialogada. A hermenêutica está para além da pretensão de se impor à última palavra, mas é o movimento de abrir-se às possibilidades de si mesma. Fundamentalmente, a postura da hermenêutica filosófica permite-nos pensar além da terra natal dos autores citados

anteriormente e direciona às perspectivas decoloniais do pensamento latino-americano. O que permite pensar, através da via dialógica, nos *entre-lugares*, na libertação da “verdade” do conhecimento epistêmico eurocêntrico, enquanto projeto universal-ocidental de bases económicas, políticas e epistêmicas de poder.

Será, enfim, proposta a reflexão de que diante do projeto universal de poder, proveniente da modernidade europeia, o “Outro” foi concebido na negação, no seu ocultamento, em sua anulação e silenciamento. As consequências foram drásticas ao longo da história: violência, guerra, dominação, escravidão, destituição do “Outro” de história e de racionalidade. Neste labor, será proposta a reflexão dialógica nas bases da hermenêutica de Gadamer para além de seu lugar de fala, mais precisamente, será proposto o encontro autêntico da hermenêutica filosófica/ dialógica de Gadamer com o pensamento da América subalternizada durante anos, construindo-se, assim, uma proposta crítica e, ao mesmo tempo, de possibilidades de contatos e necessárias mediações.

### **1. Além do espelho da modernidade: a superação da metafísica**

O filósofo da Floresta Negra, Heidegger, ao examinar a metafísica moderna traz à tona Descartes e lança a pergunta: o que é o ente? Mesmo que tal pergunta não seja tratada nas *Meditações* cartesianas tal resposta é necessária para o entendimento da inauguração da Modernidade. Heidegger é bem categórico ao apontar que com Descartes começa a consumação da metafísica ocidental, isso porque “a interpretação do ente e da verdade por Descartes é o que cria o pressuposto para a possibilidade de uma teoria ou metafísica do conhecimento na modernidade” (HEIDEGGER, 1998, p.123). Qual é, porém, esse marco da metafísica inaugurada por Descartes? E, por conseguinte, o que marca a metafísica moderna?

Descartes inaugura o pensamento moderno através da concepção de interpretação do homem como sujeito. Se por um lado, na ontologia medieval o ente é, em última instância, criaturas divinas. Deus é a causa ulterior de todos os entes e cada um pode ser pensado em posição na hierarquia da criação, pois, por exemplo, o homem ocupa um alto posto nesse ordenamento divino, porém, assim como os demais entes, é subordinado a uma causa maior e não pode escapar de sua condição menor de criatura. O que há de novo na “ontologia moderna”? Que interpretação a modernidade confere ao ente? Parece que na época moderna o ente já não é mais

presença e tampouco criatura, o ente se torna objetividade do representar. Eis aí duas coisas a se tonar, enquanto destaque: o sujeito que representa e o objetivismo instaurado.

Neste sentido, a metafísica cartesiana foi a fundadora dessa reinterpretação ontológica, foi a precursora do pensamento que identifica a verdade dos entes à certeza da representação, é como se a modernidade se tornasse o seu próprio espelho representado pelo cogito e pela certeza indubitável humana. Mais precisamente, o fundamento do ser do ente é, na modernidade, o representar do sujeito, ou seja, 'o próprio homem em seu espelhar' e/ ou em sua imagem. Se Descartes afirma, "*cogito, ergo sum*", isto é, "penso, logo existo", o "ser" do cogito pensante não precisa do mundo, daí decorre a questão: como pode ele, então, existir? Seria a existência apenas a sua representação e o seu objetivismo?

Quando Heidegger diz: "Mas não ousou um sofista dizer, no tempo de Sócrates, que o homem é a medida de todas as coisas, tanto do ser das que são, como também do não-ser das que não são? Não soa esta frase de Protágoras como se falasse Descartes?" (HEIDEGGER, 1998, p.127). O solo metafísico desse processo tão caracteristicamente moderno parece ser a transformação do mundo em imagem, e essa se dá no sujeito, considerando que: "O ente na totalidade é agora tomado de tal modo que apenas e só é algo que é, na medida em que é posto pelo homem representador produtor" (HEIDEGGER, 1998, p. 112). Isto é, o sujeito está indubitavelmente co-presente. Neste desiderato, pensar seria representar, pois representar quer dizer "por diante de si algo a partir de si" (HEIDEGGER 1998, p.133). O representar já não é mais perceber o que está diante, o pôs-se ao descoberto. Em outros termos, representar na modernidade torna-se objetivação domável do homem.

Parece que afirmar que a metafísica moderna põe o mundo como imagem equivale a dizer que na modernidade todo o ente encontra no sujeito o seu fundamento de ser. Somente é ente o que é representado. E ao "representar" o homem coloca o presente diante de si e o relaciona forçosamente a si como âmbito atribuidor de medida. Entretanto, faz-se necessário uma crítica e/ ou uma desconstrução da metafísica moderna instaurada por Descartes. Faz-se necessário pensar o sujeito enquanto histórico e ir além de uma visão instrumentalmente metódica. Em outros termos, é necessário levar em consideração o ser situado que somos, que pergunta e questiona pelo sentido das coisas, não somente no âmbito instrumental, de

reprodução, mas de desvelamento das coisas, de descobertas, de possibilidades de modo dinâmico.

A partir do questionamento pelo sentido e pelo modo de ser do homem Heidegger é levado a realizar uma hermenêutica da facticidade do ser-aí. O ser-aí em sua existência é um ente privilegiado. Neste pretexto, Heidegger faz questão de afirmar de modo contínuo a compreensão de que: “o homem é o *único ente* que se mantém numa determinada compreensão de ser”, destarte, ele sempre se descobre sendo a partir de um determinado modo de ser (o ser se dá de maneira dinâmica/ sendo). Mediante a abordagem faz-se necessário investigar e compreender melhor o conceito heideggeriano de existência. Em *Ser e Tempo*, ele o descreve nestes termos:

Chamamos existência ao próprio ser com o qual o ser-aí pode se comportar dessa ou daquela maneira e com o qual ela sempre se comporta de alguma maneira. Como determinação essencial desse ente não pode ser efetuada mediante a indicação de um conteúdo quiditativo, já que sua essência reside, ao contrário, no fato de dever sempre possuir o próprio ser como seu, escolheu-se o termo ser-aí para designá-lo enquanto pura expressão de ser. (HEIDEGGER, 2012, p.48).

Essa relação fica mais evidenciada no sétimo parágrafo de *Ser e Tempo*, intitulado “*O método fenomenológico da investigação*”, onde Heidegger perscruta e aponta a definição do termo fenomenologia como hermenêutica. Ele busca a raiz do termo na gramática grega, conforme a qual, *Phainomenon* ou *phainesthai* traduz-se como “o que se mostra; o que se revela” (HEIDEGGER, 2012, p. 67). *Pha* tem significado próximo com *phos* que significa brilho ou luz (deixar-se luzir, deixar-se mostrar), por conseguinte representa a condição para que algo se mostre, isto é, “o elemento, o meio, em que alguma coisa pode vir a se revelar e a se tornar visível em si mesma” (HEIDEGGER, 2012, p. 68). Não se pode dizer o que é o ser, embora possa o indicar como uma clareira no sentido do termo grego *alétheia/ ἀλήθεια*, algo que se mostra e mantém-se velado, é o som que diz e permanece indizível- dinamicidade de movimento<sup>37</sup>.

Em síntese, com o filósofo da Floresta Negra (Heidegger), a hermenêutica vai se delineando enquanto teoria da interpretação do ser-aí e, por isso, para ele a

<sup>37</sup> Heidegger encontra esta dinamicidade de ser, por exemplo, na obra de arte, não como objeto da ciência, a estética, mas numa perspectiva hermenêutica. Podemos citar, por exemplo, a obra de arte de Van Gogh, mais precisamente: o quadro de bota/ par de sapatos de um camponês, a questão não é a bota, o útil do utensílio, mas o mundo que abre e, que se desvela. O ser se manifesta no ente quando transcende aquilo que simplesmente é.

ontologia só é possível enquanto fenomenologia interpretativa (HEIDEGGER, 2012, p.66). Isso é decisivo, pois, a fenomenologia é vista como hermenêutica. Logo, trata-se de uma fenomenologia hermenêutica e/ ou *hermenêutica da facticidade*, que começa por um questionamento sobre o sentido do ser, que encontra-se aberto, isto é, não definido e acabado, mas sim em movimento, não de forma estática, mas sim de maneira dinâmica, de modo projetivo. O que abre pressuposto para Gadamer desenvolver seu projeto de hermenêutica: hermenêutica filosófica.

## 2. A hermenêutica de Gadamer em direção à ontologia

Eis o ponto a seguir que será explorado e relacionado: a hermenêutica filosófica desenvolvida por Gadamer<sup>38</sup>. No ano de 1992, Paul Natorp apresentou a Gadamer o manuscrito de Heidegger: *Interpretações de Aristóteles*, marcando com isso o início da presença acentuada em sua vida (GADAMER, 1996, pp. 248-249). Em 1923, Gadamer “assistiu todos os cursos de Heidegger”, totalizando cinco (GRONDIN, 2001, p. 141). É perceptível a vigência de muitos temas e proposições filosóficas desenvolvidas por Heidegger na hermenêutica desenvolvida por Gadamer. Percebe-se também a admiração de Gadamer para com Heidegger como revelado em entrevista:

Heidegger não pode ser deixado de lado em minha trajetória [...] Fui admirador de Heidegger [...] O que eu mais agradeço a Heidegger, foi ele me ter forçado a estudar filologia clássica; pois, através disso, aprendi a acompanhar mais disciplinadamente a tendência a ele peculiar, a saber, aquela de mostrar, a partir da língua, o que é propriamente a gênese de conceitos [...] eu admirava a imaginação e a força do seu pensar. (Gadamer *apud* Almeida, Flickinger, & Rohden, 2000, p. 220).

Gadamer leva de modo autêntico o projeto hermenêutico iniciado por Heidegger adiante, ele mostra sua influência ao apontar Heidegger como o primeiro a abrir os olhos na abordagem sobre e o conceito de ser.

Ele tece o seguinte comentário:

Heidegger foi o primeiro a abrir-nos os olhos para o fato de que neste assunto nós temos que o abordar relativamente ao conceito de Ser.

<sup>38</sup> Hans-Georg Gadamer procura estabelecer a diferença entre o modo de investigar de Wilhelm Dilthey e Edmund Husserl em relação às investigações fenomenológicas realizadas por Martin Heidegger (GADAMER, 1998, p. 353- 399).

Sem dúvida Dilthey, Bergson e Aristóteles contribuíram para que Heidegger pudesse pensar o ser no horizonte do tempo e a partir da mobilidade da existência humana, que se desenvolve em direção ao seu futuro e provém de sua origem. Desse modo fez do compreender um existencial, isto é, uma determinação categorial básica de nosso ser-no-mundo. (Gadamer *apud* Dutt, 1998, pp. 26-27).

Na noção de facticidade encontra-se explicitado e justificado o tema do tempo, isto é, da historicidade (ser e tempo/ ser no tempo/ ser é tempo). Ora, esse entrelaçamento e/ ou traço pertence à espinha dorsal da hermenêutica gadameriana [*história efetiva*]. Esse aspecto do “horizonte temporal”, do conceito de facticidade, certamente tem seus reflexos na hermenêutica gadameriana. Não por acaso evidencia-se o grande interesse de Gadamer pelo tema. O filósofo hermeneuta analisa a chamada “*hermenêutica da facticidade*” também em outras obras. Em seu livro “*Os caminhos de Heidegger*”, o filósofo explica a expressão e aponta:

Pois facticidade quer dizer o fato em seu ser-fato, ou seja, justamente aquilo do qual não se pode voltar atrás. Também em Dilthey (...) já se encontra a caracterização da vida como fato do qual não se pode voltar atrás. E sem dúvida é parecido em Bergson, Nietzsche e Natorp. (...) Portanto, hermenêutica da facticidade é um *genitivus subjectivus*. A facticidade se põe, ela mesma, na interpretação. A facticidade que se interpreta a si mesma não junta em si mesma conceitos que a interpretariam, mas sim é um modo do falar conceitual que quer agarrar sua origem, e com ela seu próprio alimento vital, quando se transforma à forma de uma proposição teórica (GADAMER, 2002a, p. 282).

Acredito que já podemos aqui perceber fundamentalmente, ainda que com recortes, considerações sobre a interpretação de Gadamer da hermenêutica heideggeriana e, com isso, compreender alguns aspectos da influência de Heidegger sobre seu célebre aluno. O aspecto da compreensão como o “caráter ôntico original da própria vida humana” irá interessar Gadamer de forma crucial a desenvolver filosoficamente sua hermenêutica, na medida em que ao conceber a compreensão como a transcendência do ente realizada pelo homem, realizaria uma filosofia/ postura filosófica que seria também uma “provocação para a hermenêutica tradicional” (GADAMER, 2002b, p. 393). E isso envolve a compreensão das possibilidades de si mesmo. A partir de Heidegger, então, se amplia enormemente o até então estreito horizonte da hermenêutica. Essa amplitude se dá pelo fato de que: interpretar não se reduz somente a forma esporádica e metodológica, mas em seu próprio modo fundamental de ser/ modo originário de ser.

A partir da ampliação do horizonte hermenêutico, Gadamer objetiva a investigação do ato de compreender, isto é, “o que é o compreender” e não o “como compreender”. Muito mais do que elencar regras de compreender, trata-se do “acontecer no ato de compreender”, ou melhor, trata-se de investigar o acontecimento da compreensão.

Nas palavras de Gadamer:

“Muito antes de se buscar um resultado prático do fenômeno do compreender, trata-se de buscar o que vem antes de toda a aplicação prática do compreender vendo o que há de fato no acontecer do compreender. Nossa tarefa consiste em buscar o que é o compreender e/ou o que está em jogo no acontecer da compreensão. Busca-se rastrear e mostrar aquilo que é comum a toda a maneira de compreender” (GADAMER, 1984, p. 13).

Os passos dados pelo filósofo e hermeneuta alemão mostram que sua preocupação fundamental não era desenvolver estatutos de cientificidade para as ciências humanas nem demarcar critérios do que seria ou não científico. Sua intenção não era abordar as questões metodológicas, mas sim, colocar como espinha dorsal de seu projeto o aprofundamento da compreensão existencial do ser. Gadamer mostra sua influência em Heidegger, a partir do *Dasein*, da *analítica existencial*, da *hermenêutica da facticidade* que caminham pela via de acesso ao tratamento da questão ontológica.

Nos dizeres de Gadamer:

A analítica temporal da existência (*Dasein*) humana, que Heidegger desenvolveu, penso eu, mostrou de maneira convincente que a compreensão não é um modo de ser, entre outros modos de comportamento do sujeito, mas o modo de ser da própria pré-sença (*Dasein*). O conceito “hermenêutico” foi empregado, aqui nesse sentido. Ele designa a modalidade fundamental da pré-sença, a qual perfaz sua finitude e historicidade, e a partir daí abrange o todo de sua experiência de mundo (GADAMER, 2002b, p.16).

A hermenêutica não se resume apenas no modo instrumental de compreensão, mas relaciona-se no modo existencial de compreender que paira na facticidade e historicidade do ser. O que constata que a interpretação se funda existencialmente na compreensão e não vice-versa. Interpretar não se resume apenas em tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as condições de possibilidades projetadas na compreensão.

Neste sentido: “A experiência, para Gadamer, é a qualidade da pessoa não dogmática se abrir para possibilidade [...], é realmente uma forma de entendimento”. (LAWN, p. 89). O que designa a mobilidade fundamental do ser-aí, a qual perfaz sua finitude e historicidade, e a partir daí abrange o todo de sua experiência de mundo. A hermenêutica como fio condutor no “processo” de realização da compreensão (*Verstehen*), da interpretação (*Auslegung*) e da aplicação (*Applikation*) não se contenta apenas com o saber técnico (*téchne*) “manipulado” ou conduzido à análise dos fatos, mas, manifesta-se de forma dinâmica, relacionando-se fundamentalmente com o modo de “ser no mundo” de quem analisa/interpreta. A compreensão e a aplicação levam em pauta a história, a tradição, a diferenciação e fusão de horizontes.

Em síntese, fundamentalmente, o sujeito da interpretação é histórico, assim como o que se pretende interpretar. Há hermenêutica porque o ser humano é hermenêutico. O ser humano é finito e sua interpretação não pode ser definitiva e estática. Isso marca o todo de sua experiência de mundo. Percebe-se na história da filosofia a guinada hermenêutica, na qual deixa de ser apenas atividade científica, aplicada e rigorosamente demonstrável, para se constatar “atividade” inerente à existência humana dentro de um mundo preexistente, cujo foco é o modo de como se dá a compreensão sem imposição de um método ou uma autonarrativa enquanto verdade única e universal. Em suma, a compreensão relaciona-se fundamentalmente ao modo de existência do próprio indivíduo em suas mais variadas condições de possibilidade, o que abre pressuposto para pensar-se a partir dos “*entre-lugares*”, na noção ‘espacial’ (não se limitando a espaço físico), que se caracteriza por ser fronteira, que ao mesmo tempo separa/ limita, mas, igualmente, permite o contato e eventualmente aproxima, nos permitindo ir além da “terra natal” dos autores supracitados e se direcionar-se às abordagens decoloniais.

### **3. Da Floresta Negra ao pensamento Latino-americano: da perspectiva hermenêutica-dialógica à decolonialidade**

Se a hermenêutica filosófica desenvolvida por Gadamer tem em seu pressuposto ser dialógica e não reter para si o *logos* e nem ter a pretensão de ficar com a última palavra, ela abre-se a possibilidades do autêntico diálogo, ao “Outro”, ao “diferente”, pois o diálogo se caracteriza pela abertura, conforme o teórico Rohden aponta: “Platão escreveu sua filosofia em forma de diálogo e reconheceu que filosofar

é possível somente um-com-o-outro; o diálogo aberto é para Platão o único modo como a verdade pode realizar-se” (ROHDEN, 2003, p. 184).

Gadamer leva a questão do diálogo muito a sério, ele diz:

Não podemos esconder de nós mesmos o quão duro e o quão imprescindível é que vivamos em diálogo. Não buscamos o diálogo apenas para compreender melhor os outros. Ao contrário, nós mesmos é que somos muito mais ameaçados pelo enrijecimento de nossos conceitos ao quisermos dizer alguma coisa e ao buscarmos o acolhimento do outro [...] O problema não está em não compreendermos o outro, mas em não nos compreendermos. Precisamente quando buscamos compreender o outro, fazemos a experiência hermenêutica pela qual precisamos romper uma resistência em nós, se quisermos ouvir o outro enquanto outro. Essa é, então, uma radical determinação fundamental de toda a existência humana e ela domina até mesmo a assim chamada autocompreensão (Gadamer, 1999, p. 70).

Essa postura dialógica que Gadamer assume lança luz ao conhecimento no sentido implicativo, ou seja, trata-se de um modo de conhecer que amplia o saber sobre nós mesmos e vai além de nossa própria “fronteira”, pois o diálogo pressupõe uma segunda via, um “Outro”, mais precisamente, um duplo movimento enquanto potência explicativa de duas ou mais posições, reconhecendo nessas posições a dimensão tensional presente em toda a relação com a alteridade. Neste sentido, acredita-se que, através da hermenêutica de Gadamer, podemos dar um passo adiante no encontro com o pensamento Latino-americano, pois como o hermeneuta aponta, essa abertura diz respeito à inclusão do “Outro” e seus acervos de conhecimentos, histórias, culturas, religiões, opiniões, etc., pois ela é a própria relação autêntica e, por isso, a “consciência formada hermeneuticamente tem que se mostrar receptiva, desde o princípio, para a alteridade” (GADAMER, 1999, p. 405).

Há de se reconhecer que o mundo é um lugar complexo, diversificado e multicultural. O que faz-nos pensar também em uma rede mundial interdepende, em uma dependência histórico-estrutural não apenas de âmbitos económicos ou políticos, mas, fundamentalmente, também epistêmicos (QUIJANO, 2005, p118). Existe um evento moderno planetário e suas consequências que são inegáveis e das quais não dá para “jogar fora” ou “abrir mão” de todo legado que chegou até nós, mas deve-se dialogar com as questões fundamentais, das quais contribuem para o avanço da humanidade. É preciso dar voz e rosto àqueles que não tiveram na história o seu lugar. Neste sentido, faz-se necessário pensar em alternativas que não se limite a produzir

e reforçar esta hegemonia europeia que se tornou planetária. Mais precisamente, há de valorizar também o âmbito 'extra-europeu', de movimentos identitários étnicos, como: às identidades indígenas, suas crenças, mitos e saberes espirituais; às identidades africanas, suas manifestações culturais e religiosas, que são considerados como uma resistência à colonialidade. É necessário contar as histórias que não foram contadas, das quais tem suas repercussões.

Outrossim, mesmo não sendo precisamente um "decolonial", pois essas abordagens da colonialidade se despontam em finais dos anos de 1990, Fanon com sua postura 'anticolonial' aponta, no capítulo 5 de "*Pele negra e máscaras brancas*" denominado "*A experiência vivida do negro*", a perspectiva de que o olhar do outro poderia libertá-lo. O que nos aponta a relação de "ser para-o-outro" (FANON, 2008, p.103). Faz-se necessário ver o "Outro" (podemos ler como o não europeu) para além de um objeto, de um colono, subalternizado e escravizado, ver o "Outro" além de um "outro", isto é, além de alguém minúsculo e/ ou destituído de história, pode trazer condições de possibilidade para o diálogo. Claro que nesse diálogo há muitos problemas e requer uma predisposição, Fanon também estava ciente disso ao apontar que, na relação entre o "eu" e o "outro" o negro não tem apenas de ser negro, mas de sê-lo diante do branco, a problemática que surge para Fanon é que, aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica (FANON, 2008, p.104).

Sartre também reconhece (mesmo que ao seu modo) a questão e aponta no prefácio de "*Os condenados da Terra*", os valores europeus não se ajustavam à verdade das vidas de muitos não europeus, seja na América, entre os povos indígenas ou do continente africanos, Conforme Sartre, ainda no prefácio, o humanismo deseja mostrar que são universais e as práticas racistas, persiste, particularizando-os. Para um "encontro" e/ ou diálogo da Europa e das grandes Nações com suas "colônias" faz-se necessário um duplo movimento entre aqueles que querem falar e nunca tiveram voz: os índios sacrificados, os negros escravizados, as mulheres oprimidas, os pobres, em síntese, os vencidos da história e, concomitantemente, daqueles que devem se abrir ao diálogo: a Europa (ou o Norte global), pois "a operação unilateral seria inútil, porque o que deve acontecer só pode se efetivar pela ação dos dois" (FANON, 2008, p. 180-181).

Outrossim, no tocante a colonialidade do poder, Mignolo aponta-nos que as populações dominadas têm suas identidades submetidas à hegemonia eurocêntrica, que define o que é conhecimento, por conseguinte, o imaginário é construído ao longo

da formação de um sistema colonial/moderno e resulta na mutilação epistemológica de outros saberes que não foram provenientes da Europa, na qual estabelece a dominação hegemônica de pensamento em âmbito ocidental-planetário. É urgente a constatação de Mignolo de que é necessária a *libertação epistemológica* (MIGNOLO, 2020, p. 197).

É patente que a crítica à Modernidade ultrapassa limites teóricos se impondo enquanto uma atitude “revolucionária”, no sentido de transformação, o que Dussel denominou de “transmodernidade”, que indica tanto para o prefixo *trans*, indicando além de., isto é, além da autonarrativa da Modernidade, como também indica o movimento antecedente, isto é, de releitura da história da humanidade. Através dessa postura, de visitar a história, é constatado alguns “encobrimentos” e trazê-los à tona é imprescindível para o diálogo. Em outros termos, Dussel toma partido dos vencidos e denuncia a história dos vencedores. O ponto de partida da crítica é a autonarrativa eurocêntrica, percebida em eventos como: Renascimento, quando os europeus conceberam-se a si mesmos como o centro do mundo. Essa autonarrativa traz a visão antropocêntrica, racional e impulsionadora do progresso e a Europa seria a responsável por levar essa racionalidade às outras culturas (DUSSEL, 2015, p.51).

Neste desiderato, faz-se necessário uma “*libertação*”, Dussel fala em *Ética da Libertação*, que certamente não é uma ética filosófica euro-norte-americana e nem se limita a uma ética do “Outro”, mas sim em uma ética das vítimas, pois para o pensador argentino é preciso pensar o sistema-mundo com vistas à libertação das vítimas. Neste sentido, a professora Cristina Borges aponta que Dussel propõe uma ética que afirme a vida humana, ante as barbáries para as quais a humanidade se encaminha se não mudar o rumo (BORGES, p.192).

Percebe-se que é fundamental e necessário um diálogo intercultural. Neste sentido, o grupo Modernidad/Colonialidad<sup>39</sup>, por exemplo, nos estimula na releitura da história e de tudo que nós herdamos, o que não significa se desapropriar do que existe, dos eventos planetários, mas, dialogicamente e através de uma visão crítica, em assumirmos uma interpretação daquilo que se coloca diante de nós. No reconhecimento de que não somos donos da história e sim pertencentes dela e herdeiros de todas as consequências que ela nos traz. Sendo assim, então, temos o

---

<sup>39</sup> Um dos grupos mais importantes do coletivo pensamento crítico na América Latina. Podemos citar, por exemplos, importantes teóricos críticos como: Aníbal Quijano (colonialidade), Walter Mignolo (diferença colonial) e Enrique Dussel e sua crítica à Modernidade via transmodernidade.

dever de assumirmos o compromisso histórico do que herdamos e se posicionar. Eis a hermenêutica da recepção e o compromisso em assumi-la.

À luz da hermenêutica filosófica, cuja iniciativa recebe-se de Heidegger, via diálogo, que implica em estarmos abertos ao horizonte do outro, do diferente e dos efeitos da história propriamente dita (GADAMER, 2006, p. 71), faz-se necessário ouvir verdadeiramente as vítimas que não tiveram voz na história e que foram marginalizadas. Conforme afirma Dussel, é fundamental situar tal problemática “no horizonte planetário, para tirá-la da tradicional interpretação meramente helenocêntrica ou eurocêntrica” (DUSSEL, 2007, p.19). A abertura para o diálogo é essencial, pois ele estimula a reflexão, a mediação entre o confronto de ideias e, mais do que isso, dá voz e abre-se ao “Outro”, permitindo ir além de nossas fronteiras, além de nossa terra natal e de nossos valores preconcebidos sobre algo/ alguém, permitindo que esse algo/ alguém venha à fala e que essa fala se repercuta na história.

### **Considerações finais**

Após o exposto, percebe-se que o filósofo da Floresta Negra (leia-se Heidegger) assume a postura crítica da modernidade, que tem sua matriz instaurada no método de Descartes. Ao inaugurar a Filosofia Moderna Descartes não só omite a questão do ser como também dispensa a questão sobre o sentido do ser do cogito, e sua frase icônica: “*cogito, ergo sum*”, isto é, o “penso, logo existo”, aponta que o “ser” do cogito pensante não precisa do mundo, decorre, então, a questão: como pode ele, então, existir? Falta ao sujeito cartesiano mundo, rede de referência e temporalidade. Heidegger aponta para o enraizamento histórico em seu projeto e abre pressupostos fundamentais para hermenêutica ao apontar à compreensão existencial do ser e para o fato de que nossa pré-compreensão é formada na história, onde o próprio ser está inserido e imerso.

Gadamer se apropria das intuições filosóficas de seu mestre e desenvolve sua hermenêutica filosófica centrado no ato de compreender, não como algo fixado em padrões metodológicos, mas, fundamentalmente, em algo originário e universal porque é fundamento não apenas dos textos da tradição e dos produtos do espírito, e sim de todo e qualquer saber humano que tem por base uma pré-compreensão que o antecede. Gadamer assume uma postura socrática e dialógica. Neste sentido, compreender significa entender-se uns com os outros. A compreensão acontece no

diálogo, no encontro do “diferente”, do “estranho” e isso caracteriza, em sua potencialidade, o fenômeno da compreensão e abre espaço e voz aos povos que foram colonizados, valorizando as suas manifestações, saberes e, mais diretamente, às abordagens decoloniais.

Como consequência do caminho percorrido, é proposta a reflexão do pensamento latino-americano e/ ou “extra-europeu”, através do movimento que denominamos “*da Floresta Negra ao pensamento Latino-americano: da perspectiva hermenêutica-dialógica à decolonialidade*”. Reconhecendo o fato de que o mundo é um lugar complexo, diversificado e multicultural e que se faz necessário dar voz, rosto e protagonismo àqueles que não tiveram ao longo da história, como: às identidades indígenas, seus saberes e suas espiritualidades; às identidades africanas, suas manifestações culturais e religiosas, que são considerados como uma resistência à colonialidade. Devemos, então, assumir o compromisso histórico do que herdamos, o que conflui na hermenêutica da recepção. E constata-se, fundamentalmente, que mediante o diálogo abre-se possibilidades e trajetórias ontológicas e epistemológicas para além daquelas trilhadas pela modernidade ocidental eurocêntrica.

## Referências

BORGES, Cristina. A crítica descolonial em Enrique Dussel: desmitificação da modernidade europeia. *In: Revista Poiesis*. v. 15, n. 2, pp. 184-195, 2017.

CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. Tradução de Carlos Lopes de Matos. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

DUSSEL, Enrique. *O encobrimento do outro*. A origem do mito a modernidade. São Paulo: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. DUSSEL, Enrique. *Europa, modernidade e eurocentrismo*. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D1200>. > Acesso em: 20 de julho de 2022.

DUTT, C. *En conversación con Hans-Georg Gadamer*. Presentación y traducción de Teresa Rocha Barco. Madrid: Tecnos, 1998.

FANON, Franz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_ *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.

FLICKINGER, H-G & ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. Trad. Ángela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002a.

\_\_\_\_\_ *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

\_\_\_\_\_ *Verdade e Método*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 2002b.

\_\_\_\_\_ *Verdade y Método*. Tradução de Ana Agud Aparício y Rafael de Agapito. Salamanca: Sígueme, 1984.

GRONDIN, Jean. *Hans-Georg Gadamer. Una biografía*. Tradução de Angela Ackermann Pilári, Roberto Bernet e Eva Martín Mora. Barcelona: Herder, 2001.

HEIDEGGER, M. *Meu caminho para a Fenomenologia e O Que é metafísica? Os Pensadores*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: ed. Victor Civita, 1973.

\_\_\_\_\_ *O tempo da imagem do mundo*. In: *Caminhos de floresta*. Lisboa: Calouste Gulbenkain, 1998. Pp.120-138.

\_\_\_\_\_ *Ser e Tempo*. Tradução Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: ed. Vozes, 2012

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.

MIGNOLO, Walter. A Geopolítica do Conhecimento e a Diferença Colonial. In: *Revista Lusófona de Educação*, V. 48, n.48, 2020.

\_\_\_\_\_ MIGNOLO, Walter and WALSH, Catherine. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Durham/London: Duke University Press, 2018.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969.

QUIJANO, A. *A colônialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica filosófica*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2003.

STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

## **AUTORES**

**Adriana Fernandes Balbi**

Bacharel em Teologia (CESJF); Pós Graduada em Complementação Pedagógica (IBRA); Pós Graduada em Ciências da Religião (IBRA); Mestranda em Ciências da Religião PUC Minas; bolsista FAPEMIG. Email: adrianaf.balbi@gmail.com

**Andreлина Aparecida Gonzaga Oliveira Dombrowski**

Especialista em metodologia do ensino da filosofia sociologia e em metodologia do Ensino Religioso. Professora da rede estadual do Paraná. Contato: andrelinaagod@gmail.com

**Arthur Augusto de Oliveira Nogueira**

Teólogo e especialista em gestão empresarial.

**Deise Regina Badotti Bastos**

Mestranda em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR. Teóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. E-mail: deiserbbastos@gmail.com

**Donato Farinelli de Souza**

Mestre em Teologia, linha de pesquisa releitura de textos e contextos bíblicos pela faculdade Batista do Paraná. Pós-graduado em Teologia Bíblica e Sistemática Pastoral pelo Seminário Batista do Sul do Brasil. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Sul Americana. Autor do livro Cosmovisão cristã: um estudo aplicado ao contexto eclesial sob a ótica de I Coríntios E-mail: farinelli.donato@gmail.com

**Elias Wolff**

Doutor em Teologia. Membro do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR. E-mail: elias.wolff@pucpr.br

**Felipe de Lima França**

Graduando em História pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: felipefranca@gmail.com

**Jean Michel Alves Damasceno**

Educador e Pastoralista. Trabalhou como Assessor de Missão nas Escolas Confessionais do Marista Centro Norte. Estudante do curso de Pedagogia pela Rede Claretiano e atua na Escola Padre Pedro Arrupe pela Rede Jesuita de Educação.

**Jungley de Oliveira Torres Neto**

Doutorando na área de Filosofia da Religião pelo PPCIR, mestre em Filosofia e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora - MG.

**Lucimar Rosa Dias**

Doutora em educação. Coordenadora do ErêYá- Grupo de Estudos em Educação para as Relações Étnico-Raciais. Membro do NEAB- Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro –UFPR - Programa de Pós-Graduação - PPGE/ UFPR – Linha Diversidade, Diferença e Desigualdade Social, Departamento de Planejamento e Administração - DEPLAE/Setor Educação.Contato: lucimardias1966@gmail.com

**Maritana Drescher da Cruz**

Doutoranda em educação pela UFPR. Professora da rede estadual do Paraná. Contato: maritana.historia@gmail.com

**Naiara Ferraz Bandeira Alves**

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões / UFPB. Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal da Paraíba (2003) e Mestrado em História pela Universidade Federal da Paraíba (2006). Atualmente é professora da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da Paraíba atuando principalmente nos seguintes temas: Irmandades Negras, Parahyba (século XIX), história local, Religião e religiosidades, sincretismos e identidades.

**Renato Quezini**

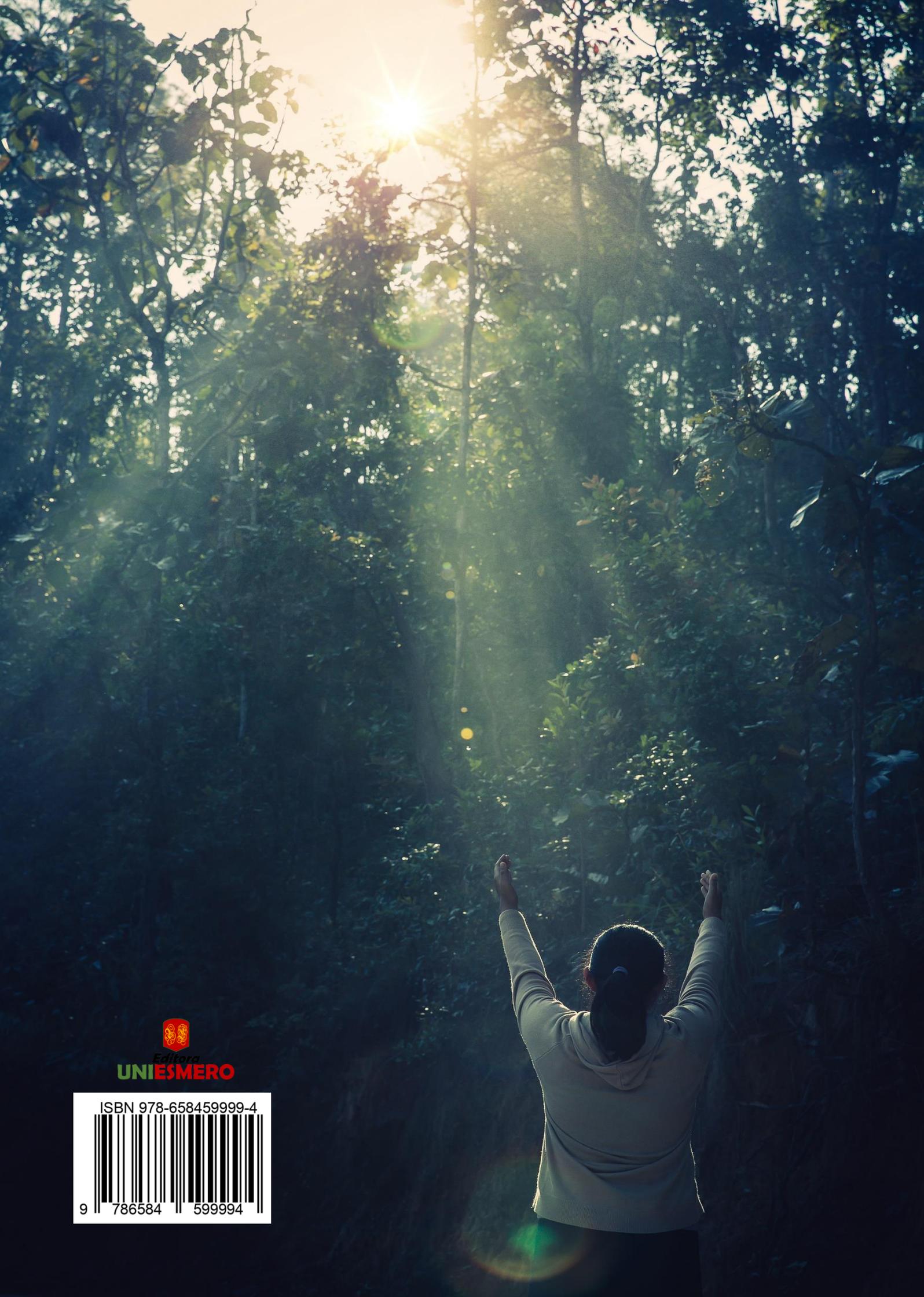
Presbítero da Arquidiocese de Maringá. Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), bolsista CAPES. Especialista em liturgia (UNISAL), espiritualidade cristã e orientação espiritual (FAJE) e counseling (FAV), bacharel em filosofia(IFAMA) e teologia (PUC-PR). rquezini@yahoo.com.br

**Severino Vicente da Silva**

Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é professor Associado do Departamento de História da mesma universidade, membro do Instituto Histórico de Olinda, Membro da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina – CEHILA. E-mail: severino.vicente@gmail.com. ORCID: 000000189111409

**Tiago Borges de Almeida**

Teólogo, historiador, especialista em ensino religioso e mestrando em ciências das religiões.



  
Editora  
**UNIESMERO**

ISBN 978-658459999-4



9 786584 599994